

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

IGOR ALEXANDER WEBEL RAMOS

**REPRESENTAÇÕES DO FOLCLORE ARGENTINO E IDENTIDADE NACIONAL
EM JUAN ALFONSO CARRIZO E RICARDO ROJAS (1917-1939)**

FRANCA

2022

IGOR ALEXANDER WEBEL RAMOS

**REPRESENTAÇÕES DO FOLCLORE ARGENTINO E IDENTIDADE NACIONAL
EM JUAN ALFONSO CARRIZO E RICARDO ROJAS (1917-1939)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista (PPGH/UNESP), como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Cultura Social
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tânia da Costa Garcia

R175r

Ramos, Igor Alexander Webel

Representações do folclore argentino e identidade nacional em Juan Alfonso Carrizo e Ricardo Rojas (1917-1939) / Igor Alexander Webel Ramos. -- Franca, 2022

132 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca

Orientadora: Tânia da Costa Garcia

1. História da América Latina. 2. Argentina. 3. Folclore. 4. Cultura popular. 5. Identidade nacional. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

IGOR ALEXANDER WEBEL RAMOS

**REPRESENTAÇÕES DO FOLCLORE ARGENTINO E IDENTIDADE NACIONAL
EM JUAN ALFONSO CARRIZO E RICARDO ROJAS (1917-1939)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, campus de Franca, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: História e Cultura Social

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____

Prof.^a Dr.^a Tânia da Costa Garcia, UNESP

Membro Titular: _____

Prof.^a Dr.^a Gabriela Pellegrino Soares, USP

Membro Titular: _____

Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa, UNESP

Franca, ____ de _____ de 2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Tânia da Costa Garcia, responsável pelo meu primeiro contato com o tema, pela paciência, atenção e contribuições que fizeram esse trabalho possível. À Prof.^a Dr.^a Gabriela Pellegrino Soares e ao Prof. Dr. José Luis Bendicho Beired, cujas considerações apresentadas na banca de qualificação contribuíram sobremaneira para o andamento da dissertação. À UNESP e seus funcionários, principalmente Maísa e Adriana, por toda ajuda com os tramites burocráticos.

Aos meus pais, Rita e Sebastião, pelo suporte emocional, pelo incentivo aos estudos e por todos os conselhos que me acompanharam durante minha trajetória. À minha irmã, Nathalia, pela amizade, pelas conversas e por ser um exemplo de dedicação. Aos meus padrinhos, por todos os mimos e apoio durante estes anos. Aos meus avós, em especial ao senhor Benedito, pela companhia e cuidado durante os primeiros anos do ensino fundamental.

À minha namorada, Ana Paula, que me acompanha desde 2016 e esteve presente em todo o processo envolvido neste trabalho. Obrigado pela compreensão, carinho e companheirismo durante todos os momentos, sejam eles felizes ou não.

Aos amigos de morada e agregados, especialmente Hiago, Gabriel, Leonardo, Frederico, Fernando e Alexandre, por todos os momentos de descontração, ideias estúpidas e risadas. Às amigas de Barretos que carrego desde a infância: Alex, Bruno, Gabriel, Renan, Rafael e Idalcino. Aos colegas de docência e alunos do Cursinho Popular Colégio Champagnat, a minha primeira experiência com a profissão não poderia ter sido melhor.

Por fim, agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (processo nº 2020/10468-3), que financiou esta pesquisa com uma bolsa regular de mestrado no país entre 01/09/2021 e 30/09/2022. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001, entre 01/10/2020 e 31/08/2021.

RAMOS, Igor Alexander Webel. **Representações do folclore argentino e identidade nacional em Juan Alfonso Carrizo e Ricardo Rojas (1917-1939)**. 2022. 131p. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Franca, 2022.

RESUMO

A aproximação do primeiro centenário da revolução de Maio de 1810, alinhado ao contexto conturbado do início do século XX, trouxe consigo a necessidade de repensar a identidade nacional argentina. Tendo como propósito manter ou retomar antigas hegemonias, grupos políticos da capital e do interior, com interesses conflitantes e atravessados pelo paradigma ‘civilização ou barbárie’, enxergaram no campo da folclorologia a possibilidade de propagar representações identitárias em busca de legitimação simbólica. Na década de 1920, em um momento no qual o avanço das políticas encabeçadas pela União Cívica Radical significa a perda de capital econômico e de posições no sistema político para os industriais açucareiros da província de Tucumán, Juan Alfonso Carrizo, um professor da província de Catamarca, publica o livro “Antiguos Cantos Populares Argentinos” (1926), no qual apresenta uma argentinidade unicamente hispânica e católica, alinhando-se ideologicamente à Alberto Rougès e Ernesto Padilla, antigos nomes da política tucumana que irão ajudá-lo em sua trajetória como estudioso do folclore. A partir das obras e cartas escritas por Ricardo Rojas e Alfonso Carrizo e do epistolário de Alberto Rougès e de Ernesto Padilla, nosso propósito é analisar os espelhamentos entre reconfigurações da identidade argentina e os embates ideológicos travados entre os grupos em disputa pelo poder, mapeando as redes de sociabilidade que proporcionaram a Carrizo a inserção em um campo intelectual em processo de consolidação.

Palavras-chave: Folclore; Cultura popular; Identidade nacional; Juan Alfonso Carrizo; Ricardo Rojas.

RAMOS, Igor Alexander Webel. **Representations of Argentine folklore and national identity in Juan Alfonso Carrizo e Ricardo Rojas (1917-1939)**. 2022. 131p. Dissertation (Master in History) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2022.

ABSTRACT

The approach of the first centenary of 1810's May revolution, aligned with the troubled context of the early twentieth century, brought the need of rethinking the Argentine national identity. With a purpose of keeping or reassuring old hegemonies, between conflicting interests and intertwined by the civilization or barbarism paradigm, both countryside and capital political groups saw in a folkloric field the possibility of propagating identity representations in search of a symbolic legitimation. In the 1920s, at a time which the advance of policies led by The Radical Civic Union meant the loss of economic capital and positions in the political system for the Tucumán sugar industrialists, Juan Alfonso Carrizo, a professor from the province of Catamarca, published the book “Antiguos Cantos Populares Argentinos” (1926), in which he uniquely presented Hispanic and Catholic Argentinian traits, ideologically aligning himself with Alberto Rougès and Ernesto Padilla, former names of Tucuman politics that would help him in his trajectory as a folklore scholar. Based on works and letters written by Ricardo Rojas and Alfonso Carrizo, along with Alberto Rougès' and Ernesto Padilla's epistolary, our purpose is to analyze the mirroring between reconfigurations of Argentinian identity and the ideological clashes waged between power rivalry groups, charting sociability networks that provided Carrizo his insertion in an intellectual field amidst a consolidation process.

Keywords: Folklore; Popular culture; National identity; Alfonso Carrizo; Ricardo Rojas.

RAMOS, Igor Alexander Webel. **Representaciones del folklore argentino y de la identidad nacional en Juan Alfonso Carrizo e Ricardo Rojas (1917-1939)**. 2022. 131p. Disertación (Maestría en Historia) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Franca, 2022.

RESUMEN

El acercamiento del primer centenario de la revolución de mayo de 1810, alineado con el contexto turbulento de principios del siglo XX, trajo consigo la necesidad de repensar la identidad nacional argentina. Teniendo como propósito mantener o retomar antiguas hegemonías, grupos políticos de la capital y del interior, con intereses conflictivos y atravesados por el paradigma de la civilización o barbarie, vieron en el campo del folklore la posibilidad de propagar representaciones identitarias en busca de legitimación simbólica. En la década de 1920, en un momento en que el avance de las políticas encabezadas por la Unión Cívica Radical significa la pérdida de capital económico y de posiciones en el sistema político para los industriales azucareros de la provincia de Tucumán, Juan Alfonso Carrizo, un profesor de la provincia de Catamarca, publica el libro “Antiguos Cantos Populares Argentinos”, presentando una identidad argentina únicamente hispana y católica, alineándose ideológicamente con Alberto Rougès y Ernesto Padilla, antiguos nombres de la política tucumana que le ayudarán en su trayectoria como estudioso del folklore. A partir de las obras y cartas escritas por Ricardo Rojas y Alfonso Carrizo y del epistolario de Alberto Rougès y de Ernesto Padilla, nuestro propósito es analizar los espejismos entre reconfiguraciones de la identidad argentina y los embates ideológicos trabados entre los grupos en disputa por el poder, mapeando las redes de sociabilidad que proporcionaron a Carrizo su inserción en un campo intelectual en proceso de consolidación.

Palabras clave: Folklore; Cultura popular; Identidad Nacional; Alfonso Carrizo; Ricardo Rojas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1. A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL E A DESCRENÇA NO PROGRESSO: FORMULAÇÕES SOBRE UM NOVO NACIONAL.....	22
1.1. Civilização versus barbárie: um novo olhar para um antigo problema.	22
1.2. Alfonso Carrizo, Ernesto Padilla e a modernidade portenha.	37
1.3. A <i>Encuesta</i> de 1921 e a construção de um campo dedicado ao folclore.....	42
CAPÍTULO 2 – O FOLCLORE TUCUMANO: UMA RESPOSTA CONSERVADORA.	51
2.1. Indústria açucareira e política local.	51
2.2. O fim da Ordem Conservadora: política e cultura nos governos radicais.....	63
2.3. O Cancionero de Catamarca: a reação provincial frente às políticas radicais.	70
CAPÍTULO 3 - A DÉCADA DE 1930 E A DISPUTA EM TORNO DO FOLCLORE .	84
3.1. União Cívica Radical e argentinidade: <i>El radicalismo de mañana</i> de Ricardo Rojas	84
3.2. Alfonso Carrizo e os <i>Cancioneros</i> da década de 1930.	102
3.3. <i>Educación y Tradición</i> : a cultura hispânica em Tucumán e a crise na educação.	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
REFERÊNCIAS	126
Fontes	126
Bibliografia	129

INTRODUÇÃO

Na Argentina, os projetos acerca da construção do Estado Nacional são vastos, e a relação com o mundo rural e a cultura camponesa varia de acordo com o momento em que são mobilizados. A historiadora Maria Lígia Prado destaca a dualidade proposta por Domingo Faustino Sarmiento no livro *Facundo ou Civilização e Barbárie*, de 1845, no qual o autor busca atrelar a barbárie ao campo e o progresso à cidade¹. Com a intenção de erradicar o atraso, as elites dirigentes do período enxergam no imigrante europeu fixado na urbe a possibilidade de iniciar um processo civilizatório, fortalecer o Estado e as instituições argentinas.

O século XIX também marca o interesse dos homens de letras pela cultura popular. Após um longo período de repressão por parte da igreja, do Estado-Nação, e da busca pela racionalidade e universalidade iluminista, o encantamento pelo diferente e pelo desconhecido desperta novamente a atenção dos letrados. Um sintoma dessa retomada é o surgimento de um novo tipo de intelectual: o antiquário². Renato Ortiz destaca a influência do pensamento de Johann Herder e do romantismo alemão nessa mudança, e mostra que, apesar do olhar diferenciado, o que chama a atenção desses estudiosos não são aspectos concretos da vida das classes populares, mas “sua idealização através da noção de povo³”. Essa distinção é vital para nosso estudo, pois, desde então, a idealização das práticas da população campesina é utilizada para designar o que seria o legítimo folclore⁴.

Os primeiros estudos sobre esse tema na Argentina estão localizados nas últimas décadas século XIX, tendo como precursor Samuel Lafone Quevedo (1835-1920), autor de cartas públicas no jornal *La Nación* entre 1883 e 1885, nas quais trata de “costumes, contos e anedotas tradicionais da província de Catamarca, recolhidas diretamente da boca do povo⁵”. A esse primeiro olhar para a cultura popular, somam-se também as iniciativas de Adán Quiroga, Eric Boman (1867-1924) e Juan B. Ambrosetti (1865-1917), cujos trabalhos seguem pressupostos semelhantes ao de Quevedo, mas em províncias diferentes.

¹ PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina do século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: EDUSP, 2004, p.161.

² ORTIZ, Renato. *Românticos e Folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Ed. Olho d'água, 1993, p.12.

³ Idem, p.26.

⁴ Kaliman entende folclore como “uma apropriação de um certo conjunto de práticas populares por parte dos setores intelectuais das sociedades nacionais para acomodá-los e interpretá-los em função de suas próprias categorias e suas próprias necessidades históricas” [2004, p.27], tradução do autor.

⁵ BLACHE, Marta. *Folklore y Nacionalismo en la Argentina: su vinculación de origen y su desvinculación actual*. In: **Runa: Archivo para las ciencias del hombre**. v.20, n.º.1, p.69-89, 1992, p.75, tradução do autor.

Adentrando o século XX, outras pesquisas sobre esse tema continuam a surgir, mas seus condutores já não contavam com a mesma capacitação de seus antecessores. O folclore passou a ser objeto de estudos de escritores, historiadores, advogados, militares e descendentes de famílias das elites provinciais que não contavam com os “instrumentos adequados para recolhê-lo e analisá-lo⁶”. Esses estudiosos, por sua vez, voltaram seu olhar para os habitantes do interior das províncias que não tinham contato com o cosmopolitismo de Buenos Aires e encontraram, nessa população campesina, “o reservatório da essência das comunidades nacionais⁷”. Nessa perspectiva, exclui-se a cultura indígena, vista como objeto de estudo da arqueologia, uma vez que aqueles que a compartilhavam eram considerados como vencidos pela colonização e, portanto, haviam deixado de existir. A contribuição desses povos para a formação da argentina era considerada apenas a partir da mestiçagem de suas manifestações culturais com as de origem hispânica⁸.

Os estudiosos que se dedicavam a esse tema buscam repensar a dualidade apresentada por Sarmiento tendo em vista o contexto conturbado pelo qual passavam. A complexidade social trazida pela modernidade⁹ e a circulação de ideologias ligadas à esquerda política, resultado da política imigrantista, foram geradoras de grandes tensões devido às “demandas e requisitos diversos, geralmente expressos de forma violenta, proveniente dos distintos atores que iam se definindo na medida em que a sociedade se estabilizava e diversificava¹⁰”. Soma-se a isso os eventos desencadeados pela Primeira Guerra Mundial, que abrem espaço para o questionamento das ideias advindas da Europa, entre eles a noção de que a nação está fundamentada em critérios liberais e universalistas. Após esses acontecimentos, as questões políticas passam a ocupar papel secundário nos escritos dos intelectuais latino-americanos, e a cultura se torna peça central nas formulações sobre o que constitui o nacional¹¹.

É também na década de 1910 que a política argentina toma caminhos diferentes, em grande parte devido à lei Saénz Peña, de 1912, que estabelece o direito ao voto secreto e obrigatório aos homens argentinos. Nas eleições seguintes, graças às transformações sociais e a ampliação dos contemplados pelo direito ao sufrágio, chega ao fim o que a historiografia

⁶ BLACHE, Marta. *Folklore y Nacionalismo en la Argentina: su vinculación de origen y su desvinculación actual*. In: **Runa: Archivo para las ciencias del hombre**. v.20, nº.1, p.69-89, 1992, p. 77, tradução do autor.

⁷ GARCIA, Tânia da Costa. *Do Folclore à Militância: a canção latino-americana no Século XX*. São Paulo: Letra e Voz, 2021, p.50.

⁸ Ibidem, p. 53.

⁹ Koselleck define a modernidade como um “tempo de transição” [2006, p.303], em que o presente é visto como tempo de construção.

¹⁰ ROMERO, Luís Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001, p.31, tradução do autor.

¹¹ FUNES, Patrícia. *Salvar la Nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros Editorial, 2006, p.71, tradução do autor.

conhece como Ordem Conservadora¹². Em 1916, Hipolito Yrigoyen, candidato pelo partido União Cívica Radical, um ávido crítico das oligarquias¹³, é eleito presidente. Segundo Vitor Néia, o “desejo de maior participação política contribuiu para aproximar a União Cívica Radical dos sindicatos, mesmo que a maioria dos trabalhadores orbitasse em torno do anarquismo, do Partido Socialista e, posteriormente, do Partido Comunista¹⁴”. De acordo com Gabriela Pellegrino, “os anos de governo *radical* (1916-1930) abriram espaço político para setores populares *criollos* e filhos de imigrantes que queriam integrar-se à vida política nacional¹⁵”.

Vendo sua hegemonia ameaçada, grupos interessados na manutenção de seu poder político e econômico necessitavam repensar as representações da identidade nacional de forma que essas atuassem a seu favor e legitimassem suas ações e posições privilegiadas dentro do Estado. Essa necessidade foi atendida a partir de alianças entre o poder público e intelectuais de interesses semelhantes¹⁶. Tal alinhamento era benéfico para ambos, tanto para a oligarquia, que se via ameaçada pelos desdobramentos do processo de urbanização e as novas demandas sociais e políticas, quanto para os escritores, que estavam em busca da profissionalização de sua atividade.

Entretanto, anterior ao olhar desses setores para a cultura camponesa e suas práticas, os folhetins *gauchescos*, surgidos na segunda metade do século XIX, já abordavam muitos dos temas tratados pelos intelectuais do século XX, como a exaltação do campo e dos costumes rurais. O *criollo*¹⁷, muitas vezes foi representado nessa vertente literária pela figura do *gaucho*, um “antigo cavaleiro mestiço¹⁸”.

Entre aqueles que se dedicaram ao estudo dessa literatura, Ricardo Rojas (1882-1957), escritor natural de San Miguel de Tucumán, foi um dos que obteve maior reconhecimento. Apesar de não considerar a contribuição indígena na formação da nação de forma isolada, mas

¹² Período delimitado entre 1880 e 1916 caracterizado pela sucessiva eleição de presidentes do Partido Autonomista Nacional (PAN), cujos membros eram participantes da geração de 1880 ou influenciados por seu pensamento liberal.

¹³ Seleto grupo de pessoas cuja família detém terras desde o período colonial.

¹⁴ NEIA, Vitor Hugo. *A Encuesta Nacional del Folklore de 1921: cultura popular e nacionalismo argentino*. 2016. 235 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p.38.

¹⁵ PELLEGRINO, Gabriela Soares. *Monteiro Lobato, Juan P. Ramos e o papel dos inquéritos folclóricos na formação cultural e política da nação*. In: **Varia Historia**, Vol. 31, núm.56, pp. 423- 448, 2015, p. 429. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=3844/384441899006>. Acesso: 15 de Fevereiro de 2021.

¹⁶ CHEIN, Diego José. *Escritores y estado en el centenario: apogeo y dispersion de la literatura nativista argentina*. In: **Revista Chilena de Literatura**. *Núñua*, n.º. 77, 2010, p.52, tradução do autor.

¹⁷ Segundo Santiago, o termo *criollo* não conta com uma precisão etimológica, entretanto, “na Argentina decimônica, o *criollo* peculiar era o rural” (2010, p.200).

¹⁸ SANTIAGO, Javier Sanchez. *El aporte del “criollismo” a la forja de la identidad nacional argentina*. In: **Tinkuy**, n.12, 2010, p.145, tradução do autor.

sim abordá-la a partir da concepção de mestiçagem, Rojas é um grande defensor da importância das culturas pré-colombianas para a construção da Argentina, repudiando qualquer ideia que aponte para a superioridade da Europa sobre a América¹⁹. A partir de contato com intelectuais indigenistas peruanos, o escritor argentino visa, através das províncias do Noroeste, estabelecer conexões entre o indígena de seu país e o Império Inca. Sua relação com esses intelectuais ia além da mera concordância nesta questão, pois o intercâmbio de livros e ideias entre o argentino e os peruanos Luis Eduardo Valcárvel Vizcarra e José Uriel García ocorreram com frequência nas décadas de 1920 e 1930²⁰. O objetivo do intelectual tucumano era fazer com que sua obra atingisse as camadas médias de seu país, estabelecendo as províncias do Noroeste como reservatórios da identidade nacional. A partir de seu lugar social – um homem natural de Tucumán que se mudou para a capital – considerava-se capaz de fazer a ponte da cultura interiorana com o cosmopolitismo de Buenos Aires.

Contudo, no ímpeto de compreender e sistematizar a literatura nacional, Rojas e demais escritores envolvidos nessa empreitada acabam por privilegiar personagens livrescos²¹, que contemplam um *gaucho* tradicional, ao abordar a literatura *gauchesca*. Essa escolha deixa de lado os aspectos modernos dos personagens presentes nos folhetins de mesma temática. Ao privilegiar os aspectos tradicionais desses personagens, o tucumano “acaba oferecendo sentido à relação ‘nação’ e ‘modernidade’ segundo seus próprios ideais²²”, sendo esses os temores frente à erosão de uma antiga ordem ameaçada pelos imigrantes, o conflito social e o cosmopolitismo²³.

Outro ponto de destaque na carreira do autor encontra-se em sua atuação na esfera educacional, onde trabalhou principalmente na inserção de símbolos da tradição nacional e da cultura *gauchesca* nas escolas. Atuou também, acompanhado de Juan Pedro Ramos, na primeira compilação do folclore argentino, através da *Encuesta Nacional del Folklore* de 1921. Consolidando o pensamento de que a verdadeira cultura argentina se encontrava

¹⁹ FERRÁS, Graciela. *Ricardo Rojas: nacionalismo, inmigración y democracia*. Buenos Aires: UDEBA, 2017, p.102, tradução do autor.

²⁰ MAILHE, Alejandra. *Ricardo Rojas: viaje al interior, la cultura popular y el inconsciente*. In: **Anclajes**, v. 21, n° 1, janeiro-abril 2017, pp. 21-42, p.35, tradução do autor.

²¹ Um grande exemplo são as constantes menções ao poema *El Gaucho Martín Fierro* (1872) de José Hernández (1834-1886).

²² MINELLI, Ivía. *La Tradición se Apea: Revistas Criollas e Intelectualidade Criollista na Argentina (Final do século XIX – Início do XX)*. 2018. 208 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2018, p.33.

²³ FUNES, Patricia. *Leer versos con los ojos de la historia. Literatura y nación en Ricardo Rojas y Jorge Luis Borges*. História [online], vol.22, n°2, 2003, p. 109. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-90742003000200006&script=sci_abstract&tlng=es Acesso em: 10/09/2022.

distante das cidades, o projeto previa a coleta, realizada pelos professores das escolas provinciais, da cultura de tradição oral passada de geração em geração²⁴.

Assiste-se, assim, a um crescente interesse pela cultura popular camponesa que passa a ser considerada importante peça na construção do folclore nacional. Nos anos seguintes, as recompilações tornam-se frequentes e, de acordo com os escritos de Kaliman:

se destaca a de Juan Alfonso Carrizo, quem, com o apoio dos membros proeminentes da oligarquia tucumana, deu à luz a uma série de monumentais cancioneros de poesia popular recolhida nas províncias do Noroeste argentino (exceto Santiago del Estero, onde tal obra foi realizada por Orestes di Lullo)²⁵.

Apesar do tamanho de sua obra e da relevância de seu trabalho, Juan Alfonso Carrizo (1895-1957) não é tema de muitas pesquisas. Durante a análise da bibliografia, foi possível delimitar apenas dois pesquisadores que desenvolveram investigações sobre esse autor: Oscar Chamosa²⁶, que o menciona em um livro sobre estudiosos do folclore argentino, e Diego Chein²⁷, que em um capítulo de livro aborda aspectos mais tardios da carreira de Carrizo. Ambas publicações estão disponíveis apenas em espanhol, sendo assim, nossa dissertação é o primeiro estudo em português a investigar as redes de sociabilidade de um intelectual bastante relevante na construção de representações sobre o folclore e identidade argentina.

As oligarquias e o poder público ocuparam papéis importantíssimos no financiamento da carreira de Rojas, e com Carrizo não foi diferente. Nascido na província de Catamarca, antes de ingressar em sua carreira como folclorista, Alfonso Carrizo atuava como professor, mas seu gosto pela pesquisa e o contato com Ernesto Padilla²⁸ e Alberto Rougès²⁹, ambos tucumanos de perspectivas conservadoras, o levaram a ser conhecido por seu trabalho como um dos maiores compiladores de poesia oral da América Latina.

Padilla e Rougès faziam parte de um grupo seletivo de produtores de açúcar que conseguiram se estabelecer economicamente nos anos finais do século XIX. Tendo sua

²⁴ NEIA, Vitor Hugo. *A Encuesta Nacional del Folklore de 1921: cultura popular e nacionalismo argentino*. 2016. 235 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p.126.

²⁵ KALIMAN, Ricardo. *Alhajita es tu canto: el capital simbólico de Atahualpa Yupanqui*. Córdoba: Comunicarte Editorial, 2004, p.44-45, tradução do autor.

²⁶ CHAMOSA, Oscar. *Breve Historia del Folklore Argentino 1920-1970: identidad, política y nación*. Buenos Aires: Edhasa, 2012.

²⁷ CHEIN, Diego José. *Provincianos y porteños: la trayectoria de Juan Alfonso Carrizo en el período de emergencia y consolidación del campo nacional de la folklorología (1935-1955)*. In: ORQUERA, Fabiola (org). *Ese ardiente jardín de la república. Formación y desarticulación de un “campo” cultural: Tucumán, 1880-1975*. Córdoba: Alción Editora, 2010.

²⁸ Governador de Tucumán pelo Partido Autonomista Nacional entre 1913 e 1917, ocupou diversos cargos políticos após concluir sua formação em Direito pela Universidade de Buenos Aires.

²⁹ Doutor em direito e grande expoente da filosofia no noroeste argentino. Era dono do engenho Santa Rosa, um dos maiores da região.

economia alavancada com a construção de ferrovias, a província de Tucumán passou por um processo de concentração de terras no início do século XX que fortaleceu a oligarquia local e fomentou um processo de industrialização que culminou na construção dos engenhos. Boa parte do sucesso econômico da produção açucareira da província esteve diretamente ligada às medidas protecionistas sancionadas pelo Estado liderado pelo Partido Autonomista Nacional, do qual Padilla e Rougès faziam parte. Essas medidas, por sua vez, foram implementadas por conta da capacidade desses industriais expressarem suas demandas politicamente.

Contudo, a eleição de Yrigoyen determina um marco na postura do Estado, que passa a se atentar em atender às reivindicações dos setores populares frente aos interesses dos conservadores tucumanos que, além da perda dos benefícios fiscais, também precisavam lidar com leis trabalhistas. É nesse contexto de perda de posições dentro do sistema político que Padilla tem contato com a obra de Carrizo e posteriormente a apresenta a Alberto Rougès.

Interessados em resgatar um passado diferente do propagado por aqueles designados como portenhos, os dois tucumanos colaboraram com a formação de Carrizo, esperando que ele desempenhasse papel semelhante ao de Rojas, mas com as adaptações que julgavam necessárias. As concepções de Padilla e Rouges, apesar de evocarem a mesma região, negavam a presença da cultura indígena na construção da argentina. Os elementos que constituíam o nacional popular, presentes nas províncias do Noroeste, eram provenientes da herança hispânica e católica, típica das famílias dos industriais açucareiros da província de Tucumán. Corroborando esse pensamento, a obra de Carrizo visa construir representações de um folclore marcado por esse legado.

Oscar Chamosa³⁰ destaca também a importância do voto dos trabalhadores das áreas rurais para as elites provinciais, visto que a maior parte dos votantes residentes em cidades se opunha aos seus ideais. Com o fim da Ordem Conservadora, em 1916, a elite de Tucumán ligada à indústria açucareira, da qual Padilla e Rouges fazem parte, passa a sofrer pressão de partidos políticos e também da mídia local, devido às más condições de trabalho oferecidas a seus empregados. Com a diminuição das fraudes eleitorais, era necessário cativar o eleitor de novas formas. É “onde [então] o folclore toma a frente. Imbuído nas tradições locais, políticos ligados à indústria açucareira se retratavam como pessoas que partilhavam da mesma cultura que seus empregados, tentando parecer líderes naturais daquela sociedade³¹”.

Além disso, o centralismo de Buenos Aires, sobretudo político, é algo extremamente

³⁰ CHAMOSA, Oscar. *The Argentine Folklore Movement: sugar elites, workers, and the politics of cultural nationalism, 1900-1955*. Tucson: The University of Arizona Press, 2010, p.70, tradução do autor.

³¹ Ibidem, p.92, tradução do autor.

incômodo para a elite provincial. Durante os anos do governo da União Cívica Radical, esse centralismo mostra-se ainda mais forte através das intervenções realizadas pelo presidente Hipólito Yrigoyen. Soma-se a todos esses agravantes que prejudicavam os interesses dos industriais açucareiros, a maior participação política da população que, majoritariamente, alinha-se aos ideais dos partidos de esquerda ou da UCR, ambos opositores dos conservadores de Tucumán.

A ideia de que a identidade argentina estava representada principalmente pelo *gaucho* também era um problema a ser enfrentado. O trabalho de Carrizo é visto com importância pelos conservadores tucumanos em um momento em que essa personagem aparece nos escritos de intelectuais, literatos e nos folhetins que circulavam entre os setores populares como sinônimo de argentinidade. Sua origem, estabelecida na mestiçagem entre as culturas indígenas e espanhola, fazia frente ao passado puramente hispânico e católico que, na perspectiva conservadora, as províncias do Noroeste argentino partilhavam.

Nesse sentido, os conservadores tucumanos encontram problemas em duas frentes que estão relacionadas: uma diz respeito aos estudos do folclore e das representações construídas em torno do nacional que, ao apresentarem o *gaucho* como símbolo da argentinidade, atribuíam valores positivos à mestiçagem, o que na perspectiva desses conservadores diminuía a importância da cultura hispânica na formação da Argentina; a outra no espectro político, tendo em vista os avanços radicais e o aumento da participação popular. A perda de posições nos poderes executivo e legislativo também gera consequências econômicas, uma vez que boa parte do sucesso da indústria açucareira tucumana estava relacionada aos incentivos fiscais e empréstimos fornecidas por um Estado que outrora esteve sob influência do Partido Autonomista Nacional. Considerando o exposto, entendemos que as discordâncias em torno das representações identitárias centradas no nacional conectam o ideal de consagração de um campo intelectual centrado no folclore às intrincadas disputas políticas.

Tendo em vista essa proposição, mapeamos e analisamos os principais projetos de identidade nacional a ganhar relevância na Argentina após a Primeira Guerra Mundial, estendendo-se até a década de 1930. Analisamos os espelhamentos entre reconfigurações do folclore, identidade argentina e os embates discursivos travados dentro do campo intelectual diante da necessidade de legitimação simbólica de agentes políticos diversos que buscavam perpetuar sua hegemonia, considerando as transformações impostas pela modernidade. Identificamos como foi construída a relação pessoal entre Alfonso Carrizo e Ricardo Rojas, as posições ocupadas por ambos dentro do campo de estudos do folclore, assim como suas discordâncias frente à definição do que constitui o nacional popular argentino. Por fim,

delimitamos suas filiações políticas e alinhamentos ideológicos, examinando a influência e interferência desses fatores em suas elaborações sobre a identidade nacional. Para tanto, utilizamos como fonte as cartas escritas por Alfonso Carrizo, Ricardo Rojas, Ernesto Padilla e Alberto Rougès.

Para a análise deste material, são caras as considerações de Fabiana Fedrigo, que chama atenção para os procedimentos e os cuidados a serem adotados:

escolher para quem escrever, como escrever, saber de onde se escreve, todas essas interrogações devem cativar de imediato o pesquisador. Dessas questões iniciais nascem as seguintes problemáticas: 1) quem é o sujeito que escreve a carta, como ele se coloca frente ao que escreve; 2) a escrita da carta e a apreensão fragmentária do indivíduo, 3) o tempo e a linguagem na carta³².

Considerando a necessidade de examinar as representações sobre o nacional popular construídas pelos intelectuais mencionados, também fizeram parte do escopo de fontes selecionadas os livros *Historia de la literatura argentina* (1917) e *El Radicalismo de Mañana* (1931) de Ricardo Rojas; *Antiguos cantos populares argentinos: Cancionero de Catamarca* (1926); *Cancionero Popular de Salta* (1933); *Cancionero Popular de Tucumán* (1936) e *Cantares tradicionales del Tucumán* (1939), de Alfonso Carrizo.

Rojas, já tendo notável relevância intelectual encabeçando projetos a partir da Universidade de Buenos Aires, busca a construção de uma identidade coesa, capaz de abarcar e homogeneizar as culturas diversas que conviviam na capital argentina durante o período. Para além dos compilados realizados através da *Encuesta del Folklore* de 1921, o intelectual utiliza de seu espaço para pensar os problemas que orbitam o nacional e uma maneira de resolvê-los.

Os livros de Carrizo, por outro lado, utilizam metodologia diferente. Aproveitando de sua proximidade com as províncias do Noroeste argentino, o intelectual realiza sua pesquisa a partir do contato direto com as populações camponesas, compilando canções e poesias orais e anônimas, publicando sua perspectiva sobre a cultura popular nos prefácios de suas obras.

Dado o apego dos autores estudados a essa categoria, as problematizações apresentadas por Stuart Hall em seu livro *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais* nos são bastante úteis. Segundo o sociólogo, no início do século XX, as manifestações culturais comuns às classes populares estavam em constante disputa, uma vez que para determinados setores, a constituição de uma nova ordem social fomentada pela modernidade exigia processos de

³² FREDRIGO, Fabiana de Souza. *História e Memória no Epistolário de Simón Bolívar (1799- 1830)*. 2005. 273 f. Tese (Doutorado) – Faculdade Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Franca, 2005, p.44.

“reeducação no sentido mais amplo³³”, e as tradições constituíam um dos principais focos de resistência às tentativas de se modificar aspectos das vidas da população.

Nesse sentido, Hall mostra como parte das manifestações populares passam por um processo ativo de marginalização, até que determinados aspectos que a constituem deixem de existir³⁴. E como alerta Hall, ao lidar com este tema é necessário entender que estamos trabalhando com uma categoria construída e, portanto, mutável³⁵. Corroborando o exposto, Chartier chama a atenção para o fato da cultura popular ser uma criação erudita, visto que as formulações que buscam descrevê-la e categorizá-la são feitas por intelectuais que buscam “circunscrever e descrever produções e condutas situadas fora da cultura erudita (...)”³⁶.

Segundo o historiador francês, é muito comum que os setores intelectuais tenham como pressuposto a possibilidade de desaparecimento das manifestações populares e a idealização de um passado onde essas práticas estabeleciam um sistema coeso e livre de repressões. No caso argentino, apesar dos elementos mobilizados por Rojas e Carrizo variarem de acordo com cada uma de suas respectivas abordagens, há um certo consenso em determinar como a política imigratória foi responsável pelo apagamento da cultura popular, que, segundo Chartier, tem como destino “ser sempre abafada, recalçada, arrasada, e, ao mesmo tempo, sempre renascer das cinzas”³⁷.

Uma temática que vem atrelada ao estudo do folclore são as questões relacionadas à tradição. Ambos passam por reorganizações, articulando-se em novas práticas que possuem mais ou menos relevância de acordo com o período analisado. No caso de nosso trabalho, esse processo é observável nas tradições *gauchescas*, inicialmente desprezadas ou pouco valorizadas tanto pelos intelectuais, quanto pelos projetos liberais de governo até o século XIX, mas retomadas posteriormente com significados positivos.

Eric Hobsbawm chama atenção para o fato de que, “muitas vezes, ‘tradições’ que parecem ou são consideradas antigas, são bastantes recentes, quando não são inventadas”³⁸. Neste caso, mesmo que a palavra “inventada” chame certa atenção, Hobsbawm esclarece que sua definição possui um sentido amplo, podendo referir-se tanto às tradições que realmente passaram pelo processo de invenção e institucionalização, “quanto às que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinação de tempo – às vezes

³³ HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, p.247.

³⁴ *Ibidem*, p.248.

³⁵ *Idem*.

³⁶ CHARTIER, Roger. “*Cultura Popular*”: revisando um conceito historiográfico. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.8 nº16, 1995, p.179.

³⁷ *Ibidem* p.181.

³⁸ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.9.

coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez³⁹”. Em ambos os casos, é comum que se busque estabelecer continuidade com um “passado histórico apropriado⁴⁰”.

Esse passado não precisa necessariamente estar localizado em um tempo distante. Sua função é estabelecer uma conexão com determinadas tradições, mesmo que de forma artificial, dando sentido e razão a elas ao demarcar a percepção de continuidade. Diante disso, surge a necessidade de diferenciar a tradição do que é nomeado como costume, pois a primeira tem como principal característica a invariabilidade e a repetição. Já o segundo, desde que ainda possua aspectos que denotem continuidade, admite mudanças e inovações⁴¹. Assim, tradição difere-se também dos hábitos, que estão ligados à rotina sem possuir maiores significados ou função simbólica, apesar de existir a possibilidade de passarem por um processo de ressignificação, desenvolvendo tais aspectos.

As tentativas de inventar tradições aparecem com maior regularidade nos momentos em que determinada sociedade passa por transformações capazes de alterar os padrões sociais com os quais anteriormente dialogava, e é justamente este o caso da Argentina das primeiras décadas do século XX. O avanço da modernidade, juntamente com a imigração e o crescimento das cidades, acaba por transformar os padrões sociais vivenciados até então, favorecendo a organização dos setores populares, a ampliação do sufrágio e a convivência entre diferentes culturas concentradas em uma mesma localidade. Esse contexto, somado à decadência da ordem liberal ocasionada pela Primeira Guerra Mundial, favoreceu a invenção de novas tradições, explicando também o fato de intelectuais argentinos já estarem debruçados sobre as questões que orbitam em torno do nacional desde a primeira década do século XX, momento em que todas essas transformações estavam em andamento. Ainda assim, é necessário reiterar que, no processo de invenção, podem ocorrer adaptações quando existir a necessidade de conservar costumes antigos ou utilizar “velhos modelos para novos fins⁴²”.

Diante disso, “pode-se dizer que as tradições inventadas são sintomas importantes e, portanto, indicadores de problemas que, de outra forma, poderiam não ser detectados nem localizados no tempo. Elas são indício⁴³”. E neste caso, é possível relacionar o processo de

³⁹ HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.9.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Ibidem, p.10.

⁴² Ibidem, p.13.

⁴³ Ibidem, p.20.

modernização com a necessidade de formação de novas tradições que fizessem sentido em um país que concentrava culturas distintas e problemas sociais amplos em sua capital.

Muito do trabalho envolvido na invenção de determinadas tradições esteve amparado em representações construídas pelos setores intelectuais da sociedade. A identificação de Ricardo Rojas e Alfonso Carrizo como pertencentes a esse meio leva em contra as formulações de Jean-François Sirinelli. Para o historiador francês, a definição de intelectual é mutável, podendo ter significados distintos de acordo com o período e a sociedade a ser analisada⁴⁴. Por esse motivo, dentro da categoria em questão podem estar reunidos tanto os criadores, como os mediadores culturais. De acordo com Sirinelli, esse grupo faz parte de uma elite cultural ligada intimamente com a sociedade em que vive, especialmente na política e é isso que garante sua identidade.

Contudo, devemos tomar cuidado para não os considerar apenas reféns do meio no qual estão inseridos, pois “tomam a cor dos debates cívicos, mas também contribuem para lhes dar os seus tons⁴⁵”. Por essa razão, “o meio intelectual não é um simples camaleão que toma espontaneamente as cores ideológicas do seu tempo. Concorre, pelo contrário, para colorir o seu ambiente⁴⁶”. E devido à influência que exerce, assim como a capacidade de ser um dos meios sociais que melhor impõe suas normas e hierarquias à sociedade, investigar a relação entre essas elites culturais e o poder público é essencial, visto que ambos possuem interesses em comum.

Para compreender as disputas que compõem os variados espaços sociais, entre eles, os relacionados à intelectualidade, Pierre Bourdieu apresenta o conceito de “campo”, definindo-o como um espaço onde existem relações estabelecidas por agentes que buscam legitimar suas representações de temas diversos. Este “pode ser considerado tanto um 'campo de forças', pois constrange os agentes nele inseridos, quanto um 'campo de lutas', no qual os agentes atuam conforme suas posições, mantendo ou modificando sua estrutura⁴⁷”. Há que se considerar que muitas das relações estabelecidas no campo intelectual estão relacionadas às redes de sociabilidade, tendo em vista que esse meio “constitui, ao menos para seu núcleo central, um 'pequeno mundo estreito', onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora⁴⁸”.

⁴⁴ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais* in: RÉMOND, René. *Por uma história política*: Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996, p.242.

⁴⁵ Ibidem, p.265.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.50.

⁴⁸ SIRINELLI, Jean-François. Op.Cit., 1996, p.248.

Não perdendo de vista o fato de Rojas e Carrizo estarem debruçados sobre a identidade nacional, entendemos nação “como uma população humana denominada que ocupa um território histórico e compartilha mitos e lembranças, uma coletividade, uma cultura pública, uma só economia e direitos jurídicos e obrigações comuns⁴⁹”. Anthony Smith defende que esses valores podem ser imaginados, mas não deixam de ser sentidos ou vividos e, por esse motivo, estudar a identidade nacional só é possível a partir de seus efeitos sociais e políticos “como parte de um nexo de ideias, sentimentos e experiências ligados ao nacionalismo⁵⁰”.

Assim, estabelecidos os referenciais que balizam nossa análise, as problemáticas abordadas nos capítulos buscam suprir as demandas das fontes selecionadas. No primeiro capítulo, procuramos compreender o contexto argentino da década de 1910, contemplando os anos que sucedem o fim da Primeira Guerra Mundial, evento responsável pelo distanciamento da Argentina em relação aos ideais europeus. Voltamos nossa atenção ao fato de Ricardo Rojas já estar inserido no campo intelectual, participando de políticas encabeçadas pelo Estado que buscam novas formulações sobre o nacional. Através do primeiro tomo do livro *Historia de la literatura argentina*, de 1916, objetivamos entender como esse escritor articulou aspectos da tradição em um momento em que a América Latina passava por um processo de modernização. Também investigamos o primeiro contato do autor com Alfonso Carrizo a partir de uma correspondência escrita por Rojas no ano de 1926.

No segundo capítulo, abordamos o contexto político e econômico de Tucumán, dando atenção à atuação da elite industrial da província junto ao Estado com a intenção de garantir protecionismo fiscal ao açúcar tucumano, durante os anos da Ordem Conservadora. Entrando nos anos de governos radicais, evidenciamos a mudança de postura dos presidentes Hipólito Yrigoyen e Marcelo Alvear, que deixaram de atender às demandas dos industriais da província, favorecendo as reivindicações dos trabalhadores. Por meio da análise do livro *Antiguos Cantos Populares: Cancionero de Catamarca* (1926), mapeamos a concepção de Alfonso Carrizo sobre o nacional e o popular, e investigamos sua relação com Rojas a partir de correspondências escritas pelo catamarquenho em 1926.

No terceiro capítulo, adentramos a década de 1930 a fim de entender o impacto que o golpe que retirou Hipólito Yrigoyen da presidência teve sobre os escritos de Rojas. Analisando o livro *Radicalismo de la Mañana* (1931), exploramos as formulações construídas pelo intelectual, tendo em vista o contexto político no qual resolve filiar-se à União Cívica

⁴⁹ SMITH, Anthony. *Comemorando a los muertos, inspirando a los vivos: mapas, recuerdos y moralejas en la recreación de las identidades*. In: **Revista Mexicana de Sociología**, vol. 60, n.1, pp. 61-80, 1998, tradução do autor.

⁵⁰ *Ibidem*, p.76, tradução do autor.

Radical. Visando entender como os conservadores de Tucumán reagiram a esses eventos e ao alinhamento de Rojas com o radicalismo, analisamos de forma mais incisiva a obra de Carrizo, utilizando como fontes os *Cancionero Popular de Salta* (1933), *Cancionero Popular de Tucumán* (1937) e *Cantares Tradicionales del Tucumán* (1939), a partir dos quais comprovamos como o intelectual aproxima sua perspectiva à de Alberto Rougès e Ernesto Padilla à medida em que a relação de mecenato é estabelecida. Através do epistolário de Rougès e de correspondências de Padilla e Carrizo, evidenciamos a atuação dos membros dessa elite industrial e conservadora de Tucumán na construção e propagação do trabalho do catamarquenho durante a década em questão. Por fim, com o folheto *Educación y Tradición* (1937) de Rougès, demonstramos como esse autor se apropria de *Ariel* (1900), de José Enrique Rodó, para formular suas concepções e como essas ideias permeiam os escritos de Carrizo.

CAPÍTULO 1. A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL E A DESCRENÇA NO PROGRESSO: FORMULAÇÕES SOBRE UM NOVO NACIONAL.

1.1. Civilização versus barbárie: um novo olhar para um antigo problema.

O final da década de 1910 e a década de 1920 constituem um marco para a Argentina e demais países da América Latina e suas relações com a Europa. O projeto liberal, que animou os movimentos de independência e se estabeleceu com a constituição dos estados nacionais, atravessou o XIX e alcançou o início do século XX, enfrenta dois eventos sem precedentes que colocam em xeque o ideal de progresso protagonizado pelo velho continente: a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa. Enquanto o primeiro fornece aos intelectuais latino-americanos a justificativa para seu desencantamento com o projeto civilizatório, implantado institucionalmente por governantes interessados no fortalecimento do Estado liberal, o segundo “expande o horizonte de expectativas na direção de projetos futuros não só na Argentina, mas em boa parte do continente latino-americano e também na velha Europa⁵¹”. Como bem analisa Patricia Funes:

As relações entre os intelectuais latino-americanos e as ideias europeias na década de 1920 foram ríspidas e cheias de tensão. Provavelmente nunca se havia posto de maneira tão evidente a ‘jovem’ América Latina até que a ‘velha’ Europa sentisse o esgotamento da Grande Guerra. O ‘antieuropeísmo’ foi uma identificação geracional forte entre pensadores, ensaístas, intelectuais e artistas latino-americanos.⁵²

Uma vez que a noção de progresso e civilização que outrora haviam guiado tão firmemente as políticas de imigração não eram mais unanimidade, pensar o nacional tornou-se terreno fértil para os intelectuais da década de 1920, ocupando posição central em suas reflexões. A nação deixa de ser um mero recorte que vem atrelada ao Estado, tornando-se um “lugar de condensação das complexidades e contradições sociais no contexto de uma modernidade furtiva e eclética, mas perceptível⁵³”. Nela estariam se desenvolvendo “as forças sociais, as econômicas, a produção cultural, as diversidades regionais, os conflitos sociais, étnicos e religiosos da modernidade. Ao mesmo tempo, são essas forças que construíram e recriaram nações em uma reciprocidade complexa e não linear⁵⁴”, e por isto, para os

⁵¹ FUNES, Patricia. *Salvar La nacion: intelectuais, cultura y política em los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros Editorial, 2006, p.26, tradução do autor.

⁵² Idem.

⁵³ Ibidem, p.69, tradução do autor.

⁵⁴ Ibidem, p.70, tradução do autor.

intelectuais desta geração marcada pelo antieuropeísmo da década de 1920, a construção da nação encontra-se não mais centralizada no Estado, mas sim no campo da cultura⁵⁵.

Além do conturbado contexto europeu dos finais da década de 1910, a própria Argentina passava por problemas de ordem diversa durante este período. As elites dirigentes do início do século XX enfrentavam transformações urbanas com deslocamentos populacionais do interior do país para as grandes cidades que se modificavam aceleradamente com os avanços da modernidade. Esse longo e truncado processo, que perdurou por vários anos, teve que lidar com diversos impasses herdados da época colonial, como a dificuldade em estabelecer um poder central, a concentração de terras e a grande quantidade de imigrantes concentrados na capital.

Ao abordar o processo de desenvolvimento das instituições da Argentina, Luis Alberto Romero observa como “desde 1862, o recente Estado nacional, pouco a pouco – e sem sorte no começo – foi dominado e subordinado a quem até então havia desafiado seu poder, e garantiu para o exército nacional o monopólio da força⁵⁶”. O anseio pela consolidação do Estado nacional passava por diversos setores da sociedade, mas mesmo com a adoção de medidas de ordem liberal, por volta da década de 1880, as instituições argentinas ainda eram precárias.

Buscando sanar este problema, as políticas imigrantistas empregadas no país durante o século XIX, e mantidas durante as décadas iniciais do século XX, têm suas origens com intelectuais de ideologia liberal, que além da influência exercida através de seus escritos, conseguiam atuar politicamente. Dentre os diversos sujeitos que percorreram este trajeto, Domingo Faustino Sarmiento é um notável exemplo não só por sua atuação na presidência entre os anos de 1868 a 1874, como também pelo prestígio alcançado como escritor em jornais argentinos e estrangeiros. No início da década de 1830, em decorrência de embates políticos motivados pela decisão do modelo⁵⁷ de governo a ser estabelecido em seu país, Sarmiento buscou exílio no Chile, onde rapidamente se inseriu no meio intelectual com publicações no jornal de caráter conservador *El Progreso*.

Assim como ele, outros defensores do unitarismo buscaram exílio majoritariamente no país vizinho, onde se concentraram em produzir escritos nos quais mantinham evidente sua oposição a Juan Manuel de Rosas. Segundo Maria Lígia Prado, enquanto governou Buenos

⁵⁵ FUNES, Patricia. *Salvar La nacion: intelectuais, cultura y política em los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros Editorial, 2006, p.71.

⁵⁶ ROMERO, Luís Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001, p.17, tradução do autor.

⁵⁷ Sarmiento defendia um governo centralizado, fazendo parte dos unitaristas. Esse grupo opunha-se aos federalistas, que advogavam pela autonomia provincial.

Aires – de 1829 até 1852 –, Rosas “não admitia contestação ao seu governo. A lealdade a ele deveria ser pública, com o uso obrigatório de variados emblemas com a cor vermelha (...)”⁵⁸.

É neste contexto de exílio e de oposição a um poder local centrado na figura de Rosas, que na perspectiva liberal dificultava a consolidação das instituições do Estado argentino, que Sarmiento publica, em 1845, em formato de folhetim, *Facundo: civilização e barbárie*. Nesta obra, seu autor foi capaz de sintetizar a oposição ao governante de Buenos Aires ao culpá-lo pela morte de Facundo Quiroga, outro líder local. De acordo com Maria Lígia Prado, “ao propor a dualidade civilização e barbárie, *Facundo* ultrapassou os limites da Argentina para se estender pelo território latino-americano, animando controvérsias e contribuindo para a cristalização de certos estereótipos sobre o continente”⁵⁹.

Apesar de se apresentar como uma biografia de Facundo Quiroga, a análise de Sarmiento é de caráter muito mais amplo. Como observa José Luis Beired:

Os quinze capítulos do livro podem ser divididos em três partes. A primeira dedicada à descrição dos aspectos físicos da Argentina, dos seus tipos populares e as formas de sociabilidade dos pampas, local habitado pelos gaúchos. Tendo tais elementos como pano de fundo, a biografia de Facundo é desenvolvida para mostrar a fatalidade da vida de alguém que crescera naquelas condições socioambientais, por meio de uma narrativa das mais impressionantes sobre a personalidade violenta, fria e sádica de Facundo, cuja vida se encerrara numa tragédia banhada em sangue. Em sua terceira parte, o livro conclui com uma apaixonada acusação do despotismo de Rosas e com a apresentação de um programa de tarefas a serem abraçadas pelo novo governo depois da sua deposição.⁶⁰

Nesta perspectiva determinista, a partir da qual o ambiente aparece como capaz de moldar o humano, Sarmiento conecta sua tese a respeito da ligação entre homem e meio ambiente com o subtítulo *Civilização e Barbárie*, estabelecendo

a oposição entre o campo, lugar da barbárie, território livre dos federalistas, e as cidades, lugar da civilização, protótipo da cultura, do progresso e da riqueza. As oposições eram, ao mesmo tempo, política – federalistas contra unitários – e culturais – mundo letrado contra tradição oral⁶¹.

A barbárie era representada não somente pelo ambiente, o campo, mas pela população que ali habitava. Nesta perspectiva, a obra de Sarmiento utiliza dos mesmos “filtros ideológicos e culturais do ambiente intelectual da Europa”⁶², a partir dos quais qualquer grupo étnico diverso do europeu era rotulado como incivilizado, algo já observado em descrições

⁵⁸ PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina do século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: EDUSP, 2004, p.155.

⁵⁹ Ibidem, p.152.

⁶⁰ BEIRED, José Luis Bendicho. *Toqueville, Sarmiento e Alberdi: três visões sobre a democracia nas Américas*. In: **História** (São Paulo) 22 (2), 59-78. 2003, p.64-65.

⁶¹ PRADO, Maria Lígia Coelho. Op.Cit., p.161.

⁶² BEIRED, José Luis Bendicho. Op.Cit., p.67.

européias sobre a Ásia e a África. Toda essa oposição frente aos indígenas, percebidos como inimigos do Estado Liberal, é frequente em toda a obra citada, e como destaca Maria Lígia Prado, se perpetua em escritos futuros do autor. No livro *Conflicto y Armonia de las Razas* de 1883, segundo a autora, Sarmiento

reafirmava suas ideias, ao indicar que um dos males da colonização espanhola fora ter aceito os índios, essa ‘raça pré-histórica’, quer como parceiros, quer como servos; melhor teria sido fazer o mesmo que os norte-americanos que em sua passagem para o oeste exterminaram os índios⁶³.

Contudo, diferente do que esperava Domingo Faustino Sarmiento quando escreveu *Facundo Civilização e Barbárie*, os imigrantes europeus não estavam interessados em ocupar o interior da Argentina em um projeto civilizatório. Preocupavam-se muito mais em se estabelecer, ganhar dinheiro e, se possível, retornar a seu país de origem. Em grande parte, isso se deveu ao fato de as províncias interioranas não terem conseguido acompanhar o processo de industrialização do litoral. Como aponta Adolfo Prieto,

sem acesso direto à terra, exceto nas experiências desenvolvidas em certa escala nas províncias de Santa Fé e Entre Rios, as sucessivas ondas de estrangeiros que respondiam ao convite e propaganda dos agentes argentinos na Europa terminaram se estabelecendo, em grande proporção, em Buenos Aires, a cidade que os recebia em seu porto, ou em algumas cidades e povoados do litoral⁶⁴.

Havia também certa hostilidade das elites para com os imigrantes, pois como bem observa Carina Silberstein⁶⁵, boa parte deles vinha da Itália para a Argentina, superando muitas vezes o número de espanhóis que realizavam o mesmo processo. Essa diferença de nacionalidade teria levado os italianos recém-chegados a estabelecerem sociedades de socorro mútuo em âmbito nacional e regional, o que não significa que esses imigrantes de nacionalidades distintas não se integrassem com a população local. De acordo com Luis Alberto Romero,

enquanto na nova sociedade os imigrantes se mesclavam sem relutâncias com os *criollos* e geravam formas de vida e culturas híbridas, as classes altas – capazes de acolher sem problemas os estrangeiros bem sucedidos – se sentiam tradicionais, afirmavam sua argentinidade e acreditavam serem donas do país onde os imigrantes haviam vindo trabalhar⁶⁶.

⁶³ PRADO, Maria Lígia Coelho. *América Latina do século XIX: tramas, telas e textos*. São Paulo: EDUSP, 2004, p.176.

⁶⁴ PRIETO, Adolfo. *El Discurso Criollista en la Formación de la Argentina Moderna*. Tucumán: Siglo Veintiuno Editores, 2006, p.16, tradução do autor.

⁶⁵ SILBERSTEIN, Carina. *A Imigração Espanhola na Argentina*. In: FAUSTO, Boris. *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 1999, p.93.

⁶⁶ ROMERO, Luís Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001, p.25, tradução do autor.

E diante disto, “moldar e organizar essa sociedade em formação segundo suas definidas convicções sobre o progresso e gerar nela o consenso necessário frente às vastas transformações que aconteciam, foi a preocupação principal da elite dirigente.⁶⁷” Outros atores sociais também se interessavam por essa massa recém estabelecida, entre eles a Igreja, as associações coletivas estrangeiras, mas principalmente socialistas e anarquistas, “que já esboçavam para os setores populares um projeto de sociedade alternativo⁶⁸”. Concentrando suas atuações nas formações de coletivos solidários onde se falava sobre problemas da população de forma geral, principalmente os socialistas conseguiam uma naturalização massiva de estrangeiros a partir de propostas de atuação política através do voto.

A somatória destes fatores acabou por produzir um sentimento de crise que perpassou os escritos de diversos intelectuais latino-americanos. A construção da nação, problemática que assombra o continente desde o momento da ruptura colonial⁶⁹, verificável no pensamento do próprio Sarmiento, que no livro citado anteriormente preocupa-se com a eclosão de poderes locais capazes de rivalizar com o recente Estado Nacional, fundamentou-se a partir da crença liberal na modernização e civilização, impondo “a ideia de um progresso quase fatal, que não seria discutido até a Primeira Guerra Mundial⁷⁰”.

Anterior a este evento, a própria conjuntura de Buenos Aires favorece o afloramento de ideais contestatários, que potencializados por uma reforma eleitoral ainda recente na qual o voto tornou-se secreto e obrigatório aos homens maiores de idade, leva o partido da União Cívica Radical à vitória nas eleições de 1916, elegendo como presidente Hipólito Yrigoyen (1852-1933). Segundo David Rock, “as origens do partido se encontram na depressão econômica e na oposição política a Juárez Celman no ano de 1890⁷¹”. Neste primeiro momento, com o nome de União Cívica (UC), o partido exerceu grande influência na deposição do presidente Juárez, conservando sua unidade ao constituir-se como a principal força de oposição ao mesmo. No ano seguinte, graças às divergências sobre quais relações deveriam ser mantidas com o governo de Carlos Pellegrini – presidente que assume após a renúncia de Juárez Celman – a UC se dividiu, dando origem à União Cívica Radical (UCR), cujo líder era Leandro Nicéforo Alem (1842-1896)⁷².

⁶⁷ ROMERO, Luís Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001, p.27, tradução do autor.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ FUNES, Patricia. *Salvar La nacion: intelectuais, cultura y política em los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros Editorial, 2006, p.72.

⁷⁰ Ibidem, p.73, tradução do autor.

⁷¹ ROCK, David. *El Radicalismo Argentino: 1890-1930*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997, p.53, tradução do autor.

⁷² Ibidem, p.54.

Na medida em que a Argentina adentra os primeiros anos do século XX, a UCR, dirigida por Hipólito Yrigoyen, sucessor e sobrinho de Alem, passa por mudanças na base que compõem o partido. Como aponta David Rock, enquanto na década de 1890 os radicais eram estudantes pertencentes à “classe dirigente *criolla*; dez anos mais tarde, boa parte de seus membros vinham de famílias de imigrantes urbanos⁷³”. Mantendo uma popularidade crescente, principalmente entre profissionais de classe média, como médicos e pequenos empresários, sob a liderança de Yrigoyen, o partido “se voltou aos argentinos filhos de imigrantes, empregados em sua maioria no setor terciário. O governo representativo passou a ser atraente para esses grupos, que acusavam a elite *criolla* de dificultar sua ascensão social⁷⁴”. Neste momento, o número majoritário de trabalhadores pouco qualificados concentrava-se em torno de partidos socialistas ou anarquistas.

Segundo Romero, “a decisão de Yrigoyen de modificar a tradicional atitude repressora do Estado, utilizando seu poder para mediar entre os distintos atores sociais e equilibrar assim a balança, parecia aparar as arestas conflitivas⁷⁵”, contudo apenas aparar as referidas arestas não era suficiente, e a mera aproximação do presidente para com esses grupos na tentativa de construir consenso em uma sociedade heterogênea, gerou certa antipatia em alguns setores da sociedade. Consequentemente, sua figura tomou forma contraditória, representando para uns a tão esperada solução que a Argentina precisava, e para outros, um “caudilho ignorante e demagogo⁷⁶”.

É válido mencionar que este sentimento de crise, somado à pressão dos setores populares, gerou também uma forte vertente de pensamento nacionalista de teor reacionário extremamente pessimista. Partindo do pressuposto de que sua cultura havia sido corrompida e estava em decadência, a única maneira de regenerar os valores perdidos seria a partir de medidas autoritárias e, na Argentina, muito desse autoritarismo foi justificado a partir de uma retomada da figura de Juan Manuel de Rosas, estancieiro condenado pelos liberais do século XIX. Ideologicamente, muitos desses intelectuais têm em comum o positivismo, diagnosticando a culpa pelo atraso frente aos demais países na questão racial. Partindo de um

⁷³ ROCK, David. *El Radicalismo Argentino: 1890-1930*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997, p.59, tradução do autor.

⁷⁴ Ibidem, p.62, tradução do autor.

⁷⁵ ROMERO, Luís Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001, p.15, tradução do autor.

⁷⁶ Ibidem, p.37, tradução do autor.

olhar às elites políticas e intelectuais brancas, “se definia ‘sociologicamente’, de maneira eugênica, o ‘outro’ étnico, social e cultural⁷⁷”.

Mesmo com os projetos de identidade despidos de ideais europeus ganhando força com o fim da Primeira Guerra Mundial, intelectuais argentinos, debruçados sobre o estudo da literatura popular de vertente *criollista*, já manifestavam interesse por esta questão antes mesmo dos anos 1910, momento em que construíam suas carreiras enquanto escritores. Nos livros de Leopoldo Lugones (1874-1938) e Ricardo Rojas, eram frequentes as críticas às políticas imigrantistas, assim como um olhar mais atento à cultura interiorana de seu país. Desta forma, quando o ideal de progresso passa a ser contestado e a Europa já não é mais considerada o exemplo de civilização a ser mimetizado, ambos escritores já possuem algum reconhecimento, ostentando certo prestígio entre as elites econômicas e intelectuais da capital.

A literatura *criollista* estudada por estes intelectuais, segundo David Rozotto,

postulou a representação de culturas autênticas, distintas e essencialmente americanas em um momento de reflexão continental e refundação cultural frente ao centenário das novas nações do idioma espanhol. Estas passavam por grandes transformações econômicas, políticas e sociais. O *criollismo* se desenvolveu principalmente nas narrativas, tanto na novela como nos contos, mediante uma variedade de classificações, o que levaria a confusão na definição desta literatura e afetaria seu posterior estudo nos âmbitos acadêmicos⁷⁸.

E, desta forma, “a representação dos jovens países do novo continente era o objetivo declarado dos escritores do *criollismo*⁷⁹”. A importância desta literatura se dá não só pela influência que teve nos escritos dos intelectuais estudados, mas também pela popularidade que alcançou durante as últimas décadas século XIX e início do século XX. É válido mencionar que o fenômeno do *criollismo* extrapola as fronteiras da Argentina, possuindo versões particulares em outros países da América Latina, que “sob a influência do remanescente romantismo oitocentista e da crise das repúblicas oligárquicas, revisitaram a literatura do século XIX como forma de protegerem os costumes tradicionais⁸⁰”.

Tamanha popularidade de tal vertente literária pode ser explicada, para além do apreço popular, a partir da redução do número de analfabetos. De acordo com Adolfo Prieto, “o novo leitor foi um produto da estratégia de modernização empreendida pelo poder público, e sua

⁷⁷ FUNES, Patricia. *Salvar La nacion: intelectuais, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros Editorial, 2006, p.139, tradução do autor.

⁷⁸ ROZOTTO, David. *El criollismo em la América de habla hispana: revisita y reflexiones sobre el patrimonio de una literatura centenaria*. In: **Literatura: teoría, historia, crítica**, vol. 21, núm. 1, págs. 117-141, 2019, p.118, tradução do autor.

⁷⁹ Ibidem, p.119, tradução do autor.

⁸⁰ MINELLI, Ivía. *La Tradición se Apea: Revistas Criollas e Intelectualidade Criollista na Argentina (Final do século XIX – Início do XX)*. 2018. 208 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2018, p.25.

conformação é parte da conformação da Argentina moderna, dos efeitos desejados e dos efeitos indesejados de seu programa fundador⁸¹”. Alinhado ao crescimento da imprensa, mesmo os leitores que não eram plenamente alfabetizados estavam ávidos por exercer sua nova capacitação.

Dotado de um caráter ambíguo, enquanto o *criollismo* era visto como uma forma de rechaçar o estrangeiro e afirmar sua justa liderança da nação para os grupos dirigentes, para os setores populares era uma forma de manter suas tradições vivas, fomentando um sentimento de nostalgia do campo frente ao cenário urbano onde foram obrigados a viver graças ao processo de urbanização. A principal forma de circulação desta literatura se deu no formato de folhetim, e segundo Pietro,

no início dos anos 80, os folhetins *gauchescos* de Eduardo Gutiérrez estabeleceram o repertório temático e as projeções do *criollismo* percebido como *criollismo* popular (...) O mais notório dos personagens de Gutiérrez, Juan Moreira (modelador de uma conduta cívica exaltada ou execrada em seu nome, proveniente de uma imagem estereotipada que se tornou imprescindível nos desfiles carnavalescos e na pena dos *dibunjantese* cartunistas da época) estava a figura, o paradigma que o derramou do *criollismo* popular entendido como fenômeno de difusão literária e como um fenômeno de *flashing* de um assunto decorrente de fontes literárias⁸².

Em questões de popularidade, as novelas que tinham o *gaucho* como temática foram muito bem sucedidas nos espaços urbanos do país, desbancando até mesmo novelas que tinham a cidade como ambiente. Os fatores que contribuem para este cenário são diversos: inicialmente, podemos citar a identificação muito maior dos leitores com temáticas relacionadas ao campo em detrimento dos espaços urbanos. Deste modo, “Juan Moreira somava, então, muitos elementos a seu favor para marcar o tom e as tendências de uma literatura de consumo popular⁸³”.

Outro personagem dotado de grande apreço popular foi Santos Vega, também de Eduardo Gutiérrez. Neste caso, o autor se inspirou no *gaucho* lendário de mesmo nome, mas desta vez, que se dedicava mais ao canto do que às atividades já exploradas em Juan Moreira⁸⁴. Algumas das canções de Vega se tornaram tão populares entre as populações camponesas, que aparecem inclusive nos *Cancioneros* compilados por Alfonso Carrizo. Como

⁸¹ PRIETO, Adolfo. *El Discurso Criollista en la Formación de la Argentina Moderna*. Tucumán: Siglo Veintiuno Editores, 2006, p.13, tradução do autor.

⁸² Ibidem, p.19, tradução do autor.

⁸³ Ibidem, p.99, tradução do autor.

⁸⁴ Enquanto em Juan Moreira, Gutierrez explora o trabalho braçal do *gaucho*, dando atenção à sua habilidade no trato com o gado e as atividades envolvidas no trabalho com a terra, com Santos Vega o autor explora o canto associado ao ócio. Com a retomada do poema de José Hernandez, Lugones coloca em evidência tanto o trabalho braçal de Martin Fierro, como sua habilidade com a música.

sintetiza Prieto, “estas rápidas verificações abrem a suspeita, quando não a certeza, de que praticamente a totalidade dos versos impressos na novela de Gutiérrez passaram a formar parte do *corpus* de uma poesia que os especialistas registram como tradicional e anônima⁸⁵”. Entretanto, o autor não nega a existência de um debate sobre a possibilidade de Gutiérrez ter utilizado em suas obras canções de autoria desconhecida.

Com o tempo, o *criollismo* viria a extrapolar o campo da literatura com o surgimento dos centros *criollos* e suas vastas atividades, articulando “um processo de socialização que busca tanto garantir o sentimento de identidade de grupos jovens de procedências e origens étnicas diversas, como facilitar-lhes orientações de mobilidade interna consagradas pelo setor social dominante⁸⁶”.

Em *El Payador* (1917), através do poema *El Gaucho Martín Fierro* (1872), de José Hernández (1834-1886), Lugones foi capaz de despir o *gaucho* de todos os seus traços rebeldes⁸⁷, marco de sua personalidade na literatura *criollista*. Relacionando este feito do autor com as explanações de Roger Chartier sobre o conceito de apropriação, podemos observar como “a própria cultura de elite é constituída, em grande parte, por um trabalho operado sobre materiais que não lhe são próprios⁸⁸”. Explorando esta relação, é possível observar como a leitura e utilização do poema de Hernández feita por Lugones busca trazer para a elite cultural e política de Buenos Aires uma peça que até então circulava por meio de folhetins majoritariamente entre setores populares. Neste sentido, o conceito de apropriação aparece como uma investigação das “condições e os processos que, muito concretamente, sustentam as operações de construção de sentido⁸⁹”, e é justamente à construção de um novo sentido ao poema de José Hernández, que Lugones se dedica em *El Payador*. Para Prieto⁹⁰, o trabalho deste intelectual não era a expressão de uma posição puramente individual, mas sim parte de um movimento de políticas culturais⁹¹, já iniciado na virada do século, com a

⁸⁵ PRIETO, Adolfo. *El Discurso Criollista em la Formación de la Argentina Moderna*. Tucumán: Siglo Veintiuno Editores, 2006, p.112, tradução do autor.

⁸⁶ Ibidem, p.131, tradução do autor.

⁸⁷ SANTIAGO, Javier Sanchez. *El aporte del “criollismo” a la forja de la identidad nacional argentina*. In: Arteloge, 2010, p.203.

⁸⁸ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Rio Branco: UFRGS, 2002, p.50.

⁸⁹ Ibidem, p.68.

⁹⁰ PRIETO, Adolfo. Op. cit. Tucumán: Siglo Veintiuno Editores, 2006, p.134.

⁹¹ Em *Políticas Culturales y democracia: hacia una teoría de las oportunidades*, Joaquín Brunner apresenta o conceito de políticas culturais, definindo-o como formado por duas categorias: agentes habituais de ação cultural – na qual estão inseridos produtores profissionais, empresas privadas, agências públicas e associações voluntárias – e as *organizing institutions*, compreendidas como dispositivos e mecanismos de organização social, que podem ser divididas em mercado, administração pública e Estado.

intenção de domesticar os múltiplos elementos tradicionais que resistiam ao processo de modernização.

Como bem explorado por Ivia Minelli, a relação de Rojas com o *criollismo* parte de sua posição enquanto membro de uma elite intelectual que, frente às transformações vivenciadas nas cidades, “mobilizou seus lugares de atuação junto ao Estado, ao mesmo tempo em que enfatizava nessa relação o alcance da profissionalização letrada⁹²”. Juntamente a outros intelectuais de mesma posição, como Ernesto Quesada e Robert Lehmann-Nitsche, “desenvolveram estudos, consolidaram teorias e compilaram acervos na virada do século que seriam fundamentais para a compreensão da questão *criollista*, aos poucos incorporada como cerne da cultura argentina⁹³”. Neste momento, a tese da autora entra em diálogo com o que defende Adolfo Prieto, pois ambos veem na retomada destas temáticas por intelectuais argentinos uma resposta da elite letrada que buscava ter o controle sobre os elementos populares constituintes da nação. Novamente a produção de sentido alertada por Chartier⁹⁴ ao cunhar o conceito de apropriação aparece nesta tentativa dos intelectuais de estudar, compreender e pensar a identidade nacional a partir de elementos presentes nos folhetins *gauchescos*.

Abordando a trajetória intelectual do autor, Diego Chein observa, a partir do contato com Joaquin Victor Gonzales, que:

Tanto Lugones como Rojas foram convocados por este ministro do Estado roquista⁹⁵ para ocupar cargos de hierarquia no sistema educativo e desenvolver relatórios especiais para o governo. *El império jesuita* é a resposta de Lugones a essa tarefa governamental, e *La Restauración nacionalista*, a de Rojas. A liberdade criativa e a elaboração cuidadosa que ambos os relatos revelam até que ponto a interpelação estatal não apenas não pretende distorcer sua autonomia intelectual, mas até a promove, na medida em que são convocados em sua própria qualidade de escritores⁹⁶.

Neste momento, a capital Argentina passava por um intenso processo de modernização, e o sentimento de afastamento em relação aos fatores que constituíam a nacionalidade já transpareciam nos textos de alguns escritores do momento. Rojas, como

⁹² MINELLI, Ivia. *La Tradición se Apea: Revistas Criollas e Intelectualidade Criollista na Argentina (Final do século XIX – Início do XX)*. 2018. 208 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2018, p.27

⁹³ Ibidem, p.27.

⁹⁴ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Rio Branco: UFRGS, 2002, p.68.

⁹⁵ Refere-se ao presidente Roque Saénz Peña (1851-1914).

⁹⁶ CHEIN, Diego José. *Escritores y estado em el Centenario: apogeo y dispersión de la literatura nativista*. In: Revista Chilena de Literatura, Santiago, n.77, p.51-73, Novembro, 2010, p.53, tradução do autor.

aponta Ivia Minelli⁹⁷, dedicou-se desde o início do século XX ao estudo da literatura argentina, sendo o idealizador da primeira cátedra – ainda em 1912 – sobre o tema no país, catalogando e separando obras originais em vertentes distintas de acordo com suas características. É desse amplo estudo realizado pelo intelectual que o livro *História de la literatura argentina* é forjado. Nesse trabalho, dividido nos tomos “*los gauchescos*” (1917), “*los coloniales*” (1918), “*los proscriptos*” (1918) e “*los modernos*” (1922), o autor “sobrepõe a noção de ‘origem’ à de ‘começo’, quando reconhece que, apesar de existirem vestígios literários no período colonial, estaria na permanência da literatura *gauchesca* o critério de fundação da nacionalidade⁹⁸”.

Pelo apresentado, investigar os argumentos apresentados por Rojas no primeiro tomo dessa obra aparece como fundamental para entender a relação que o intelectual busca criar entre essa vertente literária e a constituição da argentinidade. Também serve para traçar comparações com o trabalho feito posteriormente por Alfonso Carrizo em seus *Cancioneros*, nos quais advoga pelo abandono do *gaucho* como um dos símbolos do nacional.

O primeiro tomo de *Historia de la Literatura Argentina* conta com uma breve introdução na qual o autor revela suas intenções com a obra e o que será encontrado nas páginas seguintes. Segundo o intelectual, o livro era resultado das investigações realizadas em arquivos, de experiências adquiridas na vida literária e de sua atividade na Faculdade de Filosofia e Letras de Buenos Aires. O estudo da literatura aparece nesse escrito como uma prática muito importante, pois a partir dela seria possível fazer o que o sistema educacional e o governo eram incapazes de realizar por conta própria: “revelar a vida íntima da alma argentina, mostrando as correntes de ideias, de paixões, de emoções que a agitam⁹⁹”.

Além de abordar correntes literárias de maior relevância, os objetivos dessa cátedra da Universidade de Buenos Aires estendiam-se a mapear a bibliografia e criar um “sistema teórico que permitisse organizá-la¹⁰⁰”. As barreiras encontradas estavam relacionadas à dificuldade em entender o que de fato constituiria a literatura nacional, uma vez que durante o período colonial a extensão territorial do país havia mudado bastante. Contudo, seria

um erro generalizado em nossas esferas didáticas e literárias acreditar que a Argentina começa, cronologicamente, em 25 de maio de 1810, e

⁹⁷ MINELLI, Ivia. *La Tradición se Apea: Revistas Criollas e Intelectualidade Criollista na Argentina* (Final do século XIX – Início do XX). 2018. 208 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2018.

⁹⁸ ROJAS, Ricardo. *Historia de la Literatura Argentina: los gauchescos*. Coni Hermanos, 1917, p.31, tradução do autor.

⁹⁹ Ibidem, p.26, tradução do autor.

¹⁰⁰ Idem.

que sua proclamação em Buenos Aires significa a negação de todo o espanhol que havia precedido nos anos iniciais da colônia¹⁰¹.

Partindo dessa concepção, Rojas considera a Argentina como mutável, constituída por um povo, um território, um Estado, um idioma e também um ideal que se define melhor com o passar do tempo. O que o autor pretendia com suas investigações literárias era justamente tentar entender de forma mais precisa o que constituía esse ideal. Por esse motivo, títulos como *La argentina manuscrita* de Ruy Diaz de Guzmán e *Argentina* de Martin del Barco Centera, apesar de não serem escritos por argentinos, deveriam integrar a literatura nacional.

Martin Fierro aparece neste escrito do tucumano com uma perspectiva diferente da adotada por Lugones, tendo seu valor reconhecido não pela capacidade de representar o *gaucho* como um paladino ou um defensor dos ideais de justiça e liberdade, mas por sua simplicidade no relato, regionalismo em seu vocabulário e expressão perfeita do espírito e emoção encontrados nos pampas.

Em seu estudo, Rojas identifica algumas poesias que precederam Hernandez como *gauchescas*, categoria na qual *El Gaucho Martin Fierro* está inclusa. Entretanto, apesar de seu grande sucesso, a poesia que se atem a esses temas logo perde popularidade, sendo retomada posteriormente no teatro e na narrativa em formato de prosa. Dessa forma, o intelectual divide estas produções em três períodos: “o primeiro, anônimo, de raiz oral (*folklore*); o segundo, com Hernández, de conclusão (*Martin Fierro*); e o terceiro de transmigração para outros gêneros escritos (teatro, novela e música nacional)¹⁰²”. Na visão do autor, estas formas artísticas eram o reflexo da grande miscigenação cultural ocasionada pela ocupação espanhola, pelas guerras de independência, as conquistas do deserto patagônico e pela “crise étnica da imigração cosmopolita¹⁰³”. Esses seriam os motivos pelos quais os protagonistas dessa vertente literária serem sempre o *gaucho*, o colono e o indígena.

Compreender a construção de nacionalidade desse intelectual passa pela necessidade de entender a discussão empreendida em torno do conceito de “raça”, através do qual estabelece diálogo com demais autores do período. Nessa obra, Rojas define-a de forma bastante particular, diferenciando-se dos que ele chama de “discípulos de Darwin”. Quando o tucumano o utiliza, é no sentido de “povo ou comunidade nacional, homens de origem ou ‘raiz’ comum pela pátria ou pela hereditariedade¹⁰⁴”. Nessa perspectiva, adentram questões

¹⁰¹ ROJAS, Ricardo. *Historia de la Literatura Argentina: los gauchescos*. Coni Hermanos, 1917 p.34, tradução do autor.

¹⁰² Ibidem, p.56, tradução do autor.

¹⁰³ Idem.

¹⁰⁴ Ibidem, p.87, tradução do autor.

relacionadas às condições geográficas e psicológicas que designam a nacionalidade, sendo mais apropriada àqueles que pretendem estudar as literaturas nacionais, visto que a nacionalidade não tem uma existência material, mas está presente na alma de um povo e de sua nação. A partir desse conceito, Rojas aponta que o estudioso da literatura seria capaz de “definir melhor a consciência de sua própria nacionalidade, pois conhecendo melhor nosso povo compreendemos melhor nossa própria literatura, uma vez que esta é um testemunho histórico desse povo¹⁰⁵”.

Analisando o contingente populacional de seu país no momento em que escrevia seu livro, Rojas observa que o que ele chama de “contingente africano” estava rumo ao desaparecimento, enquanto o contingente caucasiano ainda exercia forte presença devido à imigração europeia. A partir dos dados do último censo, o escritor afirma que já naquele momento a argentina era um povo de raça branca, portanto, de origem europeia. Contudo, antes de caracterizar seus conterrâneos como parte desta, Rojas busca considerar também a importância de outras etnias na constituição da nacionalidade, tanto do negro, que já havia desaparecido, quanto do indígena, que teria o mesmo destino com o processo de assimilação.

É exatamente a busca por essas contribuições que leva o intelectual tucumano a voltar-se ao passado colonial da Argentina e encontrar um núcleo branco muito pequeno se comparado à população pré-colombiana. Mesmo com essa tentativa de valorização de culturas não-brancas, a influência de ideias eugenistas aparecem na obra, e o autor considera o fato de que o pequeno contingente populacional branco tenha superado em número os indígenas, uma prova de sua superioridade. Nessa perspectiva, o negro é visto como um terceiro elemento, incorporado posteriormente e “considerado menos nobre pelos antropólogos brancos, e sem dúvida alguma historicamente inferiores pelo seu tipo de cultura retardado¹⁰⁶”, o que explicaria o fato de na literatura *gauchesca* o negro sempre ocupar o papel de “personagem pitoresco”. Contudo, mesmo considerando o argentino como pertencente a uma suposta raça branca, Rojas a define como diferente da europeia por seu contato e assimilação de culturas distintas, como observamos no trecho a seguir:

É evidente que em quatro séculos de evolução étnica, a raça argentina eliminou quase toda sua antiga parte de sangue africano. É também evidente que nesse tempo assimilou quase totalmente seu denso concurso de sangue indígena, até definir-se como um novo tipo de raça branca, diferente de seu progenitor espanhol e muito parecida com seus semelhantes americanos.¹⁰⁷

¹⁰⁵ ROJAS, Ricardo. *Historia de la Literatura Argentina: los gauchescos*. Coni Hermanos, 1917, p.88, tradução do autor.

¹⁰⁶ Ibidem, p.89, tradução do autor.

¹⁰⁷ Ibidem, p.96, tradução do autor.

Quanto aos idiomas falados por aqueles que habitavam a América antes da chegada dos europeus, surpreende o fato do autor ter grande conhecimento sobre a diversidade de línguas existentes no território que futuramente constituiria a Argentina. A ideia de mestiçagem também permeia as concepções do autor sobre o idioma falado em seu país. Rojas o encara como resultado de um embate entre as línguas faladas pelos indígenas, principalmente o quíchua, a araucano e o guarani, com o castelhano.

Todos esses fatores reunidos deram à poesia *gaucha* e ao folclore, principalmente das províncias localizadas no Noroeste da Argentina, criações onde a hibridização linguística é muito presente, sendo até mesmo complexo identificar a individualidade de cada uma. Rojas credits a sua capacidade de compilar estes cantos ao tempo em que morou em províncias interioranas, o que lhe deu a oportunidade de “estudar pessoalmente o folclore dos *gauchos* e coletar seu cancioneiro¹⁰⁸”. Em regiões mais próximas ao litoral, as hibridizações encontradas aconteceram entre o espanhol e o guarani. Já no caso do idioma araucano, a questão torna-se mais nebulosa, graças ao fato das “raças patagônicas permanecerem rebeldes até a segunda metade do século XIX, ou seja, o tempo de *Martin Fierro*, entrando conseqüentemente em menor grau na formação do folclore linguístico¹⁰⁹”, sendo mais influente no Chile do que na Argentina.

Diferente do que outros intelectuais do período defendiam, Rojas não enxergava os casos de hibridização como exemplos da degeneração do castelhano. Na verdade, era o completo oposto. Serviam como um testemunho de como os idiomas indígenas foram se perdendo progressivamente até desaparecer, enquanto o espanhol, por pertencer a um povo civilizado, conseguiu se manter. Nesse tipo de embate, a língua mais poderosa sempre sairia vitoriosa, e para o tucumano, nas poesias

a hibridização consiste em ir além de uma simples assimilação para lhes impor terminações próprias, como nos exemplos citados, normalmente formam vozes compostas de duas raízes mistas (como *toropsombra* ou *sachacuchara*) ou alterna entre os versos de dois idiomas nas estrofes, ou decora o verso com uma rima ou refrão estrangeiro¹¹⁰

Ou seja, da mesma forma que algumas terminações de palavras podem aparecer de formas acidentais graças à hibridização desses idiomas, também pode ocorrer como uma forma de expressão artística, prova da amplitude das raízes folclóricas.

¹⁰⁸ ROJAS, Ricardo. *Historia de la Literatura Argentina: los gauchescos*. Coni Hermanos, 1917, p.159, tradução do autor..

¹⁰⁹ Ibidem, p.160, tradução do autor.

¹¹⁰ Ibidem, p.166, tradução do autor.

Portanto, desde este momento fica evidente que a perspectiva de Rojas sobre a construção da literatura e do país como um todo está amparada na mestiçagem entre o espanhol e o indígena. Esse fator, somado às adaptações sofridas em função de questões territoriais teria germinado um novo arquétipo, o *gaucho*, eleito pelo intelectual como símbolo do nacional e da definição da argentinidade. Nele estariam presentes as virtudes de ambos os povos, visto que “sua herança europeia o ajudou a orientar-se, enquanto o legado indígena serviu de guia na obscuridade do meio virgem¹¹¹”. Todas estas características constituintes da literatura nacional estariam presentes em *El Gaucho Martin Fierro*, evocado pelo autor para salientar a importância da literatura *gauchesca*:

Não foi menos clara a consciência de José Hernandez sobre o valor cultural dos costumes *gauchescos*, enquanto eram fruto de uma surpreendente adaptação. Se o *gaucho*, discípulo do indígena, não tivesse adotado ou criado esses costumes, teria sucumbido em seu primeiro encontro com a natureza virgem, e o homem europeu, precursor do *gaucho*, não teria conseguido levar sua morada estável em terra argentina (...) O folclore guarda a ciência de esta sabedoria providencial, e ensina o passo cauteloso ao indígena, do indígena ao *gaucho*, do *gaucho* ao colono, e deste ao tipo definitivo de homem argentino, que haverá de ser, sem negação, uma síntese de seus predecessores locais¹¹².

No pequeno excerto acima é possível observar como o tucumano desenvolve sua definição de mestiçagem, assim como a importância desta na construção do país, uma vez que, a partir dela, o *gaucho* foi capaz de se adaptar ao ambiente, distinguindo-se do espanhol neste processo. Contudo, esta concepção apresenta delimitações bastante específicas do que constitui a argentinidade. É necessário lembrar que naquele momento, o contingente imigrante em Buenos Aires superava em números absolutos os argentinos, e essa proposta de identidade, ao mesmo tempo em que justifica a posição das elites *criollas* por serem representantes do tipo definitivo de homem argentino, sucessor do *gaucho*, também exclui o recém chegado.

Desta forma, Rojas, que durante a década seguinte se tornaria ainda mais notável nos estudos do folclore, influenciado pela literatura *criollista* e a recente modernização de seu país, inclinou-se a pensar temas ligados à constituição da nação antes do antieuropeísmo marcante no após a Primeira Guerra Mundial, apesar desta, sem dúvidas, favorecer o florescimento desses debates.

¹¹¹ ROJAS, Ricardo. *Historia de la Literatura Argentina: los gauchescos*. Coni Hermanos, 1917, p.169, tradução do autor.

¹¹² *Ibidem*, p.207, tradução do autor.

Assim, inicialmente Ricardo Rojas, e posteriormente Alfonso Carrizo, atuam na construção de representações¹¹³ identitárias distintas. Compreendê-las seria uma forma de dar “atenção às estratégias simbólicas que determinam posições e relações que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ‘ser-percebido’ constitutivo de sua identidade¹¹⁴”. Neste sentido, os ideais de nacionalidade defendidos e propagados por estes intelectuais operam privilegiando determinados aspectos do nacional popular, ao mesmo tempo em que exclui outros. O folclore aparece, portanto, não como um tema exclusivo de alguns estudiosos, mas como objeto de disputa política.

1.2. Alfonso Carrizo, Ernesto Padilla e a modernidade portenha.

Nascido da província de Catamarca, Juan Alfonso Carrizo, diferente dos nomes citados, não fazia parte da elite econômica de sua província, e a principal atividade realizada pela sua família era a agricultura de subsistência, com periódicas atividades de busca por minérios. Teve sua educação primária na *Escuela Normal de Catamarca*, e a secundária na *Escuela Normal de Maestros*, onde teve contato com duas figuras que o encaminharam profissionalmente: o professor de literatura Don José P. Castro que, em 1915, lhe deu como trabalho final o tema *Antiguos Cantos populares de Catamarca*; e o padre Antonio Larrouy, professor no Seminário da província, que orientou Carrizo na realização desse trabalho¹¹⁵. Após tornar-se professor, em 1916 dirigiu-se à Buenos Aires, onde conseguiu emprego no Consejo Nacional de Educación. Já nesse período, o autor alinha-se aos docentes católicos da capital, tendo em vista sua oposição à grande popularidade das correntes de esquerda nos grêmios dessa profissão.

No período de férias escolares, Carrizo retornava à sua província natal, onde continuava com a pesquisa dos cantos populares, até completá-la e publicar o livro *Antiguos Cantos Populares (Cancionero de Catamarca)*, em 1926. Inicialmente, a ideia do catamarquenho era que o livro contasse com um prefácio de Ricardo Rojas, que negou o pedido diante das discordâncias ideológicas e da alegada falta de originalidade presente na obra. Após a

¹¹³ Para Chartier [2002, p.75], as representações “visam, com efeito, a fazer com que a coisa não tenha existência senão na imagem que a exhibe, com que a representação mascare ao invés de designar adequadamente o que é seu referente. A relação de representação é assim turvada pela fragilidade da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os sinais visíveis como indícios seguros de uma realidade que não existe. Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, necessária lá onde falta o possível recurso à força bruta”.

¹¹⁴ CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: A História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002, p.73.

¹¹⁵ JACOVELLA, Bruno. *Juan Alfonso Carrizo*. Buenos Aires: Leonardo Impressora, 1963, p.57.

resposta negativa, Carrizo procurou o então deputado e ex-governador de Tucumán¹¹⁶, Ernesto Padilla, que se interessou pelo tema, escrevendo o prólogo requerido e propondo ao catamarquenho a realização de um trabalho semelhante nas outras províncias do Noroeste argentino. Nos anos seguintes, Carrizo contou com a ajuda de Padilla e de Alberto Rougès para mobilizar os recursos necessários à pesquisa e à coleta do material que iria compor os próximos *Cancioneros*. O resultado dessa empreitada foi a publicação dos seguintes livros: *Cancionero de Popular de Salta* (1933); *Cancionero Popular de Jujuy* (1935); *Cancionero Popular de Tucumán* (1937); *Cantares Tradicionales del Tucumán (Antología)* (1939); o prefácio e notas explicativas do *Cancionero Popular de Santiago del Estero* (1940), de autoria do médico santiaguenho Orestes Di Lullo e, por fim, o *Cancionero de La Rioja* (1942). Ao aliar-se aos conservadores tucumanos nesta tarefa, Carrizo conseguiu construir uma carreira sólida como intelectual, tornando-se o primeiro diretor do Instituto Nacional de la Tradición, instituição localizada em Buenos Aires, em 1943.

Desta forma, apesar da origem provincial, Carrizo e Padilla vivenciavam toda a cultura cosmopolita de Buenos Aires, pois residiam na capital durante a década de 1920. Para entender de forma satisfatória o contexto do projeto de identidade nacional proposto pelo catamarquenho, é preciso, portanto, entender como a modernidade transformou a capital argentina. Como bem pontua Beatriz Sarlo, a cultura dos intelectuais da década em questão representa uma combinação entre “modernidade europeia e especificidade rio-platense, aceleração e angústia, tradicionalismo e espírito renovador; *criollismo* e vanguarda¹¹⁷”.

O crescimento de Buenos Aires foi bastante acentuado nas primeiras décadas do século XX, tanto pela presença de estrangeiros quanto de migrantes, o que gerou em seus habitantes a perspectiva de que viviam em uma cidade cosmopolita. Esta característica da capital, já na década de 1910, mas principalmente nas décadas de 1920 e 1930, é motivo de preocupação para uma série de intelectuais, dentre eles Carrizo e Padilla. O estranhamento se dava devido ao fato da população que habitava a capital possuir idiomas e origens nacionais distintas, além de se expandir rapidamente¹¹⁸.

O imenso crescimento populacional em um curto período de tempo transformava a cidade na medida em que acontecia, e as populações que já se localizavam nela eram obrigadas a lidar com essas transformações. Soma-se a isso o fato desse grande crescimento

¹¹⁶ Membro do Partido Autonomista Nacional (PAN), o tucumano foi governador de sua província natal entre 1913 e 1917 e, posteriormente, durante os anos nos quais Carrizo esteve em Buenos Aires, Padilla cumpriu dois mandatos como deputado nacional pelo Partido Liberal (PL): um entre 1919 e 1922, e o segundo entre 1925 e 1928.

¹¹⁷ SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p.32.

¹¹⁸ Ibidem, p.37.

ser impulsionado pelas políticas de imigração, nas quais boa parte dos estrangeiros eram de nacionalidade italiana e concentravam-se justamente nas cidades, ao contrário do que esperavam os apoiadores dessas políticas. Daquele momento para frente seria necessário lidar com todos os problemas sociais ocasionados pelo crescimento acelerado de uma capital onde culturas distintas conviviam diariamente, e é nesse contexto que a esfera educacional tem seu grande papel. O interesse de Rojas em inserir símbolos nacionais na educação comum não se dava simplesmente para a exaltação destes, mas também para, a partir dos filhos de imigrantes, garantir uma identidade coesa e homogênea. Segundo Sarlo, essa parte da população faz “parte do contingente beneficiado pelo aumento nas taxas de alfabetização e escolaridade; muitos iniciam o trabalhoso caminho de ascensão pelo capital e pelos bens simbólicos. Ingressam nas universidades ou começam a disputar espaços no campo da cultura e nas profissões liberais¹¹⁹”.

É neste sentido que, como Hobsbawm pontua¹²⁰, as tradições inventadas podem servir para justificar determinado *status* ou posição de determinados grupos. É no contexto da década de 1920, quando os filhos de gerações antigas de imigrantes encontram-se competindo com elites já estabelecidas na Argentina, que surgem os cancioneros de Carrizo. O fato do autor ter sua carreira alavancada por Ernesto Padilla e Alberto Rougès, antigos industriais açucareiros e intelectuais da província de Tucumán, aparece como uma evidência de que essa construção de identidade focada na grandiosidade do passado hispânico e católico da Argentina surge como um meio pelo qual essas elites já estabelecidas manteriam seu poder político, econômico e intelectual frente aos filhos de imigrantes que, na perspectiva dos conservadores, não haviam contribuído para a formação da Argentina.

Além disso, Oscar Chamosa¹²¹ indica também a necessidade e que as elites provinciais buscassem justificar sua posição frente às populações locais. Desde a vitória das eleições presidenciais pela União Cívica Radical e a posterior indicação de governadores para estas províncias, os detentores de terra e donos da indústria açucareira já não possuíam a mesma facilidade em lidar com a população provincial. Mesmo que minimamente, algumas das demandas relacionadas a melhores condições de trabalho foram atendidas pelos governantes, e os trabalhadores que outrora tinham condutas mais pacíficas, já possuíam algum senso de organização e reivindicação. A empreitada desses homens e de Carrizo aparece como uma tentativa de apresentar a posição privilegiada dessas elites como algo natural, ao mesmo

¹¹⁹ SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p.39.

¹²⁰ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p.17.

¹²¹ CHAMOSA, Oscar. *The Argentine Folklore Movement: sugar elites, workers, and the politics of cultural nationalism, 1900-1955*. Tucson: The University of Arizona Press, 2010.

tempo em que visa aproximá-las do camponês comum a partir de um passado supostamente compartilhado.

Com o início do século XX, a modernidade cada vez mais passa a fazer parte da vida do cidadão comum. De cinemas à imprensa, o social foi afetado pelo desenvolvimento dessas áreas, permitindo a profissionalização de alguns dos indivíduos envolvidos com a arte, apesar de muitos ainda exercerem essa atividade de forma secundária, enquanto mantinham empregos formais. Além da expansão desses campos, utensílios do cotidiano aparecem como parte do processo de modernização, e

a publicidade expressa mudanças que afetam as práticas culturais no sentido mais amplo, inclusive das elites. *Martin Fierro*, a revista por excelência da vanguarda dos anos 20, mostrou-se sensível aos processos de incorporação de novas tecnologias aplicadas à vida cotidiana e à organização do *habitat*: fonógrafos, artefatos elétricos, mobiliário de cozinha e banheiro, aparelhos de iluminação¹²².

Nesse sentido, as mudanças propiciadas por essas tecnologias fornecem à mulher das camadas médias maior tempo livre, o que a consolida também como consumidora e alvo de publicidades que extrapolam o campo dos produtos de beleza. Representadas em revistas, as relações modernas de gênero aparecem com “mulheres esportistas, que dirigem automóveis e trabalham em ocupações não tradicionais, tornam-se um lugar-comum do imaginário coletivo, ainda que se distingam das persistentes imagens das garotas de bairro cujo horizonte se limita ao casamento e aos filhos¹²³”.

Adentrando o campo das revistas, em *Modernidade Periférica*, Beatriz Sarlo apresenta um grande mapeamento dos literatos vanguardistas que se tornam proeminentes em suas áreas durante a década de 1920, relacionando a possibilidade de sua profissionalização com o processo de modernização pelo qual Buenos Aires passava. Também inquietos pela necessidade de uma definição de identidade argentina, esses literatos incorporam o nacional em suas obras pois, como ressalta Sarlo, na busca para encontrar e definir a argentinidade:

Poderíamos dizer, sem exagero, que nos anos 20 e 30 os escritores argentinos escolhem de todas as partes, traduzem, e quem não pode traduzir lê traduções, divulga-as, publica-as ou as propaga. De *Martin Fierro* a *Los Pensadores*, a cultura argentina põe em marcha uma máquina que inclui revistas como *Poesía*, de Vignale, e *Contra*, de Raúl González Tuñón. E, no entanto, na frase de Borges, escrita em 1943, ainda soam os ecos de uma polêmica: quem é *verdadeiramente* um argentino?¹²⁴

¹²² SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p.45.

¹²³ Ibidem, p.49.

¹²⁴ Ibidem, p.81-82.

Além do envolvimento com a nacionalidade e a tradição, Sarlo também destaca a importância da preocupação estética desses escritores, enfatizando o papel central que o “novo” e o espírito de renovação desempenham em suas literaturas, sendo a característica principal para que esta literatura seja considerada vanguarda, e também um fator de distinção entre os escritores e seus antecessores.

Segundo a autora, “o sentimento de insatisfação atinge vários níveis: a proeminência de escritores que haviam esgotado seu potencial criativo na época do Centenário; a miopia da crítica, que não era uma instância de diálogo e abertura às novas correntes (...) ¹²⁵”, e neste sentido, o espírito de renovação busca se articular com o sentimento de insatisfação em busca de espaço, algo que lhe fora negado até então. Essa busca pelo “novo” estava além de uma procura pela estética, influenciando também a relação entre os intelectuais que atuavam no campo da literatura e em alguns setores da imprensa, de forma que,

a intolerância e o enfrentamento substituem as pautas de reconhecimento e convivência que, até então, caracterizavam as relações entre intelectuais (...) Todos os atores do campo cultural devem se reposicionar porque sua hegemonia começa a ser discutida seriamente e porque o avanço dos escritores da ‘formação’ vanguardista ameaça inverter os lugares estabelecidos. A conjuntura é marcada pela imposição do ‘novo’, que reorganiza o sistema de hierarquias intelectuais ¹²⁶

Há que se notar que o nome da revista vanguardista de maior expressão durante o período é justamente homônima do poema de José Hernandez: *Martin Fierro*, evidenciando como o nacional também permeia os escritores dessa vertente literária.

Quanto às diferenciações e espelhamentos entre a modernidade e os movimentos modernistas de cunho artístico originados em início do século XX, Canclini levanta questões interessantes, tendo em vista que

se o modernismo não é a expressão da modernização socioeconômica, mas o modo como as elites se encarregam da intersecção de diferentes temporalidades históricas e tratam de elaborar com elas um projeto global, quais são essas temporalidades na América Latina e que contradições seu cruzamento gera? ¹²⁷

Este questionamento, bastante estimulante, leva-nos a pensar os elementos que compõe a modernidade nos países latino-americanos. Em linhas gerais, encontramos nesta região o entrecruzamento de tradições indígenas, de um hispanismo católico e colonial e ações advindas de um Estado com desejo pelo moderno. Mesmo com o propósito de

¹²⁵ SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p.176.

¹²⁶ Ibidem, p.177

¹²⁷ CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003, p.211.

relacionar as duas primeiras aos setores populares na empreitada de atribuir às elites características modernas, a mestiçagem cultural transborda os limites de classe social, e dessa forma, mesmo que alguns setores estivessem de acordo com a modernidade e buscassem seus efeitos, ainda é comum que alguns segmentos dessas elites preservem suas tradições, especialmente hispânicas e católicas, como uma das formas pelas quais podem justificar seus privilégios.

Este é justamente o caso dos industriais tucumanos, cujas concepções de argentinidade conflitavam com aquelas que admitiam a mestiçagem a partir do *gaucho*. Como parte desta elite provincial, Padilla é um perfeito exemplo deste caso. Tanto ele como Carrizo, que apesar das diferenças econômicas, possuíam em comum os ideais católicos e conservadores, por residirem em Buenos Aires na década de 1920, conviviam diariamente com o cosmopolitismo portenho. É neste contexto que, em oposição às transformações alavancadas pela modernidade observadas na capital, Carrizo e parte da elite tucumana reivindicam a cultura provinciana como a que melhor representa o nacional popular.

1.3. A *Encuesta* de 1921 e a construção de um campo dedicado ao folclore.

Como pontua Vitor Neia, “apesar de algumas pesquisas paralelas e com exceção de Ricardo Rojas, o folclore enquanto área de conhecimento tornou-se objeto de preocupação e ação efetivas do nacionalismo somente nos anos 1920, com a *Encuesta*¹²⁸”. Já em *La Restauración Nacionalista*, obra de 1909, o tucumano defendia o folclore como aquele que permite ao seu estudioso conhecer “a alma do povo¹²⁹”, presente nos costumes, lendas e mitos campestres. Desta forma, quando a *Encuesta* é proposta por Juan Pedro Ramos¹³⁰ (1878 – 1958), Rojas possuía não só um grande histórico como intelectual estabelecido em Buenos Aires, como também era o que estava mais intimamente relacionado com a temática em questão. Em 1925, apesar de não ter sido o idealizador ou ter ido pessoalmente coletar os materiais recolhidos, é ele que, como diretor do Instituto de Literatura Argentina da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, torna-se responsável pela catalogação dos registros obtidos com o projeto.

Através de um inquérito realizado no interior das províncias argentinas, a *Encuesta* buscava coletar manifestações populares. A ideia de que a alma nacional corria risco de

¹²⁸ NEIA, Vitor Hugo. *A Encuesta Nacional del Folklore de 1921: cultura popular e nacionalismo argentino*. 2016. 235 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p.110.

¹²⁹ ROJAS, Ricardo. *La Restauración Nacionalista*. Buenos Aires: Ministério de Justicia e Instrucción Pública.

¹³⁰ Intelectual nacionalista e integrante do Conselho Nacional de Educação.

desaparecer graças ao crescimento do número de imigrantes que residiam no país era uma constante no pensamento de Juan Pedro Ramos que era incisivo “ao demarcar a obrigatoriedade de que todos os registros coletados fossem de origem nacional, sem aportes decorrentes da imigração, com exceção das tradições culturais espanholas, entendidas sob o prisma da continuidade¹³¹”. Ainda assim, Ramos “admitia a validade das manifestações em idiomas nativos, aproximando-se parcialmente da perspectiva indigenista de intelectuais como Ricardo Rojas¹³²”.

É necessária uma breve menção à metodologia utilizada e a ausência da presença do estudioso do folclore na realização do inquérito às populações campestres. Em linhas gerais, a coleta do material era feita por docentes, vistos como pesquisadores representantes do Estado-Nacional, que deveriam observar as práticas populares de determinada região ou interrogar habitantes locais. Portanto, quando Rojas tem contato com esse material e é responsável por estudá-lo e catalogá-lo, o faz a partir de um trabalho realizado por terceiros.

Contudo, a ideia de realização da *Encuesta* não era uma unanimidade entre os estudiosos interessados no folclore, que desde a idealização do projeto, haviam aumentado. Soma-se a isso o fato de Tucumán, província conhecida por sua forte indústria açucareira, grandes propriedades e por uma elite ligada ao conservadorismo hispanista, alegar ter uma identidade distinta da apresentada até então. Enquanto em Buenos Aires difundia-se a tese de que a Argentina foi formada pela mestiçagem entre culturas indígenas e espanhola, a medida em que a União Cívica Radical demonstra características intervencionistas e centralizadoras, surgem representações que buscam valorizar um passado construído apenas a partir da herança hispânica e católica.

É com esta perspectiva, e com duras críticas aos trabalhos originados do material recolhido pela *Encuesta* de 1921, que Juan Alfonso Carrizo, apoiado por industriais de São Miguel de Tucumán, escreve seu primeiro *Cancionero*. Em 1926, prestes publicá-lo, o autor envia a Rojas uma cópia do material junto com um pedido formal da escrita de um prólogo. Esse pedido, que inicialmente parece simples, nos revela diversas informações.

Levando em conta o conceito de *campo*¹³³ desenvolvido por Pierre Bourdieu, é possível observar como os escritos de Rojas e demais escritores dedicados a pensar a nacionalidade desde o início do século XX, já demonstravam sinais da existência de um

¹³¹ NEIA, Vitor Hugo. *A Encuesta Nacional del Folklore de 1921: cultura popular e nacionalismo argentino*. 2016. 235 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p.124.

¹³² Idem.

¹³³ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.50.

campo intelectual dedicado ao folclore. Mesmo que ainda se encontre em processo de consolidação, a existência desse campo fica bastante evidente quando consideramos o próprio pedido feito por Carrizo: Por que um homem de origem provincial cujo trabalho acontece fora do ambiente acadêmico escreveria ao diretor da Universidade de Buenos Aires? Ter o prólogo escrito por um grande estudioso do mesmo tema logo em seu primeiro livro seria um feito notório para alguém que busca se inserir no meio em questão.

Contudo, a expectativa de Carrizo é frustrada. Não só Rojas lhe informa a impossibilidade de atender ao pedido, como escreve de volta ao catamarquenho uma carta extensa com duras críticas ao *Cancionero*. No trecho a seguir será possível identificar, para além das críticas, também o informe de que ambos se encontram em um momento anterior:

Quando o senhor veio me ver pela primeira vez me contou sobre sua vida em Catamarca, de suas preocupações intelectuais, de seu amor pelas tradições nativas. Disse tudo com bastante ternura, o que, unida a índole de sua vocação, foi suficiente para ganhar minha simpatia. Poucos são tão capazes como eu de compreender um jovem provincial que vem à Buenos Aires para se fazer conhecido intelectualmente¹³⁴.

Portanto, logo de início, há a informação do deslocamento de Carrizo até Buenos Aires para entrar em contato com Rojas, um dado que parece contribuir para a visualização do campo no qual o tucumano ocupa posição central. Há também que se destacar seu passado semelhante: homens de origem provincial buscando reconhecimento na capital. Contudo, é válido mencionar a origem familiar de ambos. Enquanto Rojas era pertencente à elite de sua província, Carrizo era filho de pequenos agricultores. Esse fato torna-se mais interessante ao se considerar que, apesar de contemplarem aspectos distintos, as concepções de nacionalidade formulada por esses autores evocam províncias da mesma região. A carta segue:

Com simpatia revisei sua obra, e por isso me surpreendi com seu ‘Discurso Preliminar’, com expressões que revelam em seu autor um espírito diferente daquele que eu lhe atribuí. O senhor trata com certo menosprezo a quase todos os escritores que o precederam no estudo de nossa poesia popular: segundo o senhor, alguns se equivocaram nas fontes, outros nos métodos e os demais na interpretação dos materiais mal selecionados. Depois de rejeitar desdenhosamente o que Lugones e Zeballos fizeram a partir de Buenos Aires, censura as instituições como o Conselho de Educação e a Faculdade de Letras, por estudarem campos que o senhor parece crer ser o único dono¹³⁵.

Nesse trecho, observamos que a discordância entre ambos acontece desde as páginas iniciais do primeiro *Cancionero* de Carrizo. Tendo em vista esse fato, surge o seguinte questionamento: se o catamarquenho trata trabalhos anteriores com desdém e tem postura

¹³⁴ ROJAS, Ricardo. [Correspondência]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Buenos Aires, Set. 1926. 1 carta, tradução do autor.

¹³⁵ Idem.

bastante crítica ao Conselho de Educação e a Faculdade de Letras, por que contatar justamente Rojas, membro do primeiro e diretor do segundo, para escrever o prólogo de seu livro? Surge, a partir deste ponto, a hipótese de que o contato iniciado por Carrizo tenha sido também uma estratégia para se fazer conhecido, afinal, melhor do que apenas publicar um *Cancionero*, cujo discurso preliminar é crítico a um intelectual de grande evidência dentro do campo em que se almeja adentrar, é enviá-lo diretamente a este homem, utilizando suas críticas como instrumento de projeção.

Apesar de não ser mencionado nominalmente, Rojas recebe a crítica feita por Carrizo ao trabalho da *Encuesta* de 1921 como algo endereçado a si: “Claro que, nessa universal condenação formulada pelo senhor contra os que haviam compilado ou estudado nossa poesia popular, eu mesmo não poderia escapar, ou ao menos devo considerar-me alcançado por duas ou três passagens que serão respondidas¹³⁶”. Segundo o intelectual,

O senhor menciona, na página 9, a coleção de folclore reunida pelo Conselho Nacional de Educação e que logo foi doada por este ao Instituto de Literatura Argentina. ‘Por ali passou toda aquela volumosa documentação, que agora dorme o sono dos justos’, disse o senhor, e depois de uma vírgula, com ortografia incorreta, complementa: ‘Apenas de tempos em tempos aparece um catalogo que não diz nada, apesar de querer dizer tudo¹³⁷’.

Como mencionado, Rojas não é citado nominalmente nessa pequena passagem de Carrizo. Diante desta informação, surge a possibilidade de que a crítica não tenha sido endereçada diretamente ao autor da carta, mas sim às instituições nos quais ele desenvolve seu trabalho, como uma forma de preservar uma relação amistosa. No mesmo trecho também é possível encontrar críticas à ortografia de Carrizo, algo que será repetidamente enfatizado em momentos posteriores.

Justificando sua decisão, Rojas busca apresentar ao catamarquenho os motivos pelos quais a doação foi realizada:

Eu sugeri a doação desse material quando era diretor da Faculdade de Filosofia e Letras, e eu dirijo gratuitamente o Instituto de Literatura Argentina, de modo que não posso deixar essas palavras passarem batidas. Antes de tudo, o Conselho Nacional de Educação fez bem em ceder à Universidade essa coleção de folclore; possuía meios para reuni-la, porém escapava de suas funções técnicas o estudo desta, e a doou à Faculdade depois de vários anos de posse passiva. O Instituto de Literatura Argentina está trabalhandomeste material; se não publicou ainda os resultados de suas investigações é porque não deseja precipitar-se nas temeridades de certos aficionados, e edita por outro lado aqueles catálogos que o senhor não gosta, porque cumpre um compromisso de doação, fazendo um inventário descritivo dos arquivos. A crítica ao conteúdo, sua seleção, classificação e

¹³⁶ ROJAS, Ricardo. [Correspondência]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Buenos Aires, Set. 1926. 1 carta.

¹³⁷ Idem, tradução do autor.

publicação virão mais tarde, como o próprio instituto anunciou em um folheto que o senhor parece ignorar. Isso não foi feito de forma mais rápida por falta de pessoas e de fundos, e porque nos interessa mais a segurança do que a ‘rapidez’. Saiba que a seção de Folclore tem apenas um funcionário, e que as edições foram compostas por doações privadas já esgotadas. Tudo isso junto dos propósitos do Instituto de Literatura são motivos que deveriam ter resguardado um pouco de parcimônia em seus julgamentos.¹³⁸

Novamente a carta parece revelar informações que vão além das disputas protagonizadas por esses intelectuais. Como mencionado por Rojas, além de sua atuação no Instituto de Literatura Argentina se dar de forma voluntária, a seção de folclore do instituto contava com apenas um funcionário e dependia de doações realizadas por órgãos privados para manter suas edições. Assim, é possível verificar, pelo menos a partir dessa fonte, que apesar da *Encuesta Nacional del Folklore* ter sido realizada durante os governos radicais, a UCR não só não se preocupou em contratar profissionais dedicados exclusivamente à coleta desses materiais, utilizando os próprios professores de escolas provinciais como receptores, como também não se preocupou em agilizar a análise do que foi recolhido pelo inquérito.

Em uma próxima passagem, desta vez citando nominalmente não só Rojas, como também Lugones, a crítica de Carrizo agora menciona erros procedimentais desses autores: “[...] me senti convencido da necessidade irredutível de prosseguir com meu trabalho quando vi que os senhores Rojas e Lugones utilizavam de cópias andaluzas recolhidas na tradição oral do povo argentino para comentar a lírica *gauchesca*¹³⁹”. Esse trecho é bem ilustrativo de algo bastante presente nas obras de Carrizo: a tentativa de deslegitimar a obra de seus predecessores a partir do apontamento de que muitos dos materiais apresentados como nacionais eram, na verdade, de origem hispânica. Utilizando essa estratégia, o autor também deixava evidente uma suposta erudição e a importância de seu trabalho, pois considerando que os estudiosos anteriores não foram capazes de fazer uma definição e classificação justa do folclore, criava-se a necessidade de um trabalho eficiente sobre o assunto.

Sobre essa crítica, Rojas pontua que, além da amplitude do material utilizado na confecção de suas obras ser muito maior do que o utilizado por Carrizo em seu primeiro *Cancionero*, a própria forma com a qual a crítica é feita tem pouca validade:

O senhor não disse a qual de minhas obras está falando, mas sei que se refere ao meu livro de *Los Gauchescos*, segundo uma confissão oral sua. E isto faz de sua afirmação algo completamente arbitrário, visto que essa obra, dez anos anterior a sua, analisa precisamente os diversos aportes étnicos,

¹³⁸ ROJAS, Ricardo. [Correspondência]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Buenos Aires, Set. 1926. 1 carta, tradução do autor.

¹³⁹ CARRIZO, Juan Alfonso. 1926. Apud ROJAS, Ricardo. [Correspondência]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Buenos Aires, Set. 1926. 1 carta.

filológicos e geográficos que entram na tradição chamada *gauchesca*, demonstrando que muito do que consideramos argentino na poesia popular é americano, e muito do americano é andaluz, e muito do que é andaluz é universalmente espanhol ou romântico.¹⁴⁰

Dessa forma, o destaque ao passado hispânico presente nas manifestações populares reivindicado por Carrizo, já estaria, segundo o próprio Rojas, devidamente pontuado em estudos anteriores. Respondidas às duas primeiras críticas, o autor também pontua as deficiências que julga ter encontrado no *Cancionero*, ressaltando a falta de originalidade das poesias compiladas. Há ainda questionamentos sobre a contradição de ao mesmo tempo em que pede por apadrinhamento, utilizar de palavras tão duras e ácidas nas críticas ao trabalho das instituições nas quais atuava:

Me detive a estas declarações prévias não só por deveres de minha probidade intelectual, mas também porque me surpreende que o senhor trate com tanto desprezo a mesma pessoa a quem solicita o prólogo de sua obra, sem dúvida porque nele reconhece alguma preeminência, conhecimento e autoridade nessas questões, que não foram criadas e nem resolvidas pelo senhor.¹⁴¹

Nas próximas páginas da carta, o autor faz uma breve retrospectiva sobre a forma como os romances tradicionais foram tratados durante os anos iniciais do século XX. Afirma também a importância de sua atuação para o reconhecimento do folclore, salientando que

Meus trabalhos *El País de la Selva* (Páris, 1907), realizados sobre o território, datam daquela época, e não cessei de cultivar esses estudos na cátedra, na imprensa, no livro, na conferência e nas fundações culturais, como o senhor sabe. A lembrança desses antecedentes deveria obriga-lo a ter mais consideração com seus antecessores, mas o senhor se deixou ser possuído por um espírito Luciferiano...¹⁴²

É válido ressaltar que tudo o que foi pontuado até então trata exclusivamente do discurso preliminar presente nas primeiras páginas do *Cancionero* enviado por Carrizo. Na sequência, Rojas adentra também em critérios técnicos da obra, não poupando de críticas:

Seria menos mal se tudo isso estivesse compensado pelos quilates de uma obra perfeita, mas seu ‘discurso preliminar’ está cheio de grosserias, e à pouca justiça para com seus colegas o senhor une com a pouca reflexão para com sua temática. O senhor não se atentou nem com a ortografia, nem com as normas fundamentais das referências bibliográficas, pois os nomes de livros não levam aspas sequer, e os nomes de autor as vezes os coloca em itálico e outras em *redonda*, sem nenhum motivo para isso. A maneira atropelada e desconexa de citar passagens alheias mostra o caráter improvisado de suas leituras, a falta de ligação e cronologia nas séries o faz incorrer em ligações perigosas, o prurido de comentar prematuramente o faz mesclar sem ordem ou cuidado as reminiscências autobiográficas, as ideias

¹⁴⁰ ROJAS, Ricardo. [Correspondência]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Buenos Aires, Set. 1926. 1 carta, tradução do autor.

¹⁴¹ Idem.

¹⁴² Idem.

gerais e as notícias estrangeiras sobre o tema elucidado. Em cada uma de suas páginas eu poderia destacar o que cita de mais por complacência e o que deixa de citar por ter pressa, mas não vale a pena fazê-lo.¹⁴³

Contudo, apesar de mencionar erros ligados a procedimentos metodológicos e técnicos, esses ainda ocupam posição secundário na carta de Rojas. Na maior parte do material, o que se encontra é principalmente uma defesa de sua atividade enquanto estudioso do folclore e da literatura argentina. Não há muitas menções às canções compiladas por Carrizo, ou mesmo aos procedimentos utilizados em seu trabalho. A maior parte da crítica de Rojas fundamenta-se nas afirmações de Carrizo presentes no *Discurso Preliminar*, passagem que serve como introdução ao *Cancionero* em questão, no qual expõe brevemente alguma de suas conclusões ao lidar com o material da província de Catamarca. Nas palavras de Rojas:

O senhor diz na página 13: ‘Seguir estudando a poesia popular argentina a partir dos poemas *gauchescos* é um grande erro’. Segundo o senhor, a verdadeira poesia argentina é a que se conserva nos vales de sua província natal, contanto que você que a tenha recolhido, pois aquilo que outros como Quiroga fizeram, não tem valor, naturalmente. Neste sentido, o senhor diz: ‘A falta de investigação por um lado, e um excesso de patriotismo de outro tem nos impedido de enxergar a filiação literária de nossos poemas *gauchescos*’. O senhor não demonstra em que fundamenta suas afirmações, e assim como desdenha dos comentadores do ‘Martin Fierro’, desdenha do próprio poema, cujo caráter épico o senhor nega para exaltar os poemas religiosos que recolheu em Catamarca. Sabíamos que essa região era rica em arqueologia pré-colonial e em tradições espanholas, mas o senhor quer que essa região também seja a única fonte de material folclórico na argentina, confundindo a épica nacional com a lírica regional. Trabalhei por dez anos para escrever *Los Gauchescos* e *Los Coloniales*, e quase dez anos se passaram desde a publicação desses livros que exerceram alguma influência até em autores que os negam ou os exploram sorrateiramente. Creio ter adquirido o direito de não insistir na discussão sobre esses temas depois de escrever tanto, pelo desgosto dos leitores ociosos. Os que se interessam por esses materiais podem ler naqueles livros minha opinião sobre os temas que o senhor aborda em duas linhas com tanta desenvoltura.¹⁴⁴

Nessa passagem é possível identificar o maior ponto de divergência estabelecido entre os dois intelectuais. Enquanto Carrizo tem como concepção de folclore exclusivamente a herança católica e hispânica presentes nas províncias do Noroeste Argentino, a perspectiva de Rojas abrange regiões mais amplas do país, buscando englobar também as contribuições indígenas e valorizando o papel da mestiçagem na formação da nação. Na sequência, já tomando um caráter de conclusão, a carta segue em um tom mais ameno, apesar de ainda pontuar os problemas encontrados no *Cancionero*:

¹⁴³ ROJAS, Ricardo. [Correspondência]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Buenos Aires, Set. 1926. 1 carta.

¹⁴⁴ Idem, tradução do autor.

Se o senhor tivesse se reduzido a editar com fidelidade sua compilação, eu não teria que lhe criticar, e seus compatriotas teriam muito a que agradecerem-lo. O mérito de sua obra reside neste trabalho intelectualmente modesto, mas valioso como contribuição a um conhecimento coletivo. Ainda considerando seu livro como uma simples compilação, o seu mérito diminui se recordarmos que sua obra aparece depois dos trabalhos locais de ambos Quirogas (el *Folklore* de Adán e *Alma Popular* de Carlos), e depois de *cancioneros* nacionais como o de Lynch, Bayo, Furt e tantos outros. A espécie de que estávamos mais necessitados eram os Romances, e o senhor nos deu apenas seis, enquanto outras provinciais nos deram muito mais.¹⁴⁵

É possível observar, nessa passagem, como Rojas é um conhecedor do repertório envolvido com o tema que estuda. Além de citar os trabalhos de maior evidência, ainda pontua nas linhas seguintes a categoria na qual os poemas compilados por Carrizo se encaixam, ressaltando a falta de originalidade do trabalho, especialmente após o que foi realizado pela *Encuesta* de 1921:

Nas séries de canções é abundante a matéria espúria, de fonte escrita, urbana e conventual. Nos versos nada do que foi revelado já não é conhecido. Este é o resumo leal que faço de seus documentos, cujas grafias me parecem suspeitas, ainda que as notas de origem que as acompanha sejam muito estimáveis.

O Instituto de Literatura Argentina, que hoje possui a já citada coleção de folclore, está preparando a edição das diversas espécies líricas que detém, e quando esse estudo terminar, o senhor poderá ver não só o valor dessa coleção em si, como a de que o senhor publica, seja em comparação com o acervo de Catamarca ou em comparação com o de outras províncias.¹⁴⁶

Ainda assim, apesar das inúmeras críticas feitas ao longo de toda a carta, algumas inclusive em tom de sarcasmo, a correspondência chega ao seu final com um parágrafo um tanto quanto positivo e de caráter conciliatório:

Entretanto, o mais prudente me parece ser aplaudir seu esforço como um coletor diligente e um apaixonado cultista das tradições nativas. Siga cultivando sua charmosa herança catamarquenha, que tem ruínas indígenas e capelas cristãs, índices de vigorosas tradições, e que tem florescido em espíritos tão puros como o de Fray Mamerto, a quem chamamos de Santo Argentino. Eu gostaria que um compilado como o seu viesse de cada província, porque sempre há tempo para separar o grão ruim do bom. Desfranza a testa e veja que o inimigo não é aquele que trabalha no mesmo campo, mas aquele que ronda fora dele, às vezes encapuzado.¹⁴⁷

A correspondência analisada serve para demonstrar não só a existência de um campo intelectual dedicado a questões ligadas à tradição, ao folclore e ao popular, mas também como este se encontra em meados da década de 1920. Apesar de o folclore em si ainda não constituir um campo do conhecimento científico plenamente autônomo, com metodologia

¹⁴⁵ ROJAS, Ricardo. [Correspondência]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Buenos Aires, Set. 1926. 1 carta.

¹⁴⁶ Idem.

¹⁴⁷ Idem.

bem delimitada e uma área de formação dedicada exclusivamente a si, o interesse de intelectuais dedicados a pensar a nacionalidade constitui um campo no qual o folclore aparece como objeto de disputa, exclusão e hierarquização. O estudo do folclore não possui um fim em si mesmo, mas serve para lastrear representações de uma nacionalidade que pode ser mais inclusiva ou exclusiva dependendo de como cada grupo dele se apropria e estabelece seus limites. A preocupação com as temáticas citadas é constante na história da Argentina, e de tempos em tempos a questão do que constitui a argentinidade, bem como quais culturas integram ou devem integrar a nação, são retomadas, apropriadas e reapropriadas por projetos políticos diversos. Nesse debate, o folclore aparece como uma categoria através da qual os intelectuais buscam legitimar suas concepções.

Dessa forma, desde a retomada nacionalista de início de século realizada pelas elites provinciais¹⁴⁸, intelectuais de vertentes políticas diversas se dedicaram a pensar o que constitui o ser nacional frente ao indivíduo universal iluminista de Sarmiento, o que foi dando corpo a esse campo. Mesmo com essa preocupação perpassando vários grupos do espectro político, é no governo radical que uma das maiores empreitadas de coleta de material folclórico se consolida, mesmo que com o descaso observado na carta analisada.

É durante esses anos que Rojas deixa de ser mais um estudioso dedicado a essas questões para se tornar diretor da Faculdade de Letras e Literatura de Buenos Aires. Isso não significa que antes disso já não tivesse proeminência. É um conhecimento já consolidado que, desde o início do século XX, o autor conta com publicações de grande relevância, como *El País de la Selva* (1907), *La Restauración Nacionalista* (1909) e *Blasón de Plata* (1912), tendo alcançado o trabalho de maior esmero com a publicação dos quatro tomos de *Historia da Literatura Argentina*. Toda sua história como intelectual dedicado a estas temáticas, somada à notória evidência que a posição de diretor de uma Universidade localizada em uma capital bastante cosmopolita, faz com que Carrizo, apesar de divergir de Rojas em pontos bastantes cruciais, busque utilizar da posição do intelectual para obter certa validação no ambiente de investigações dedicadas ao folclore. Essa seria uma forte evidência de que, apesar de estar em processo de construção, este campo já consta com atores de grande importância capazes de influenciar ações de outros estudiosos que se dedicam ao mesmo tema.

¹⁴⁸ Cabe destacar o fato de que Rojas era natural de Tucumán, membro da elite local, e que pôde, por isso, dar sequência em sua formação.

CAPÍTULO 2 – O FOLCLORE TUCUMANO: UMA RESPOSTA CONSERVADORA.

2.1. Indústria açucareira e política local.

Durante a segunda metade do século XIX, a província de Tucumã teve seu desenvolvimento econômico e de infraestrutura estabelecidos a partir de antigos engenhos produtores de açúcar. A fabricação, que inicialmente era destinada a atender o mercado local, passou por mudanças na década de 1880 devido à construção de ferrovias que integraram, de forma mais efetiva, esta localidade ao restante do país, possibilitando a expansão comercial. Incitada por este acontecimento, a oligarquia local começou a “incorporar maquinarias e técnicas importadas da Europa para fortalecer engenhos que atenderiam a uma futura demanda do crescente mercado nacional, fortalecido pelo contingente migratório, e que até então era abastecido por importações de Brasil e Cuba¹⁴⁹”. O plantio e a colheita de cana demandaram a migração temporária de trabalhadores braçais, desenvolvimento de um setor de serviços, urbanização e integração maior entre províncias. Contudo,

O crescimento social, econômico e político da fração industrial da oligarquia dona de terras tucumanas, em parte aliadas e em parte competindo com o capital estrangeiro fixados em Tucumán, esteve distante de apontar para um verdadeiro desenvolvimento regional, utilizando este crescimento mais como uma forma de cimentar sua posição no sistema político nacional¹⁵⁰, o que explica o apoio via crédito fornecido pelo Estado durante o período¹⁵¹.

Portanto, ainda que a implantação de novas técnicas de plantio, a criação de engenhos e a utilização de ferrovias como forma de escoamento do produto tenham chamado a atenção para a possibilidade de desenvolvimento dessa indústria, seu crescimento não ocorreu conforme o esperado. Entre os motivos, estão os gastos do capital obtido via empréstimo em bens de consumo, o valor elevado do maquinário necessário para a transformação da cana em açúcar¹⁵², requisitos mais severos para obtenção de crédito e a crise de superprodução de 1895.

¹⁴⁹ SANTAMARIA, Daniel. *Azucar y sociedad en el Noroeste Argentino*. Buenos Aires: Ediciones del Ides, 1986, p.9, tradução do autor.

¹⁵⁰ Este fato é facilmente observável na influência exercida pelos próprios industriais eleitos para cargos políticos em nível nacional e provincial, como o caso de Ernesto Padilla. Apesar de dono de engenho, não usufruía de tanto capital econômico quanto os demais industriais, e sua influência política foi construída através do capital social adquirido por frequentar os mesmos espaços e relacionar-se com esses industriais.

¹⁵¹ SANTAMARIA, Daniel. Op.cit, p.11, tradução do autor.

¹⁵² Idem.

Muitos *cañeros*¹⁵³ se tornaram vítimas desse processo, pois hipotecaram suas posses aos donos de grandes propriedades e acabaram por perdê-las por não conseguirem pagar. Essa foi uma tendência da região: os pedidos de créditos feitos em momentos de otimismo com as ferrovias e a industrialização, apesar de fáceis de serem obtidos, não possuíam a mesma característica ao serem pagos, o que favoreceu a formação de latifúndios e concentração industrial nas mãos da elite tucumana.

O Partido Autonomista Nacional (PAN), no qual boa parte dessa elite estava concentrada, possuía algumas particularidades que merecem ser mencionadas. Formado em 1874 a partir da fusão do Partido Autonomista com o Partido Nacional, caracterizou-se desde sua origem pela grande capacidade de influenciar a política nacional. O período delimitado entre a data de sua criação e 1916 é chamado de Ordem Conservadora, nomeado desta forma por seu sucesso em eleger seus candidatos ao cargo de Presidente.

Apesar do perfil parecido de seus integrantes, o partido é atravessado por discordâncias entre membros de localidades distintas. Constituído por um sistema informal de vinculação, que funcionava a partir da concentração de pessoas em torno de líderes provinciais, era comum que houvesse a formação de ligas buscando “recrutar apoio daquelas fontes de poder eleitoral formadas pelos que dominavam ou diziam dominar a política em suas províncias e podiam conseguir os votos necessários no momento da eleição¹⁵⁴”. Isto é, em um primeiro momento, a atividade política do PAN acontecia de forma bastante descentralizada e estava calcada na habilidade de homens de elevada influência conseguir os votos necessários àqueles que desejavam concorrer à presidência¹⁵⁵.

Tudo isso acontecia graças ao funcionamento do sistema eleitoral do momento. Segundo Paula Alonso, este operava pela

representação invertida na qual o poder da eleição estava nos governadores e não no povo. Um arsenal de recursos coercitivos e de incentivos materiais, juntamente com fatores derivados do projeto institucional, colocava nas mãos dos governantes o exercício soberano da eleição. Naturalmente, essa capacidade de controle do sistema representativo foi exercida de forma muito diversa em cada uma das catorze províncias (...) os governadores, com maior ou menor dificuldade de acordo com o caso, tinham à disposição os votos da população de sua província para as eleições a presidência e ao congresso. Esse poder se nutria das dinâmicas políticas geradas em cada província, de aspectos estruturais e de uma constituição nacional que

¹⁵³ Donos de pequenas e médias porções de terra, nas quais cultivavam cana-de-açúcar e vendiam para os engenhos.

¹⁵⁴ ALONSO, Paula. *Jardines secretos, legitimaciones públicas. El Partido Autonomista Nacional y la política argentina de fines del siglo XIX*. Buenos Aires: Edhasa, 2010, p.371, tradução do autor.

¹⁵⁵ Segundo Alonso [2010, p.281], nas duas décadas finais do século XIX é possível identificar quatro ligas dentro do PAN: a de Julio Argentino Roca (1843-1914), a de Dardo Rocha (1838-1921), a de Miguel Ángel Juárez Celman (1844-1909) e a de Bernardo Irigoyen (1822-1906).

designava cada uma delas como distrito único sob um sistema eleitoral plural, dificultando a vitória eleitoral dos opositores ao governo de situação. A combinação destes fatores foi decisiva para dar aos grupos no governo de cada província a capacidade de se tornarem ‘eleitores’¹⁵⁶.

Desta forma, a dinâmica do PAN nos anos finais do século XIX constitui-se a partir da “permanente e fluída formação de alianças intraprovinciais para controlar a sucessão presidencial¹⁵⁷”. Apesar de relativamente coeso localmente, o interesse divergente de determinadas regiões do país gerava discordâncias dentro do partido no momento de escolha do presidente, sendo frequente o estabelecimento de acordos para defesa de inclinações semelhantes.

Portanto, era recorrente a discussão de interesses comuns a serem defendidos na política nacional pelos industriais tucumanos. Além disso, os anos finais do século XIX e início do século XX correspondem a um momento de concentração industrial nas mãos de alguns grupos familiares¹⁵⁸, o que se traduziu no estabelecimento de uma cultura política conservadora¹⁵⁹ com projeção nacional. Essa coesão interna permitiu o crescimento da influência política desse grupo, fator determinante no sucesso dos engenhos de Tucumán. A obtenção de cargos no executivo e legislativo por parte de membros dessas elites, como o caso do já citado Ernesto Padilla, converteu-se em incentivos fiscais e protecionismo¹⁶⁰ ao açúcar que produziam. Essa situação, que perdurou por vinte anos (1895-1915), torna visível a transformação do capital econômico e social¹⁶¹ em cargos no sistema político, a partir dos quais a elite tucumana foi capaz de manter por longos anos medidas fiscais que favoreciam a industrialização e a produção local, assim como obras de infraestrutura que beneficiavam a província.

¹⁵⁶ ALONSO, Paula. *Jardines secretos, legitimaciones públicas. El Partido Autonomista Nacional y la política argentina de fines del siglo XIX*. Buenos Aires: Edhasa, 2010, p.26, tradução do autor.

¹⁵⁷ Ibidem, p.353, tradução do autor.

¹⁵⁸ Entre os nomes influentes com trajetória semelhante a de Padilla, podem ser citados: Miguel Nougués, Luis Nougués, Ambrósio Nougués, Isaias Padilla, Lidoro Quinteros, José Frias Silva, Juan Posse. Além de donos de engenhos e vastas porções de terra, todos construíram carreiras políticas durante o período em questão, ocupando cargos diversos pelo Partido Autonomista Nacional.

¹⁵⁹ Serge Bernstein [1998, p.351] define cultura política como um “conjunto coerente em que todos os elementos estão em estrita relação uns com os outros, permitindo definir uma forma de identidade do indivíduo que dela se reclama”. Neste sentido, dentro de um mesmo país é possível que existam culturas políticas diversas, definidas a partir de diferentes valores partilhados em determinadas localidades.

¹⁶⁰ A primeira medida, de autoria do deputado tucumano Eliseo Cantón (1861-1931), foi proposta já em 1897, estabelecendo o imposto interno sobre a produção e autorizando a exportação do excedente.

¹⁶¹ Bourdieu [1998, p.67] define o capital social como “o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis.”

Sendo assim, no início do século XX, a elite tucumana era constituída principalmente por agroindustriais dedicados à produção de açúcar, cujo sucesso financeiro estava amparado na capacidade de obter vantagens econômicas através de sua atuação política¹⁶². Essa situação gerava preocupações em Buenos Aires, visto que proporcionava “a construção de um Estado que encontrava sua principal base de apoio no interior do país¹⁶³”.

Há de se considerar também a influência familiar na construção desta conjuntura. Claudia Herrera¹⁶⁴ chama a atenção para a prática de distribuição de funções, comum entre parentes próximos. Enquanto alguns membros de determinada família dedicavam-se em aumentar o patrimônio através de atividades econômicas e participação na política provincial, era usual que outros fossem a Buenos Aires reivindicar melhorias para Tucumán. No caso dos Avallaneda, donos do engenho *Los Ralos*, enquanto “Marco e Nicolás se dedicavam à vida política em Buenos Aires (...), Eudoro permanecia em Tucumán encarregado dos negócios¹⁶⁵”.

Além dos vínculos estabelecidos entre parentes próximos, o fato dos membros da elite tucumana partilharem dos mesmos espaços sociais e realizarem atividades semelhantes explica como estas relações extrapolam os vínculos parentais. Posteriormente, o compromisso entre famílias era firmado através do casamento, estreitando-se então as relações econômicas e políticas. Desta forma, “os filhos e parentes correlacionados asseguravam a sobrevivência do núcleo dessa elite¹⁶⁶”.

Portanto, os industriais açucareiros demonstram algumas particularidades que ajudam a entender as produções culturais advindas de seus membros. Esse grupo, constituído principalmente por indivíduos que enriqueceram majoritariamente graças a uma estreita relação com o Estado, encontrou no núcleo familiar uma forma efetiva de conservar o capital econômico e social nos poucos sujeitos que compartilhavam de uma mesma condição. Através da construção de representações identitárias, suas produções culturais e intelectuais operam para transformar as categorias de capital que possuíam em capital simbólico¹⁶⁷, com o propósito de justificar e legitimar sua posição naquela sociedade.

¹⁶² HERRERA, Claudia Elina. *Elites e Poder en Argentina y España en la segunda mitad del siglo XIX*. 251 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Complutense de Madrid em Madrid, 2003, p.161, tradução do autor.

¹⁶³ HORA, Roy. *Autonomistas, radicales y mitristas: el orden oligárquico en la provincia de Buenos Aires (1880-1912)*. In: Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. Emilio Ravignani”, v.23, nº 3, p.39-77, 2001, p. 74, tradução do autor.

¹⁶⁴ HERRERA, Claudia Elina. Op.cit, p.165, tradução do autor.

¹⁶⁵ Ibidem, p.166, tradução do autor.

¹⁶⁶ Ibidem, p.177, tradução do autor.

¹⁶⁷ Em *Espaço Social e Poder Simbólico* [1996, p.163], Bourdieu define este conceito como “o capital econômico ou cultural quando conhecido e reconhecido, quando conhecido segundo as categorias de percepção que ele impõe, as relações de força tendem a reproduzir e reforçar as relações de força que constituem a estrutura

A partir dessa perspectiva, é possível entender como a obra *Ariel* (1900) do uruguaio José Enrique Rodó (1872-1917) exerce grande influência sobre a elite que buscava elementos de distinção entre si e os outros setores que compunham a sociedade argentina. Nesse livro, publicado no contexto da guerra hispano-americana¹⁶⁸ de 1898, o autor faz uma afirmação identitária da América Latina frente aos Estados Unidos e o seu processo de modernização. Retomando *A Tempestade* de Shakespeare, Rodó utiliza as personagens da obra para refletir sobre características dos países que aborda. Próspero representava a Europa colonizadora, seus valores espirituais e etéreos; Caliban, os Estados Unidos e as características que o uruguaio acreditava serem predominantes no país, como o rompimento com a tradição e o florescer de uma cultura utilitarista, interessada apenas em realizações materiais. Ariel, por sua vez, simbolizava a América Latina, que para o autor havia herdado e deveria preservar os valores da colonização espanhola.

Em um contexto no qual a grande leva de imigrantes e o avanço da modernidade eram vistos pela elite conservadora tucumana como uma afronta à tradição e sua posição dominante no Estado, *Ariel* aparece como uma

crítica à deformação democrática e à vulgarização da cultura, o ataque à filosofia utilitária e a desumanização da arte, entre outros. A um nível mais substantivo, o parentesco manifesta-se no diagnóstico que Rodó faz de seu tempo e que desemboca numa conclusão semelhante à dos pensadores europeus de vertente aristocrática. Isto é, a crise da sociedade moderna deve-se à perda de autoridade das elites tradicionais que já não mais detém a exclusividade da criação de valores ou do papel de ser a consciência moral da sociedade¹⁶⁹.

É evidente que *Ariel* é um produto do processo de modernização e imigração pelo qual o Uruguai passava. Contudo, esse sentimento floresce também entre intelectuais argentinos de perspectiva semelhante. O caso mais notável é o de Alberto Rougès (1880-1945), com quem Rodó trocou correspondências e elogios. A ideia de a América Latina ser herdeira de valores partilhados no mundo clássico grego que se mantiveram vivos na Espanha durante a Idade Média, presente na obra do uruguaio, aparece também em Rougès e nos escritos de Leopoldo Lugones e Alfonso Carrizo. Portanto, o sentimento de ameaça frente às transformações pelas quais o país passava no início do século XX não era exclusivo apenas aos que residiam em

do espaço social. Em termos mais concretos, a legitimação da ordem social não é produto, como alguns acreditam, de uma ação deliberadamente orientada de propaganda ou de imposição simbólica; ela resulta do fato de que os agentes aplicam às estruturas objetivas do mundo social estruturas de percepção e apreciação que são provenientes dessas estruturas objetivas e tendem por isso a perceber o mundo como evidente”

¹⁶⁸ Conflito entre Espanha e Estados Unidos motivado pela guerra de independência de Cuba.

¹⁶⁹ HERRERA, Claudia Elina. *Elites e Poder en Argentina y España en la segunda mitad del siglo XIX*. 251 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Complutense de Madrid em Madrid, 2003, p.142, tradução do autor.

Buenos Aires. Não é à toa que estudos sobre o nacional são conduzidos justamente por intelectuais que, apesar de estudarem e residirem na capital, são naturais de províncias do interior.

Desta forma, a Argentina adentra o século XX com uma elite industrial tucumana bem definida ideologicamente, marcada pelo hispanismo construído a partir da perspectiva de Rodó e concentrada em um partido hegemônico na política nacional que, apesar das discordâncias internas, foi capaz de eleger todos os presidentes do ano de sua criação (1874) até sua dissolução (1917).

Contudo, as atividades desse grupo não estavam restritas apenas ao desenvolvimento de uma íntima relação com o Estado e às ocupações econômicas. Partilhando da ideia de Rodó de que a América Latina se caracterizava pelos valores “arielistas” responsáveis pelo cultivo da cultura, arte e filosofia frente ao materialismo cosmopolita dos imigrantes, os industriais de Tucumán também despenderam tempo dedicando-se à vida intelectual e à criação de instituições que buscavam promover concepções que fizessem jus aos valores argentinos herdados da Espanha. Através da criação de instituições culturais e da atividade intelectual, seria possível construir representações identitárias capazes de legitimar simbolicamente a dominação dos industriais tucumanos frente aos setores populares locais e também à população argentina como um todo. Afinal, o próprio PAN era um espaço social de disputa entre províncias. Dessa forma, os incentivos fiscais fornecidos aos produtores de açúcar e a posição ocupada por eles seriam justificadas a partir da ideia de que nas províncias do Noroeste habitavam os representantes autênticos da nação argentina.

Um exemplo de intelectual que partilha e age a partir destas concepções é Alberto Rougès. Já apresentado como um dos mentores de Alfonso Carrizo, o herdeiro do engenho Santa Rosa, um dos maiores da região, tem uma longa história de dedicação ao meio acadêmico. Apresentado pela bibliografia como o representante da filosofia na chamada Geração de 1910, cuja característica principal é a reação frente ao positivismo, dividiu concepções ideológicas com Juan B. Terán (1880-1938), Miguel Lillio (1862- 1931), Ernesto Padilla, Juan Heller (1883-1950), entre outros homens de grande notoriedade, fazendo parte de uma grande rede de intelectuais de concepções semelhantes¹⁷⁰.

Logo após terminar seus estudos no Colegio Nacional de Tucumán, em 1897, muda-se para a capital para iniciar sua formação em direito na Facultad de Derecho y Ciencias Sociales de Buenos Aires, finalizando-a em 1905. Apresenta sua tese de doutoramento, denominada La

¹⁷⁰ GOTTHELF, René. *La filosofía de Alberto Rougès*. In: **Revista Cuyo** v.3, nº1, 1967, p.91.

lógica de la acción y su aplicación al Derecho, no mesmo ano, recebendo elogios de José Enrique Rodó. Segundo René Gotthelf, os dois mantinham contato frequente através de correspondência, e Rougès o considerava “um dos autores ídolos de sua vida e de toda sua geração¹⁷¹”.

A filosofia de Alberto Rougès está ancorada em Platão, Plotino e Santo Agostinho, “a partir dos quais repensa a concepção do universo apresentada pelo cientificismo materialista¹⁷² de finais de século XIX e início do século XX¹⁷³”. Segundo Gotthelf:

O espiritualismo filosófico de Rougès, assim como sua compreensão da religião como atividade vital impregna também sua concepção social e educacional. Humanista profundamente democrático, considera a história dos povos como uma continuidade, onde o passado vive no presente junto com o futuro, e quanto mais permeado pelo passado e pelo futuro é o presente de um povo, mais segura é sua marcha como dono de seu destino.¹⁷⁴

Rougès foi ainda um dos membros da Comisión Reformadora de la Constitución de la provincia de Tucuman, em 1907, tendo também grande influência na criação da Universidade da província, inaugurada em 1914. É importante ressaltar que, apesar da principal atividade econômica da região estar centrada na produção de açúcar, a universidade não se voltava a questões técnicas que pudessem modernizar ainda mais a produção. Seu foco eram as humanidades, o que segundo Chamosa¹⁷⁵ revela que as intenções dos industriais com sua fundação eram mais amplas do que pareciam ser.

A tendência que se observa neste caso, mais uma vez, é a tentativa dessa elite econômica promover através da cultura e do campo intelectual representações identitárias semelhantes às de Rodó. A universidade, ao ter seu foco voltado às ciências humanas somado ao fato de os industriais serem “empresários urbanos de gostos apurados e formação universitária, que vinham aos engenhos apenas para entreter os convidados ou passar o fim de semana em seu suntuoso ‘chalé’¹⁷⁶”, apontam para o resgate da cultura popular provincial ter acontecido apenas enquanto parte dessas representações.

Contudo, apesar de Rougès ter sido um grande representante da intelectualidade e trabalhado nas instituições culturais provincianas, algumas iniciativas de caráter parecido são

¹⁷¹ GOTTHELF, René. *La filosofía de Alberto Rougès*. In: **Revista Cuyo** v.3, n°1, 1967, p.91, p.92, tradução do autor.

¹⁷² Rougès identifica como materialismo explicações filosóficas que desconsideram questões espirituais e metafísicas. Esse autor também utiliza do conceito para designar os interessados em satisfazer apenas necessidades materiais, e que para isso, abandonaram a religiosidade e a cultura.

¹⁷³ Ibidem, p.94, tradução do autor.

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ CHAMOSA, Oscar. *Breve Historia del Folklore Argentino 1920-1970: identidad, política y nación*. Buenos Aires: Edhasa, 2012, p.67.

¹⁷⁶ Ibidem, p.69, tradução do autor.

anteriores à sua atuação. Uma notória representação disto é a fundação da *Sociedad Sarmiento*, idealizada por professores e estudantes da *Escuela Normal de Tucumán* interessados em formar uma sociedade literária já na década de 1880. Como expõe Marcela Vignoli,

a maioria dos jovens fundadores desta Associação faziam parte de grupo de graduados secundários cuja condição econômica impedia de transladar aos centros universitários do país e continuar seus estudos, razão pela qual é possível considerar que a necessidade de um centro de ensino superior na província, uma demanda de alguns setores desde a tentativa fracassada de criação de uma instituição universitária em 1875, teve um papel nessa criação. Embora fosse uma ideia incipiente, é verdade que os 15 jovens que responderam ao convite consideravam que faziam parte da juventude estudantil que encontrou no acesso à educação um meio de distinção¹⁷⁷.

Com o passar dos anos, a *Sociedad Sarmiento* conseguiu se estabelecer como um espaço de cultura e prestígio. Tendo como foco a construção de um ideal cívico, foi capaz de receber apoio em âmbito provincial e nacional. Entre os atos promovidos pela *Sociedad* é possível encontrar a construção

de monumentos nacionais como a *Casa de la independencia* (que durante a década de 1880 era revalorizada pelo Estado Nacional), a organização de celebrações nacionais, das chamadas ‘peregrinações patrióticas da juventude’ e a criação de um clube de futebol que também contribuiu para a exaltação patriótica¹⁷⁸.

Isto é, os atos voltados para as representações do nacional foram peças centrais para o crescimento da *Sociedad*, uma vez que constitui um ponto de convergência de interesses entre grupos provinciais e nacionais. Dessa forma, esta instituição transformou-se num ambiente no qual grandes debates intelectuais do período aconteciam, além de estabelecer-se como promotora de manifestações culturais na província. Entretanto, o ambiente não estava livre das disputas políticas locais, marcadas não só pelas discordâncias entre a própria elite, como também pelo fato de deputados, governadores, ministros e demais homens ligados à administração pública integrarem a *Sociedad*.

Outra instituição cultural também criada pelos conservadores de Tucumán é a *Biblioteca Alberdi*. Idealizada por alguns dos sócios da *Sociedad Sarmiento* que faziam parte da administração pública, a biblioteca, fundada em 1903, é marcada por projetos políticos desde sua fundação. Contudo, este não era seu único propósito, pois também buscava cumprir a função de receber aqueles que desejassem se instruir, incorporando principalmente os

¹⁷⁷ VIGNOLI, Marcela; ZUCCARDI, Soledad Martínez.; ZJWAIN, Gloria. *Institucionalización de la cultura: expresiones, nuevos actores, sociedad y estado, 1870-1916*. In: VIGNOLI, Marcela (Org). *La Cultura en Tucumán: artistas, instituciones, prácticas*. Buenos Aires: Imagino Mundi, 2007, p.50, tradução do autor.

¹⁷⁸ Idem.

setores médios que cresciam graças à imigração. Ainda que inicialmente projetada para cumprir papel semelhante ao da Sociedad Sarmiento, a influência e importância da Biblioteca Alberdi acabou restrita ao empréstimo de livros e espaço de estudo.

Desse mesmo período data também a difusão de periódicos na província como *El Porvenir* e *El Tucumán Literário*. Esta atividade atinge seu ápice com a *Revista de Letras y Ciencias Sociales*, que circulou durante julho de 1904 e dezembro de 1907 com periodicidade mensal. O diretor de origem peruana Ricardo Jaimes Freyre (1866-1933) chega à província em 1901 com grande reconhecimento social como poeta modernista, no qual rapidamente se estabelece como proeminente literato e intelectual. Também presentes na revista estão “Juan B. Terán e Julio López Mañán — jovens da elite socioeconômica tucumana, recém-graduados como advogados — cumprindo função de redatores¹⁷⁹”, além de Alberto Rougès. Em conjunto com a Sociedad Sarmiento, a Biblioteca Alberdi e os dois periódicos citados, a *Revista de Letras y Ciencias Sociales* delimitava um campo intelectual dedicado à cultura e

além do conteúdo de suas páginas, [...] era um espaço de vida, um cenário da vida intelectual fundamental no momento de organização institucional da cultura letrada em Tucumã. Em torno da produção da revista, consolidou-se uma elite cultural local — ligada em grande parte, embora não exclusivamente, à elite socioeconômica da província — que, logo após o término da experiência da revista, criaria uma instituição fundamental como a Universidade de Tucumán. Nesse sentido, é possível considerar a *Revista de Letras y Ciencias Sociales* como um antecedente significativo da casa de estudos, não só por ter consolidado o grupo fundador da instituição, mas também porque suas páginas funcionaram por vezes como um verdadeiro campo de estudo e pesquisa. A organização de arquivos, a construção de uma história local, as primeiras reflexões sistemáticas sobre a região Norte também faziam parte das tarefas empreendidas pelo grupo consolidado a partir da revista. Um grupo — mais tarde seria chamado pela historiografia local como a “geração centenária” ou “geração universitária” — que alcançaria uma forte implantação em Tucumán por várias décadas e cuja obra cultural seria recuperada por certos projetos posteriores em termos de uma “tradição” prestigiosa [...]¹⁸⁰

A revista também promovia estudos relacionados à história da província, publicando fontes primárias que de alguma forma relacionavam-se com o passado de Tucumán, gerando frutos sobre esse tema mesmo após ser encerrada.

Os intelectuais que escreviam ali influenciariam a geração seguinte, apesar de suas distinções ideológicas. O mais notório caso é o do radical Manuel Lizondo Borda (1889-

¹⁷⁹ VIGNOLI, Marcela; ZUCCARDI, Soledad Martínez; ZJWAIN, Gloria. *Institucionalización de la cultura: expresiones, nuevos actores, sociedad y estado, 1870-1916*. In: VIGNOLI, Marcela (Org). *La Cultura en Tucumán: artistas, instituciones, prácticas*. Buenos Aires, Imagino Mundi, 2007, p.81, tradução do autor.

¹⁸⁰ Ibidem, p.83, tradução do autor.

1966), inspirado a exercer atividades ligadas à vida intelectual a partir do contato que teve com as ações de Juan B. Terán e Ernesto Padilla, considerando ambos responsáveis por fomentar a possibilidade da investigação histórica a partir de iniciativas como a fundação do arquivo histórico da província em 1913. A empreitada que trouxe o reconhecimento perante seus pares foi um amplo estudo no qual compilou escritos que faziam menção a Tucumán. Em sua análise, Manuel Borda sistematizou-os em quatro eixos: 1) os que comparam a província a um jardim de natureza e geografia belíssimas; 2) os que exaltam o papel da região na luta pela independência e ao ideal de liberdade; 3) de um ambiente culto e atento às tendências estrangeiras e 4) de um futuro promissor marcado pelas ideias de avanço e progresso atreladas à indústria açucareira¹⁸¹.

É curioso observar as diferenças entre os escritos compilados por Manuel Borda, e as criações culturais das camadas populares. Enquanto nas produções intelectuais a província é apresentada predominantemente de forma positiva em seu passado, em seu presente e em seu glorioso futuro, cuja prosperidade estava atrelada ao desenvolvimento da indústria açucareira, na outra categoria observamos o contrário: em obras de autoria popular os donos de engenhos apareciam relacionados com o diabo através da lenda *El Familiar*¹⁸² ou representados como vilões.

Como exemplo do último caso, há a obra de teatro *Canãs y trapiches*, datada de 1909 e de autoria de Alberto García Hamilton (1872-1947), escritor no periódico *El Orden*. Nessa obra, o autor aborda a vida dos trabalhadores *cañeros* e seu pouco poder de barganha frente aos grandes empresários açucareiros. Apresentados como vulneráveis, frente às pragas e variações climáticas, ainda enfrentam a dificuldade de lidar com a ganância dos industriais. Além disso, a obra foca nos costumes locais, denunciando os maus-tratos aos quais os trabalhadores eram submetidos pelos filhos dos donos de engenho e a corrupção, que aparecia principalmente na cidade, construída como oposição ao campo.

Nesse sentido, é possível identificar grandes divergências entre os escritores oficiais e as manifestações populares. Ainda assim, não se deve pensar que essas não tiveram impacto na política nacional. A riqueza obtida pelos industriais, sobretudo a partir da exploração da mão de obra dos trabalhadores braçais e dos *cañeros*, denunciada nas peças citadas, aparece

¹⁸¹ ZUCCARDI, Soledad Martínez. *Una publicación cultural fundacional: la Revista de Letras y Ciencias Sociales*. In: VIGNOLI, Marcela (Org). *La Cultura en Tucumán: artistas, instituciones, prácticas*. Buenos Aires, Imagino Mundi, 2007, p.87, tradução do autor.

¹⁸² Segundo Marcela Vignoli [2007, pg.121], *El Familiar* tratava-se de uma lenda que narrava “Um pacto que os donos do engenho teriam feito com o diabo a quem devem a sua fortuna e em troca dão a sua alma. O diabo deixa como seu representante um cachorro preto que se alimenta de vidas humanas que são dadas pelo patrão. Segundo esse mito, os trabalhadores da indústria açucareira serviriam de alimento para o monstro.”

criticada também por políticos e imprensa de Buenos Aires que estavam insatisfeitos com o protecionismo fornecido pelo Estado à indústria açucareira, sendo mais um foco de tensão entre capital e província.

As descrições oficiais divergem também dos relatos de franceses que viajaram para a região entre os anos finais do século XIX e iniciais do século XX, como os casos de Jules Huret (1863-1915) e de Georges Clemenceau (1841-1929). A discordância aparece devido ao fato de que os autores sinalizavam elementos que pressupunham atraso da região frente à Europa e a própria Buenos Aires. Destacam também a mestiçagem e a presença de populações indígenas, completamente apagadas das descrições oficiais, que buscavam, na preponderância de mão de obra de trabalhadores brancos, um motivo para a alegada superioridade de sua produção açucareira frente à concorrência do Brasil, Cuba e demais regiões da própria Argentina. A fala do deputado tucumano Malitón Camaño em uma sessão da câmara em 1917 ilustra perfeitamente esse ideal: “Não se pode comparar um país de negros como Java com um país de brancos como Tucumán! O açúcar de Java como o de Brasil e Cuba é produzido por raças inferiores que não podem aspirar ao nível de vida do trabalhador argentino¹⁸³”.

Algo bastante curioso a respeito de Clemenceau e Jules Huret é a falta de menção aos seus escritos na obra de Manuel Borda, ainda que publicados quase dez anos antes e de bastante relevância no meio intelectual argentino. A respeito dessa ausência, Soledad Martinez Zuccardi defende a possibilidade de se tratar de um silenciamento, devido ao fato dos franceses ressaltarem aspectos que contrariavam os interesses da elite açucareira da província, dentre eles as más condições de trabalho vividas nos engenhos, e a presença das populações indígenas e mestiças em Tucumán¹⁸⁴.

Analizando todos esses fatores, fica evidente a tentativa de intelectuais, políticos e empresários ligados à indústria açucareira promoverem políticas que lhes favorecessem do ponto de vista econômico, difundindo também sua relação com a cultura hispânica e o o fenótipo branco supostamente predominante nas populações da região. A partir dessa concepção, tentava-se estabelecer o açúcar da província como superior ao de seus concorrentes, uma vez que o resultado do trabalho de indígenas e negros era considerado de qualidade inferior ao dos trabalhadores brancos do Noroeste argentino.

¹⁸³ CAMAÑO, Malitón, 1917 apud CHAMOSA, Oscar. *Breve História del Folklore Argentino 1920-1970: identidade, política y nación*. Buenos Aires: Edhasa, 2012, p.67, tradução do autor.

¹⁸⁴ ZUCCARDI, Soledad Martínez. *Imaginando el Tucumán cultural: la elaboración de discursos acerca de la provincia a comienzos del siglo XX*. In: VIGNOLI, Marcela (Org). *La Cultura en Tucumán: artistas, instituciones, prácticas*. Buenos Aires: Imagino Mundi, 2007, p.94.

Um nome de notoriedade inegável nesta rede de intelectuais com perspectiva hispanista é o do já citado Juan B. Terán que, somando esforços junto à notoriedade e poder político da Sociedad Sarmiento, foi capaz de eleger-se deputado em 1909, trabalhando a favor da criação da Universidad Nacional de Tucuman. Entretanto, a construção dessa instituição não esteve isenta de críticas e enfrentou forte oposição de Buenos Aires, materializada em artigos escritos no jornal *La Nación*.

Esse caso serve como exemplo para demonstrar o quão vantajoso era para políticos, intelectuais e industriais de forma geral, serem membros da Sociedad Sarmiento. Como expõe Marcela Vignoli, Ernesto Padilla, governador da província entre 1913 e 1917 e membro da *Sociedad*, designou como membros do Conselho Superior da universidade:

Juan B. Terán, Miguel Lillo, José I. Aráoz, Guillermo Paterson, Ricardo Jaimes Freire, Arturo Rosenfeld, Miguel P. Díaz, Estergridio de la Vega, Alejandro Uslenghi, José Padilla, Juan Chavanne e José Benito González, todos membros de Comissão Diretiva da Sociedad Sarmiento. O Conselho Superior elegeu como reitor Juan B. Terán no final de 1913 (...) O grande projeto do grupo de dirigentes que havia se consolidado frente à *Sociedad* durante a crise de 1903, gestado trabalhosamente durante dez anos, fazia-se realidade¹⁸⁵.

Esta situação demonstra como além do capital econômico, político e cultural, os industriais tucumanos também contavam com o capital social, determinante no momento de escolha de quais pessoas iriam ocupar quais cargos em determinadas situações. No caso da Universidade de Tucumán, a presença na Sociedad Sarmiento foi de extrema importância na escolha dos membros do Conselho Superior.

Contudo, o avanço de ideologias avessas aos pensamentos dos antigos intelectuais tucumanos toma força durante a década de 1910, convergindo com a tendência da política nacional. Em 1917, com a vitória dos radicais para inúmeros cargos políticos, entre eles a presidência e o governo da província, chega ao fim o período denominado Ordem Conservadora. No período em que a União Cívica Radical (UCR) esteve no poder (1917-1930), o Estado que anteriormente não media esforços para socorrer os industriais quando necessitavam, passa a promulgar leis que iam de encontro a seus interesses. Além disso, as instituições culturais construídas durante os mais de vinte anos nos quais o PAN dominou a política nacional, já não tinham sua ideologia como hegemônica, tornando-se também um espaço de disputa.

¹⁸⁵ VIGNOLI, Marcela.; ZUCCARDI, Soledad Martínez; ZJWAIN, Gloria. *Institucionalización de la cultura: expresiones, nuevos actores, sociedad y estado, 1870-1916*. In: VIGNOLI, Marcela (Org). *La Cultura en Tucumán: artistas, instituciones, prácticas*. Buenos Aires: Imagino Mundi, 2007, p.68, tradução do autor.

2.2. O fim da Ordem Conservadora: política e cultura nos governos radicais

É evidente que a Ordem Conservadora não chegou ao fim do dia para a noite. Enquanto os industriais açucareiros e demais membros do Partido Autonomista Nacional disputavam entre si a presidência, outros setores da sociedade argentina também se organizavam, e entre os partidos que podem ser considerados de oposição, a União Cívica Radical foi capaz de dar fim a hegemonia conservadora na política nacional.

Contudo, o contraponto ao PAN não era exclusividade radical. Desde 1896 o Partido Socialista já tecia duras críticas às suas ideias, assim como ao sistema eleitoral e à centralização da tomada de decisões em Buenos Aires. Posteriormente, em 1908, a *Liga del Sur* une-se aos socialistas, apesar das divergências em suas propostas. O primeiro, formado por trabalhadores, buscava defender seus interesses, ao passo que o segundo, constituído por comerciantes, donos de pequenas porções de terra e setores médios de forma geral¹⁸⁶, tinha como prioridade as reivindicações desses setores.

Enquanto isso, a UCR, no início do século XX, propunha-se como um

partido orgânico, impessoal e de princípios, conforme sua carta orgânica. Contudo, a redação de um programa logo tenciona o agrupamento. Yrigoyen nega a necessidade de definições pontuais sobre problemas concretos, argumento que a União Cívica Radical é mais do que um partido, é a representação da nação, mas nem todos os radicais defendem o mesmo¹⁸⁷.

Em 1909, Juan Ramón Mantilla e Angel Acuña (1882-1957), membros do *comité nacional* formado por Angel Blanco, líder do partido, sistematizaram de forma geral em um plano nacional e mais especificamente no contexto provincial, uma plataforma com as questões pelas quais o partido advogava. Entre elas, destacam-se: a defesa do regime federal, naturalização de estrangeiros, laicização do Estado, representação de interesses de minorias, nacionalização das ferrovias, livre comércio como política econômica, criação de um imposto sobre heranças e legislação trabalhista¹⁸⁸. É interessante notar como quase que a totalidade dessas pautas entram em conflito com os interesses dos industriais tucumanos.

Segundo Virginia Persello, a UCR pode ser definida, de acordo com os conceitos weberianos, como um partido carismático de situação, pois dá espaço para organizações estabelecidas a partir de vínculos pessoais e adota uma postura revolucionária frente às

¹⁸⁶ PERSELLO, Ana Virginia. *El Partido Radical: gobierno y oposición*, 1916-1943. 371 f. Tese (doutorado em história). Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Buenos Aires, 2003, p.44.

¹⁸⁷ Ibidem, p.46, tradução do autor.

¹⁸⁸ Idem.

práticas dominantes¹⁸⁹. Nessa categoria, há uma fusão entre a imagem do líder e a identidade do partido, que no caso da UCR é observável inicialmente na figura de Leandro N. Alem, e posteriormente em Hipólito Yrigoyen. Entretanto, o “primeiro parece associado à configuração de um partido impessoal e orgânico, e o segundo com a identificação do partido com a nação e seu líder¹⁹⁰”. Estas características configuram duas alas que coexistem e disputam espaço dentro da UCR, os *antipersonalistas* e os *personalistas*, respectivamente.

A partir da Lei Saenz Peña (1912), que proporcionou a reforma no sistema eleitoral, a União Cívica Radical deixa de ser um partido de oposição para se tornar “majoritário e predominante (...), deixa de ser uma organização de quadros para converter-se em um partido de massas¹⁹¹”. Os quatro anos que separam 1912 de 1916, ano da eleição seguinte, foram marcados pela liderança de Yrigoyen, candidato à presidência, que “baseado na construção de uma vasta rede de lealdades pessoais e em sua decisão de não delimitar os limites da organização sancionando um programa, definia um partido de fronteiras dúbias que permanentemente expulsava e readmitia dirigentes e militantes¹⁹²”. Esta estratégia mostrou-se inicialmente efetiva, uma vez que o líder do partido foi eleito presidente, e Juan Bautista Bascary (1872-1933), governador de Tucumán.

Os resultados dessa mudança no executivo não tardaram a aparecer. Segundo Daniel Santamaria:

Os industriais sempre foram conscientes da vulnerabilidade da indústria açucareira em seu conjunto e sempre enxergaram qualquer benefício fornecido pelo estado como um passo positivo no caminho do enriquecimento. As grandes mudanças que aconteceram nos canaviais entre 1915 e 1918 foram introduzidas por uma grande diferença entre o Estado conservador, que demonstrou muitas vezes uma intrépida disposição de atender as demandas dos industriais com créditos extensos, e o Estado radical, mais populista e menos conciliador, que controlou a produção de açúcar para proteger os preços do mercado interno, estabeleceu leis sociais entendidas pelos industriais como duros obstáculos para conseguir o crescimento que julgavam básico para o desenvolvimento provincial (...) ¹⁹³.

Ainda que o aspecto populista da União Cívica Radical não seja um consenso entre os estudiosos do tema, o destaque à mudança de postura do Estado argentino feito por

¹⁸⁹ PERSELLO, Ana Virginia. *El Partido Radical: gobierno y oposición, 1916-1943*. 371 f. Tese (doutorado em história). Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Buenos Aires, 2003, p.57.

¹⁹⁰ Ibidem, p.58, tradução do autor.

¹⁹¹ Ibidem, p.61, tradução do autor.

¹⁹² Ibidem, p.61, tradução do autor.

¹⁹³ SANTAMARIA, Daniel. *Azúcar y sociedad en el Noroeste Argentino*. Buenos Aires: Ediciones del Ides, 1896, p.61, tradução do autor.

Santamaria é imprescindível a nosso estudo, pois é justamente essa atitude que suscita o descontentamento dos industriais tucumanos.

Mesmo com o sucesso nas eleições de 1916, o radicalismo não estava livre de divisões internas. As duas tendências presentes no partido, a *personalista* ligada a Yrigoyen, e a *antipersonalista* iniciada por Leandro Alem, não tardam a entrar em conflito e, em 1919, começam as críticas frequentes ao governo de Yrigoyen em decorrência das medidas centralizadoras tomadas pelo presidente, da falta de autonomia provinciana e da carência de um programa de governo concreto. Os deputados do partido encontravam-se perdidos em determinadas pautas, indecisos quanto ao que defender, ou mesmo se deveriam votar em unidade ou a partir de convicções pessoais.

A falta de coesão agravava-se ainda mais à medida em que os radicais conseguiam se estabelecer na política provincial. Mesmo em situações em que saíam vitoriosos, não necessariamente havia unidade após as eleições, de forma que alianças intrapartidárias divergentes comumente geravam tensões entre o legislativo e o executivo. Foram comuns os casos de processos de impeachment iniciados por radicais contra governadores do mesmo partido¹⁹⁴. Dessa forma, a instabilidade política constituiu-se como marca registrada nos governos do partido, e “os resultados foram as intervenções federais que, por sua vez, inclinavam a balança para um ou outro dos setores em conflito, que voltava a acontecer, muitas vezes, mais afiado¹⁹⁵”. No caso de Tucumán, após a eleição de Juan Bautista Bascary em 1917, foram feitas sucessivas intervenções federais, nas quais Yrigoyen trocava o governador da província por um de sua escolha.

Contudo, mesmo com as dificuldades propiciadas pelas divergências internas e o próprio funcionamento da UCR, os anos de governo radical foram bastante penosos para os industriais do Noroeste. A postura de atender algumas das demandas de setores populares entra em conflito com os interesses da elite açucareira, que devia muito de seu enriquecimento às políticas de benefícios fiscais, crédito, subsídio e infraestrutura, ao mesmo tempo em que fechava os olhos às reivindicações dos *cañeros* e dos trabalhadores.

Organizados desde 1917 no Partido Liberal (PL), após a dissolução do Partido Autonomista Nacional, os industriais tucumanos empreitaram uma tentativa de formar uma

¹⁹⁴ Ana Persello [2003, p.69] menciona os casos de Tucumán em 1917 e 1921, Córdoba em 1917 e 1918, Santiago del Estero em 1920, Salta em 1921 e Jujuy em 1922.

¹⁹⁵ PERSELLO, Ana Virginia. *El Partido Radical: gobierno y oposición, 1916-1943*. 371 f. Tese (doutorado em história). Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Buenos Aires, 2003, p.69, tradução do autor.

organização territorialmente extensa e que fosse capaz de competir com a UCR eleitoralmente. Isso buscando

superar a fragmentação do conservadorismo provincial e lastrear sua atuação em uma organização duradoura, que revertisse o caráter efêmero das entidades prévias. A capacidade de articular o grosso dos dirigentes conservadores provinciais permitiu com que o partido se tornasse o principal opositor durante os ciclos de governos radicais estabelecidos entre 1917 e 1930¹⁹⁶.

Apesar da dominância da UCR na esfera executiva com as sucessivas vitórias à presidência e aos governos, o PL estabelecia-se como uma oposição bastante organizada e vitoriosa no âmbito legislativo, principalmente no Senado provincial. Assim, ainda que a União Cívica Radical contasse com importantes vitórias nos últimos anos, o núcleo conservador de industriais tucumanos, entre eles¹⁹⁷ Padilla e Rougès, que financiavam campanhas de candidatos do PL, continuava organizado em torno de um partido, dessa vez mais coeso do que o anterior.

Como se o avanço radical já não fosse motivo suficiente para gerar tensões na província de Tucumán, a década de 1920 também é marcada pela superprodução açucareira. A partir de uma nova variedade de cana, mais resistente a geadas e de maior produtividade, o aumento do produto ofertado pela indústria cresceu consideravelmente. Contudo, esse não foi apenas um fenômeno local, o que poderia ser resolvido com a exportação do excedente. O aumento exacerbado do produto também estava presente em outros países, de forma que nem mesmo as barreiras de importação foram capazes de impedir o produto estrangeiro, agora mais barato, de adentrar o mercado argentino. O governo, agora com postura bastante diferente dos anos anteriores, optou por não atuar a favor de uma indústria que já julgava protegida em excesso.

A este momento de crise nos engenhos somam-se as chamadas leis sociais, também conhecidas como leis de 1923, destinadas a trazer melhorias nas condições de trabalho, o que aumentou os gastos da produção industrial e agrária. A questão trabalhista já era uma grande preocupação na década anterior, graças às precárias condições às quais os trabalhadores rurais eram submetidos. Via de regra os turnos eram organizados em doze horas por dia com uma pequena pausa de meia hora destinada à alimentação. Antes das leis sociais, já em 1919, Juan

¹⁹⁶ LICHTMAJER, Leandro Ary. *El Precio de la Democratización. El rol de los empresarios azucareros en el financiamiento del Partido Liberal (Tucumán, 1917-1930)*. In: **Quinto Sol**. V.24, nº2, p. 1-24. 2020. p.5, tradução do autor.

¹⁹⁷ Além dos citados, o partido contava com financiamento do Centro Azucarero, Ingenio Mercedes (cujo dono era Ernesto Padilla), Compañía Azucarera Tucumana, Nougés Hermanos, Ingenio Santa Ana, Ingenio La Corona, Ricardo M. Frías, Los Ralos, Compañía Azucarera Concepción, Ingenio San José, Justiniano Frías, Ingenio Fronterita, Marcos Rougès, dentre outros [LICHTMAJER, 2020, p.8-9].

Bautista Bascary tentou abaixar a jornada para oito horas diárias. Contudo, a organização dos conservadores no PL e sua vitória aos cargos do legislativo foram suficientes para impedir a implementação dessa medida.

A insatisfação dos industriais já era crescente, mas aprofundou-se ainda mais na década de 1920, com o estabelecimento do salário mínimo a partir da Lei 1.348 de 1923. Nesse mesmo ano, também foi estabelecida, com a Lei 1.346, a jornada de oito horas, proposta anteriormente, mas abandonada devido à resistência do Partido Liberal. O principal argumento que buscava dar sustentação à posição contrária a essas leis era a alegação de que a jornada de doze horas se concentrava em apenas seis meses, o período de safra, e nos meses restantes os trabalhadores realizavam apenas tarefas fáceis e de pouco esforço.

No ano seguinte, com a Lei Nacional 11.317, houve a regulamentação do trabalho feminino e de menores de idade. A partir de sua aprovação, ficava proibido empregar menores de doze anos em quaisquer modalidades de serviço e menores de quatorze em empresas industriais e comerciais. Já no caso das mulheres adultas, a regulamentação buscava reduzir a jornada de doze para oito horas diárias, enquanto menores de dezoito anos poderiam cumprir jornadas de no máximo seis horas. Estava vetado para ambos o trabalho noturno. É válido mencionar que antes da aprovação dessas leis, as demandas dos trabalhadores já eram de conhecimento geral tanto na capital como no interior. Assim como em Buenos Aires, a influência de ideologias de esquerda nesse meio foi capaz de organizar suas demandas e expressá-las principalmente por meio de greves.

Não se pode perder de vista que as medidas protetivas promulgadas a favor dos trabalhadores tinham muito mais um caráter conciliador do que a satisfação plena de suas demandas. Prova disto é a criação da *Camara Gremial de Productores de Azucar de Tucuman* em 1927, na qual o Estado buscava solucionar os conflitos que assolavam a região. Sobre o funcionamento da *Camara Gremial*, María Celia Bravo evidencia que

A direção do organismo ficou a cargo de uma Comissão de Arbitragem integrada por um presidente nomeado pelo governador com a anuência do Senado, três representantes dos industriais e três dos *cañeros* com seus respectivos suplentes. Cada um dos setores aderentes à Câmara do Grêmio tinha que indicar seus representantes por meio de seus respectivos sindicatos, cujos mandatos duravam três anos, com possibilidade de reeleição¹⁹⁸.

Dessa forma, uma economia que em governos anteriores contava com a falta de regulamentações relacionadas ao trabalho e com benefícios fornecidos pelo Estado em outras

¹⁹⁸ BRAVO, Maria Cecilia. Agrarismo y Conflicto Social em Tucumán en la década de 20. *Anuario del Centro de Estudios Históricos Prof. Carlos S. A. Segretia* vol. 8, nº 8, p. 41-64, 2008, p.58, tradução do autor.

áreas, agora encontrava-se em uma situação totalmente contrária, sem qualquer sinal de mudança a favor dos empregadores. A reação dos industriais locais foi a de tentar repassar o custo da crise de superprodução e das leis sociais aos *cañeros*, cuja relação com os donos de engenhos já era bastante desgastada e conflituosa. Segundo Maria Cecília Bravo, isso acontecia graças às más condições de comercialização da matéria-prima, o que levou alguns meios de comunicação, como os jornais *El Deber* e *El Herald*, a publicar frequentemente escritos criticando os engenhos¹⁹⁹

Mesmo que de forma conturbada e com diversas intervenções federais ocasionadas pelas tensões estabelecidas em Tucumán pela oposição entre um executivo radical e um legislativo conservador, a UCR manteve-se no poder na província até 1930. Durante esse período, as eleições de 1928 são um marco para a política local, pois o engajamento industrial no financiamento da campanha²⁰⁰ do candidato José Padilla, irmão de Ernesto, é bastante emblemático. Apesar desta tentativa por parte do PL, o ganhador foi o radical José Graciano Sortheix (1873-1954) e, dessa vez há também a vitória de candidatos a cargos do legislativo pelo *Partido Agrário*. Este, fundado em 1927 por dirigentes *cañeros* motivados a defender seus interesses frente aos dos donos de engenhos, também contava com representantes presentes dentro da própria UCR.

A organização desse setor em um partido cujo foco estava na questão agrária tornou possível a promoção de algumas modificações na província. Não só se passou a apresentar as reivindicações próprias da categoria institucionalmente, como a estabelecer uma defesa das médias e pequenas propriedades que diminuía em quantidade durante a maior parte da década de 1920 e só retomaram números anteriores com a criação do partido. Desta forma,

Ainda que o partido só tenha se desenvolvido rapidamente no departamento de Monteros, a representação legislativa obtida (um senador e um deputado) a menos de um ano de sua fundação como força política expressiva, é resultado da construção da identidade *cañera* e do processo de aprendizagem de participação política do setor durante a década de 20²⁰¹.

É notório, nesta breve apresentação das questões relacionadas ao desenvolvimento econômico e ao funcionamento da indústria açucareira tucumana, a progressiva perda de

¹⁹⁹ BRAVO, Maria Cecilia. Agrarismo y Conflicto Social em Tucumán em la década de 20. *Anuario del Centro de Estudios Históricos Prof. Carlos S. A. Segretia* vol. 8, n° 8, p. 41-64, 2008, p.58.

²⁰⁰ Segundo Leandro Lichtmajer [2020, p.10], “dos vinte e seis estabelecimentos existentes em Tucumán em 1928, dezessete participaram como financiadores da campanha de José Padilla. A soma do total de aportes das fábricas, seus proprietários individualmente e partir do *Centro Azucarero* (\$128.916) representou 99% do arrecadado pelo Partido Liberal em 1928 (\$130.216)”

²⁰¹ LICHTMAJER, Leandro Ary. *El Precio de la Democratización. El rol de los empresarios azucareros em el financiamiento del Partido Liberal (Tucumán, 1917-1930)*. In: **Quinto Sol**. V.24, n°2, p. 1-24. 2020, p.64, tradução do autor.

poder político dos antigos oligarcas — que se transformaram em industriais donos de engenho com a modernização da região — em detrimento da União Cívica Radical e do Partido Agrário. Desde a eleição de Hipólito Yrigoyen e, principalmente na década de 1920, o Estado, que em momentos anteriores atuava a favor dos industriais, intervindo em questões que lhes interessavam, ao mesmo tempo em que era omissa às reivindicações dos trabalhadores do setor, muda de posição. Não só leis que regulamentavam o trabalho da região passaram a fazer parte das relações empregatícias locais, como as medidas protecionistas exigidas pelo PL, no contexto de superprodução, não foram atendidas. Somado a isto, a organização dos *cañeros* em um partido próprio capaz de unificar suas reivindicações tornou ainda mais difícil a negociação com os produtores de cana e donos de engenho, que contavam com a falta de organização dessa camada para impor suas vontades.

Outro ponto de descontentamento e que também saiu do pleno controle da elite industrial foram as instituições relacionadas à cultura. Ao mesmo tempo em que seus interesses econômicos foram parcialmente deixados de serem atendidos, iniciativas encabeçadas em Buenos Aires, como a *Encuesta Nacional del Folklore*, desagradavam os intelectuais tucumanos. Além disso, instituições locais como a Sociedad Sarmiento, a Biblioteca Alberdi e a própria Universidad de Tucumán saíram do pleno controle de intelectuais conservadores para se tornarem mais representativas da política local.

Nesse sentido, a partir do início do processo de modernização, e mais rapidamente com o avanço dos radicais na política, os conservadores tucumanos, que contavam com a hegemonia de sua ideologia no Estado e nas instituições culturais provinciais, passam agora a disputar esses espaços com outros setores. Os debates e polêmicas suscitados no campo intelectual nas décadas de 1920 e 1930 coincidem cronologicamente com a perda de poder político dessas elites. É justamente durante este período que surgem os *Cancioneros* de Alfonso Carrizo, a partir do qual os tucumanos buscam estabelecer uma argentinidade extremamente excludente e centrada unicamente na herança hispânica e católica das províncias do Noroeste.

Dessa forma, as diversas categorias de capital que os industriais possuíam são utilizadas para, a partir dos escritos de um estudioso da cultura popular, estabelecer representações cuja finalidade é a legitimação simbólica de suas posições. Como demonstrado, essas iniciativas não eram nenhuma novidade, e a própria criação da Sociedad Sarmiento, Biblioteca Alberdi e Universidad de Tucumán foram tentativas de estabelecer esta conexão. Entretanto, considerando o contexto de organização e reivindicação de setores diversos, somado ao fato destas instituições terem se tornado também um espaço de disputa,

essas iniciativas tornam-se urgentes. Neste sentido, um homem de família não abastada, conhecedor do repertório produzido sobre o folclore e natural de Catamarca, província que compõe o Noroeste Argentino, serve plenamente aos interesses de Padilla, Rougès e demais industriais de Tucumán.

2.3. O *Cancionero* de Catamarca: a reação provincial frente às políticas radicais.

É nesta conjuntura de acirramentos políticos que o livro *Antiguos cantos populares argentinos (Cancionero de Catamarca)* é publicado em 1926. Como abordado no capítulo anterior, Carrizo buscou Rojas para auxiliá-lo com um prólogo que conferisse a sua obra a legitimidade necessária frente ao campo intelectual que desejava adentrar. Diferente do esperado, a resposta foi negativa e carregada de uma ácida crítica à metodologia e aos ideais difundidos pelo *Cancionero*, que iam de encontro às ideias estabelecidas em Buenos Aires sobre a cultura popular argentina.

Após a resposta negativa, Carrizo entrou em contato com Ernesto Padilla, que recebeu muito bem sua obra, apresentando-a também a outros intelectuais de Tucumán. Esse encontro supria a necessidade de ambas as partes, tanto dos industriais que se dedicavam a atividades que pouco tinham a ver com a investigação de poesias e romances, mas precisavam de alguém que atuasse nessa área, quanto de Carrizo que procurava apoio e mentores para continuar realizando sua pesquisa.

O livro é dedicado a Padilla sob a premissa de que ele seria o representante do espírito tradicionalista argentino do norte do país. Inicia com breves considerações realizadas por ele, incumbido da missão frente à resposta negativa de Rojas. Todo o prólogo é marcado por elogios a Carrizo, assim como um tratamento bastante formal, mas com demonstrações de afeto presentes desde a primeira frase.

Padilla enfatiza a qualidade da obra a partir do método empregado, dando destaque à proximidade de seu autor com as fontes utilizadas e o valor espiritual que ostentava:

Eu peso, de preferência, o método aplicado. Denota a boa sombra que lhe emprestou o padre Larrouy, que indicou sua breve permanência naquela cidade, na ordenação dos arquivos públicos que visitou e na preparação de importantes estudos de história regional. O benefício que os homens de valor espiritual que o ilustre sacerdote ali demonstrou trouxeram ao ambiente mediterrâneo é imponderável: basta verificar, no seu caso, a vocação que despertou em você o estímulo que o despertou para levá-lo a investigar com

inteligência no campo virgem os elementos primários que dão algum caráter à nossa formação social²⁰².

Vale ressaltar a menção ao Padre Larrouy, historiador que participou ativamente da trajetória intelectual de Carrizo em sua província, assim como a menção à questão espiritual.

O prólogo de Padilla é encerrado com um chamado para Carrizo prosseguir com aquele tipo de trabalho, situando sua obra como uma continuação da empreitada iniciada em 1916 com a criação da *Universidad de Tucumán*. Essa menção é bastante emblemática, pois estabelece uma conexão direta entre a pesquisa de Carrizo — que adentra o meio intelectual tardiamente, se comparado a seus pares — e as iniciativas dos industriais da região em busca de criar um capital simbólico a partir de seu capital econômico e poder político. Isto é, ainda que criar uma universidade não seja uma iniciativa conservadora, a função que esta deveria cumprir — segundo as intenções de seus criadores — seria a de difundir e fomentar a cultura das elites provincianas frente aos setores populares, sendo um espaço de difusão de poder simbólico. Tudo isto amarrado em torno da perspectiva de que a cultura provincial, herdada diretamente da Espanha e não contaminada pela mestiçagem ou pelo materialismo imigrante, seria a autêntica cultura nacional.

Em seguida o livro continua com um *Discurso Preliminar*, redigido pelo próprio Carrizo. Servindo como introdução, o catamarquenho o divide em seis partes: *Catamarca: su médio geográfico y su ambiente social*; *Los comienzos de la colonización em 1591*; *Espíritu tradicionalista del Pueblo de Catamarca*; *Origen de este trabajo, dificultades*; *Sentida necesidad de estos estudios*; *Cantares de laverdadera poesia popular*. Apesar de menções à geografia e história da província, o desenvolvimento do tópico do *Discurso Preliminar* que aborda essas questões possui mais caráter poético do que analítico:

Deitadas sobre os Andes e sobre um leito de pedras estão quatro dessas províncias, a mais setentrional deste grupo andino, a mais montanhosa, árida, quente e pobre de todas que talvez seja a de Catamarca. Seria olhar de longe as exterioridades das aparências geográficas, penetrar na alma daquela gente que vive sonhando sob um céu sempre azul cheio de estrelas em suas noites serenas, ao pé de montanhas soberbas e majestosas, com uma alma tão pura como a água transparente de seus riachos, com essa fé antiga, com essa devoção à *Virgen del Valle*, que fez de Catamarca outra Santiago de Compostela, com esse admirável espírito lírico que torna todos músicos e cantores, mesmo o mais humilde desses montanhistas, o quadro muda e anseia ir a esses vales para ser feliz no meio daquela gente de coração de ouro²⁰³.

²⁰² PADILLA, Ernesto. Prólogo. In: Carrizo, Alfonso. *Antiguos Cantos Populares Argentinos (Cancionero de Catamarca)*. Buenos Aires: Silla Hermanos, 1926, n.p., tradução do autor.

²⁰³ Carrizo, Juan Alfonso. *Antiguos Cantos Populares Argentinos (Cancionero de Catamarca)*. Buenos Aires: Silla Hermanos, 1926, p.3, tradução do autor

Carrizo não vê problemas em mencionar a ocupação indígena de determinadas porções da província no período pré-colombiano. Contudo, não há qualquer preocupação em entrar em contato e compilar cantos dessas populações. A presença desses povos é tratada como pertencente ao passado, incapaz de sobreviver até o século XX, sendo objeto de interesse dos arqueólogos, e não daqueles que se dedicavam ao folclore:

Parece que antes da vinda dos conquistadores, a província era densamente povoada por tribos nativas. Em todas as estradas e lugares observam-se vestígios indígenas. Verdadeiros tesouros foram encontrados por arqueólogos que visitaram o solo desta província²⁰⁴.

Ainda que o foco da obra do catamarquenho seja o compilado dos cantos populares, ela também fornece leituras e representações sobre a história e cultura da região de forma geral. Ao mesmo tempo em que ressalta o isolamento da província frente ao cosmopolitismo de Buenos Aires, Carrizo difere-se de Rojas ao enfatizar, desde seu primeiro livro, a preocupação dos espanhóis colonizadores em manterem-se separados dos indígenas, a não ser para submetê-los ao trabalho, o que teria evitado a miscigenação e levado a população provincial a permanecer com as mesmas características culturais e físicas encontradas na Espanha:

Catamarca, separada do importante tráfico comercial que se fazia do Alto Peru à Córdoba e Buenos Aires, como disse, ficou isolada vivendo de suas próprias indústrias sem se preocupar com o aumento que as cidades de Salta e San Miguel estavam tomando.

Como as famílias dos conquistadores preservavam a separação de castas em relação aos indígenas, que relegavam ao trabalho agrícola e doméstico, não tinham muita mistura de sangue e assim os sobrenomes dos fundadores foram preservados até hoje em pessoas que têm a fisionomia da raça hispânica²⁰⁵.

Na perspectiva de Carrizo, o indígena é visto como derrotado pelo processo de colonização, não fazendo mais parte da vida provincial. Isto permitiu que todos os valores encontrados na Espanha fossem transportados para o Noroeste argentino, que resistia frente ao avanço do cosmopolitismo portenho:

Numa província como esta, onde o nativo é derrotado, relegado à segunda ordem e acaba por desaparecer, onde o conquistador impõe os seus costumes, a sua civilização, os seus vícios e virtudes, sem que nenhuma perturbação social interrompa a sua vida patriarcal, aquela calma e quietude,

²⁰⁴ Carrizo, Juan Alfonso. *Antiguos Cantos Populares Argentinos (Cancionero de Catamarca)*. Buenos Aires: Silla Hermanos, 1926, p.3, tradução do autor

²⁰⁵ Ibidem, p.5, tradução do autor.

é fácil imaginar que sua população seria conservadora, tradicional, letrada e religiosa, com enfeites aristocráticos ou de classe alta.

Como Catamarca era naqueles tempos, é mais ou menos agora. O homem da cidade é do tipo espanhol, com um certo ar regional, que o clima lhe impôs; o camponês, o camponês da serra, já não é do tipo puro, e sem ser índio tem um certo aspecto do camponês espanhol, que o pintor Bermudez soube revelar em traços enérgicos em suas preciosas pinturas. O tipo de índio de raça pura desapareceu completamente no Vale de Catamarca e está se extinguindo gradualmente em toda a província. O conterrâneo de hoje deve ter 70% de sangue espanhol²⁰⁶.

É evidente que se toda a cultura colonial fosse mantida sem problema nenhum até o momento de escrita do livro, a obra de Carrizo seria injustificada. Diante disto, o autor argumenta que as políticas de educação comum definidas em Buenos Aires, somadas à chegada de migrantes e imigrantes estariam afastando o morador da província de sua cultura tradicional. Portanto, compilar os cantos tradicionais destas populações era uma forma de preservar as manifestações populares do Noroeste argentino. Desta forma, o argumento utilizado anteriormente para amparar as obras de Lugones e Rojas — a autêntica cultura argentina corre risco de desaparecer graças ao avanço da modernidade — é novamente utilizado, mas desta vez de forma mais excludente.

Diferente destes dois intelectuais, Carrizo não enxerga o *gaucho* como uma representação do nacional, desconsiderando a importância da mestiçagem na formação cultural da Argentina. Para esse autor, era a colonização espanhola que cumpria esta função. Desta forma, o folclore de Catamarca e do Noroeste Argentino como um todo, “era constituído de rastros deixados pela cultura hispânica em todo novo continente”, e por isto, “a alma do povo argentino é o que é espanhol, tradicional e letrado (...)”²⁰⁷.

Após suas considerações sobre a história, geografia e cultura provinciana, o intelectual fornece algumas informações sobre o trabalho empregado na confecção do *Cancionero de Catamarca*. Inicialmente, as pretensões com a obra eram bem menores: tratava-se de um trabalho requisitado pelo professor de literatura espanhola José P. Castro como parte da formação de Carrizo na Escuela Nacional de Maestros de Catamarca. Na medida em que foi sendo desenvolvido, o trabalho tomou proporções maiores, e só foi terminado em 1926. Foi nessa investigação que teve contato com o livro *Cantos Populares Españoles*, de Francisco Rodríguez Marín (1855-1943), a partir do qual afirma ter percebido a origem hispânica da maioria dos cantos que havia compilado até então. Sobre o processo de investigação, o catamarquenho esclarece ter começado

²⁰⁶ Carizzo, Juan Alfonso. *Antiguos Cantos Populares Argentinos (Cancionero de Catamarca)*. Buenos Aires: Silla Hermanos, 1926, p.6, tradução do autor.

²⁰⁷ Idem.

no departamento de Piedra Blanca: fui de casa em casa, perguntando sobre as antigas canções que se conservam na tradição oral e que vêm de pai para filho desde tempos imemoriais. Alguns sabiam alguma coisa, outros não se lembravam de nada. Procurava os velhos, as velhas, os jovens, as crianças, os violeiros de profissão, os cantores, os trabalhadores, a senhoria e todos. Uns se lembraram do início das canções, outros do fim e houve até quem me deu apenas dois versos (...) ²⁰⁸.

Discorrendo sobre a *Encuesta Nacional del Folklore* de 1921, Carrizo trata a iniciativa de forma positiva, contudo, apenas enquanto estava sob supervisão de Juan P. Ramos. Uma vez que este deixa o Conselho Nacional de Educação, e a posse do material recolhido pela *Encuesta* passa para o Instituto de Literatura Argentinas da Faculdade de Filosofia e Letras, iniciam-se as críticas. A principal delas é quanto à demora na publicação destes materiais, que segundo o autor “agora dorme o sono dos justos, só de vez em quando que aparece um catálogo que não diz nada, apesar de querer dizer tudo ²⁰⁹”. Além disso, o catamarquenho também questiona a validade dos documentos por sua metodologia dúbia, descentralizada e o fato dos materiais terem sido coletados não por um estudioso do folclore, mas sim por professores de escolas provinciais.

Após enumerar algumas outras tentativas de intelectuais de realizarem o trabalho de compilar cantos populares, Carrizo demonstra que esta é na verdade uma ideia bastante antiga, e que aconteceu não só em países vizinhos, como também na Europa. Entretanto, aponta que não se sentiu motivado apenas pelas palavras daqueles que, como ele, tentaram resgatar vestígios de uma cultura que tendia a desaparecer, mas também, pelos erros contidos nesses trabalhos. Como exemplo, cita os casos de Lugones e Rojas, que incluíram dentro das obras nacionais dísticos de origem hispânica, creditando-os erroneamente ao *gaucho* ou ao indígena.

O problema em si não estava no reconhecimento destes dísticos como pertencentes ao acervo de cantos populares nacionais, mas sim em entendê-los como uma manifestação popular de origem *gaucha* — e, portanto, mestiça — quando na verdade eram uma herança direta do passado hispânico da Argentina. A partir desses dois autores, e citando alguns outros, Carrizo conclui que nenhum estudioso que se dedicou a este tema “abordou o estudo da poesia popular em seu verdadeiro campo, em sua face científica, com critérios positivistas,

²⁰⁸ Carrizo, Juan Alfonso. *Antiguos Cantos Populares Argentinos (Cancionero de Catamarca)*. Buenos Aires: Silla Hermanos, 1926, p.8, tradução do autor

²⁰⁹ Ibidem, p.9, tradução do autor

aplicando os métodos de história, arqueologia ou paleontologia para mostrar todos os aspectos da poesia popular²¹⁰”.

Apesar desta discordância com Lugones em relação à origem dos cantos populares argentinos, ambos possuem algo em comum: a tentativa de estabelecer uma relação entre a lírica provinciana de seu país com a poesia da antiguidade grega. Carrizo vai um pouco além, ao diagnosticar os países americanos como os últimos nos quais esse tipo de manifestação popular continua a aparecer. A comparação se dá diretamente com as obras de Homero, que segundo o catamarquenho, possuem

o frescor, o encanto, o engenho, o apego à verdade e a profundidade moral dos feitos espanhóis da Idade Média; porque um e outro são verdadeiras poesias populares, têm a sensação da realidade ambiente, a *Ilíada* e o poema de Mio Cid, cativam em igual grau quando são lidos. Olhe para sua face popular, como uma genuína emanção de uma raça; ambos os poemas são transcrições da alma de um povo em um determinado momento de sua história. A epopeia não morre quando é verdadeira, quando é eminentemente popular, os velhos temas das rapsódias gregas inspiraram as canções medievais e quando no século XVI a epopeia degenera, quando os romances se abastardam e a imitação ítalo-clássica fere mortalmente a lírica castelhana educada, o povo continua a cantar os eternos temas da literatura popular²¹¹.

Desta forma, esse tipo de lírica inaugurada na Grécia, cujo apogeu aconteceu nas obras de Homero, teria se mantido viva nos reinos que posteriormente formariam a Espanha, chegando por fim à Argentina. O grande mérito dessas manifestações populares é o realismo com o qual relatam a vida do povo responsável por sua composição. É neste sentido que, se um estudo sobre este tipo de manifestação popular fosse feito, seria possível constatar que a poesia popular espanhola continua existindo em algumas regiões da Argentina. O autor menciona que até mesmo os poemas *gauchescos*, na verdade, são inspirados por romances hispânicos do século XVI.

O discurso preliminar tem também um ar crítico frente às manifestações populares apontadas como representantes do espírito nacional. Carrizo enfatiza repetidamente as diferenças que encontra entre os cantos apresentados em seu trabalho — compilados diretamente da boca do povo, e, portanto, donos de maior credibilidade — frente aos propagados nos folhetins *gauchescos*. Na perspectiva do catamarquenho, autores como José Hernández, apesar de terem certo mérito ao exprimir parcialmente o nacional em seus escritos, não poderiam ser considerados como autores de obras verdadeiramente argentinas. As qualidades de seus trabalhos estavam na capacidade de imitar traços populares, apesar de

²¹⁰ Carrizo, Juan Alfonso. *Antiguos Cantos Populares Argentinos (Cancionero de Catamarca)*. Buenos Aires: Silla Hermanos, 1926, 1926, p.11, tradução do autor

²¹¹ Ibidem, p.12, tradução do autor

não fazerem parte desse grupo. É por esse motivo que o catamarquenho considera um erro continuar a estudar a poesia argentina através dos poemas *gauchescos* como faz Rojas. Mesmo que o nacional apareça nessas obras, elas não são capazes de exprimir o verdadeiro senso popular devido ao fato de seus autores não partilharem dessa cultura. Além disto, “não foram preservados pela tradição oral das gerações antigas; são poemas popularizados e que são épicos apenas na aparência²¹².”

Ou seja, o fato desses poemas serem recentes e terem um autor identificado aparece como argumento central na sustentação de que não poderiam ser considerados representantes da verdadeira lírica nacional. Além disso, Carrizo chama atenção para o fato da maioria das obras que se encaixam no gênero *gauchesco* utilizarem de elementos fantásticos e inventivos na construção de sua narrativa. Os verdadeiros poemas nacionais não deveriam seguir esta trajetória, atendo-se a uma narrativa histórica com personagens reais, expressando o máximo de veracidade possível. Como exemplos para contrapor *Martin Fierro*, Carrizo cita obras e autores de épicos espanhóis, mas não menciona obras de caráter semelhante de origem argentina.

Esse argumento é particularmente interessante, pois ao mesmo tempo em que o autor do *Cancionero* nega a efetividade dos trabalhos já produzidos por intelectuais de maior renome e que se dedicavam ao tema sobre o qual estava escrevendo, também justifica a necessidade de novas pesquisas. Se até o momento ninguém havia sido capaz de identificar poemas que, de acordo com sua perspectiva, eram verdadeiramente populares e nacionais, Carrizo se coloca como habilitado a realizar tal tarefa, ampliando-a em futuros *Cancioneros* sobre províncias do Noroeste.

Argumentando contra o trabalho da *Encuesta* ao pontuar a necessidade do contato do pesquisador do folclore com o objeto de seu estudo, o catamarquenho finaliza o discurso preliminar afirmando:

Algumas canções populares são flores de um dia e você tem que colhê-las a tempo de perceber sua fragrância, notar seu frescor e entender sua selvagem beleza ali mesmo onde nascem. Estou certo de que quando terminar meu trabalho poderei falar sobre nossa literatura popular com o coração cheio de profunda satisfação, o que com justa e abundante razão escreveu Dom Julio Cejador, no final do estudo da poesia popular espanhola²¹³.

Em um pequeno apêndice, Carrizo busca elucidar algumas questões técnicas sobre o *Cancionero*, dentre elas, as classificações adotadas na obra. Segundo o catamarquenho, as

²¹² Carrizo, Juan Alfonso. *Antiguos Cantos Populares Argentinos (Cancionero de Catamarca)*. Buenos Aires: Silla Hermanos, 1926, p.14, tradução do autor.

²¹³ Ibidem, p.17, tradução do autor.

canções populares poderiam ser divididas em *romance*, *canción* e *coplas*, pois as poesias populares espanholas também foram divididas desta maneira. A falta de sofisticação na divisão serviria também para otimizar seu trabalho, pois poderia ser feita de forma simples e direta.

Em seguida, opta por explicar a definição de cada uma dessas categorias, iniciando pelo *romance*, sendo este

a composição poética em métrica octossílabo com as sonâncias nos versos pares e sem rima nos versos ímpares; *Canción* (sempre no campo popular) as composições comumente octossilábicas, que têm seus versos consonantais e suas combinações estróficas variáveis, quadras, oitavas, décimas e *glosas*; e finalmente chamo de *Coplas* as estruturadas em quadras comumente octossilábicas também, mas que têm métrica e rima variáveis, como a *seguidilla*, cujos versos ímpares são de sete sílabas e os pares de cinco²¹⁴.

Sobre os *romances*, destaca que os de caráter épico não aparecem no meio popular argentino por terem desaparecido desde antes da chegada dos espanhóis nas américas, restando à população de Catamarca o *romance lírico*, que se apresenta a ele em situação fragmentária. Ainda assim, a partir destes pequenos excertos seria possível notar a beleza e sensibilidade presente em seus versos, capazes de imprimir toda a alma poética do país.

As *Canciones* contam com mais divisões entre si, separadas por temas. São elas as históricas, religiosas, de amor, descritivas (voltadas para os costumes e a geografia da província), *senteciosas*, cuja função é passar para crianças lições de moral ou filosóficas, festivas e *payadorecas*, feitas para serem cantadas por um *payador*²¹⁵.

As *Coplas*, número majoritário do material recolhido, possuem uma definição mais ampla do que as outras duas categorias. Segundo o autor, esse tipo de canto é o que mais se adaptou aos gostos da cidade devido ao seu tamanho reduzido, sendo utilizado como um provérbio cantado. As *Coplas* normalmente aparecem em formato de dísticos, composição estruturada em rimas de dois versos curtos.

De forma geral, Carrizo aponta que “as canções que foram para o Novo Mundo são do mesmo gênero que aquelas que a Espanha teve no século XVI”. Essa semelhança, para além do gênero, estava também nos temas abordados. Novamente tomando para si o papel de julgar o que adentra ou não o repertório nacional, Carrizo define a autêntica poesia popular como

uma florzinha que nasce no campo e se alimenta de sentimentos puros como o ar dos cumes e se nutre pela seiva, benfeitora da tradição que a fortalece. Por isso uma canção popular é como o termômetro onde se conhece o grau de sensibilidade das pessoas; todas as pulsações do coração são vistas em suas canções, são o espelho mais claro da vida afetiva, mas todo esse valor

²¹⁴ Carrizo, Juan Alfonso. *Antiguos Cantos Populares Argentinos (Cancionero de Catamarca)*. Buenos Aires: Silla Hermanos, 1926, p.19, tradução do autor.

²¹⁵ Cantor que, acompanhado de um violão, normalmente improvisa sobre temas variados.

muda e se distorce, quando ao invés de tomar a poesia popular, aquela que vai do campo para a cidade, tomamos o vulgar ou o afeminado que vai das cidades aos campos, quando conduzidos por um falso conceito estético, pelas fosforescências, pelo brilho de uma rima sonora aceitamos como popular o que é apenas imitação. Infelizmente, esse fenômeno também operou em letras espanholas, alguns até preferindo os versos do Cantar de Rodrigo ao áspero e rude da escritura do Cid, que têm sabor épico, comparável apenas à *Ilíada*²¹⁶.

De forma geral, apesar de relativamente curto se comparado ao restante do *Cancionero*, as considerações expostas ao longo do prólogo de autoria de Ernesto Padilla e o discurso preliminar de Carrizo revelam informações bastante relevantes sobre conceitos, intenções e posicionamentos ideológicos desse intelectual e de sua obra. Dentre elas, é possível identificar o conservadorismo, a religiosidade e o letramento como características naturais do homem de origem provincial. Estes atribuidores, por sua vez, foram herdados da Espanha, sendo mantidos mesmo com o passar do tempo e em situações diferentes das quais foram gerados.

É evidente que, considerando o contexto da região junto da formação muito mais ampla de sua população, o projeto de Carrizo apoia-se no esquecimento de elementos indesejados à elite conservadora, que via seu poder político minado com a organização das camadas populares em partidos de ideologia de esquerda e com as vitórias eleitorais da UCR. O *Cancionero de Catamarca*, apesar de ainda não estar completamente alinhado aos ideais dos conservadores tucumanos, possui intenções bem definidas: contrapor a ideia de que o nacional popular se originava da mestiçagem, reivindicando uma herança puramente hispânica e católica na formação da cultura argentina. A partir deste argumento, o catamarquenho apresentava os industriais provinciais como modelos da argentinidade, ao mesmo tempo em que representava Buenos Aires como uma ameaça à cultura das províncias do Noroeste.

Na perspectiva de Carrizo, as iniciativas de compilar cantos e demais manifestações populares a partir da capital estariam equivocados, tanto pelo fato de seus autores serem incapazes de reconhecer a verdadeira origem deste material, o que aparece na obra de Carrizo nos ataques à *Encuesta* e aos escritos de Rojas, quanto pela distância destes estudiosos de seu objeto de pesquisa.

Tudo isto deixa evidente o contato do catamarquenho com as redes de sociabilidades de intelectuais e industriais tucumanos. Nesse momento, os interesses de ambos convergem

²¹⁶ Carizzo, Juan Alfonso. *Antiguos Cantos Populares Argentinos (Cancionero de Catamarca)*. Buenos Aires: Silla Hermanos, 1926, p.21-22, tradução do autor.

rumo a estabelecer um contraponto aos radicais na esfera cultural, um dos pilares sobre os quais os conservadores estruturavam as concepções filosóficas e históricas que sustentavam as representações que os legitimavam como líderes de sua nação.

Contudo, a proximidade com os industriais tucumanos, não garantiria apenas vida fácil a Carrizo. A opção de realizar seu trabalho ao lado destes homens era uma escolha que lhe contrapunha diretamente a uma rede de intelectuais já estabelecidos em Buenos Aires que também se dedicavam ao mesmo tema. Como vimos, Ricardo Rojas, talvez o maior representante deles, não havia nutrido muitas simpatias pelo primeiro *Cancionero* do catamarquenho e sua defesa da predominância do hispanismo na cultura provinciana.

A análise da obra, como vimos, foi destinada em uma carta de Rojas para Carrizo com ácidas críticas ao seu trabalho, que por sua vez respondeu de forma sucinta se recusando a anexá-la como prólogo de seu livro.

A carta resposta segue em tom de lamento, mas sem demonstrar maiores afetações com as críticas recebidas. Carrizo demonstra confiança em seu trabalho, certo de que futuramente teria o reconhecimento merecido, o que implicava em Rojas reconhecer os erros que havia cometido em sua obra:

Chegará o momento em que você se convencerá de que não mereço nem mesmo uma de suas críticas amargas; sua personalidade literária é daquelas que não deixa prejudicar análise de outras obras; toda a controvérsia que minhas afirmações possam suscitar e, como as minhas, as de todos, devem colidir com o edifício inabalável de sua erudição e contra seu patriotismo ferrenho. Por isso mesmo, devido ao elevado conceito que tenho de ti como homem de ciência, é que estou espantado e desiludido com uma carta como a tua, em que avalia a tão baixo preço o que me custou tantos anos de trabalho. Lamento sinceramente ter errado meu caminho ao pedir ao senhor o apadrinhamento de minha obra.

Na certeza de que não demorará muito para que você veja que todo o meu trabalho nada mais é do que um pedido de desculpas pelo seu, tenho o prazer de cumprimentá-lo, agradecendo a atenção que me dispensou e pedindo-lhe que aceite as garantias do meu mais elevado respeito e consideração²¹⁷.

Outra fonte bastante reveladora do posicionamento de Carrizo frente ao trabalho de Rojas é uma carta enviada ao jornal *La Nación*. Escrito como resposta às críticas feitas a seu *Cancionero* impressas nesse mesmo diário, este escrito fornece informações preciosas sobre as estratégias utilizadas na defesa de sua concepção de folclore. Além disso, nele o catamarquenho também busca demonstrar como os diversos equívocos cometidos por Rojas, revelam uma incapacidade de realizar uma análise adequada do material folclórico recolhido através da *Encuesta* de 1921.

²¹⁷ CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Ricardo Rojas. Buenos Aires, 7 set. 1926. 1 carta, tradução do autor.

Carrizo vale de seu amplo conhecimento a respeito de compilados já feitos por outros intelectuais para construir a argumentação em defesa de sua posição. Tanto neste artigo como no discurso preliminar analisado, a referência a outros estudiosos, de mesma temática provenientes de países diferentes, é uma constante.

Apelando para a simplicidade das condições materiais nas quais executou seu trabalho, Carrizo inicia sua carta valendo-se de todo repertório sobre cultura popular que conhecia:

A antologia, cujo primeiro livro agora é publicado, é uma obra de muitos anos de trabalho modesto, tão modesto que apenas meus compatriotas e eu sabíamos disso. É uma obra de cunho folclórico e não literário. Adaptei-me aos preceitos do famoso professor de espanhol Don Antonio Machado y Alvarez e, com os olhos fixos na verdade da história, limitei-me a dizer as coisas como as vi. Assim, ajustados a um método científico, estudaram as baladas: Don Agustin Durán, Milá e Fontanals, Menéndez e Pelayo e Don Ramón Menéndez Pidal. Assim também Dom Pedro José Pidal, o já citado Machado y Alvarez, Dom Emilio Lafuente y Alcántara e Dom Francisco Rodríguez Marín. Com os mesmos critérios desses professores, o Sr. Julio Vicuña Cifuentes reuniu os romances e canções populares do Chile, o Sr. José María Chacón y Calvo de Cuba e o Sr. Jorge M. Furt de nosso país²¹⁸.

A carta também evidencia a construção do folclore como uma disciplina científica, corroborando com o exposto no primeiro capítulo: apesar de não ser visto como uma disciplina autônoma, a década de 1920 já conta com um campo incipiente dedicado a esta temática no qual Rojas ocupa a posição central e Carrizo tenta se inserir.

Nos escritos do catamarquenho ao diretor do *La Nación* a frequente referência à metodologia é uma máxima, e as comparações com outros ramos da ciência é bastante utilizada em uma tentativa da valorização de seu *Cancionero*:

O trabalho folclórico é em si uma disciplina científica que exclui toda fantasia e deixa o campo aberto para novas pesquisas; A norma deste trabalho é a verdade histórica, e o método a seguir, tal como as ciências positivas, é o método indutivo rigoroso, a saber: busca do material, seleção e classificação do mesmo, confronto com outros estudos análogos e enunciação de conclusões resultantes desta pesquisa.

Deve-se colecionar o material, que neste caso seriam os cantos tradicionais que são passados de pais para filhos, com o mesmo critério com que um arqueólogo busca os pedaços de cerâmica, como o paleontólogo busca os fósseis e o naturalista as ervas e os insetos. Ao recolher os cantos tradicionais, é necessário anotar seus antecedentes geográficos, históricos, raciais e outras influências importantes, até chegar a anotar os antecedentes pessoais do compatriota que nos submete o material e do ambiente social em que vive; é necessário saber se ele é velho ou jovem, se é natural ou estrangeiro, se sempre viveu no mesmo lugar, se viajou e por onde, se é ilustrado ou ignorado, e assim como esses, muitos outros detalhes que

²¹⁸ CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Ricardo Rojas. Buenos Aires, 7 set. 1926. 1 carta.

servem para ilustrar o critério necessário para estar essas peças com espírito científico ou puramente literário²¹⁹.

Além da defesa da atividade de um pesquisador cujo campo está em formação, a carta também fornece informações sobre quais procedimentos foram utilizados no trabalho em questão. Após a realização da compilação, conforme descrito na citação acima, inicia-se a classificação de todo o material, obedecendo critérios referentes a tema, métrica e rimas. Contudo, a descrição do trabalho não chega a seu fim sem antes uma defesa da posição típica dos conservadores do Noroeste, na qual Carrizo menciona a Espanha como pátria-mãe²²⁰.

Apenas após todo este procedimento é que devem ser formuladas as conclusões sobre o material analisado. E é neste ponto onde, segundo Carrizo, encontram-se as falhas de intelectuais que se dedicaram a estudar o folclore anteriormente. Muito do que foi tido como produto exclusivamente argentino, de origem *gaucha* era na verdade natural da Espanha.

Carrizo menciona também a entrega de seu *Cancionero* ao intelectual residente em Buenos Aires. É interessante notar como em sua descrição dos fatos a crítica não é vista como parte mais ampla de um debate, mas sim como um ataque pessoal:

Compreendendo a importância transcendental que tem para a literatura argentina o estudo dos cantos tradicionais compilados em meu livro, pensei em entregá-lo ao Professor Argentino, ao historiador de nossa literatura nacional, Doutor Ricardo Rojas, para que me desse seu julgamento de homem de ciência, crendo conseguir assim, uma homenagem justa devido a seu patriotismo e vasta preparação. Porém, foi aqui que aquele raio de luz que deveria iluminar esta partícula minúscula de poeira, vindo aquele intelectual que eu acreditava estar isento de pequenez, livre de preconceitos, franco e sincero em seu dizer, como sábio em seus conselhos, começa me chamando de espírito luciferiano e sem encarar os múltiplos problemas de ordem filológico e literário que encerram os cantos compilados, se enfurece com erratas vulgares de impressão que se encontram em qualquer livro e em trivialidades de importância menor²²¹.

É evidente que, após a leitura da carta de Rojas, seja fácil reconhecer que a impressão que Carrizo busca passar do intelectual é apenas parcialmente verdade. De fato, há a menção por parte deste às questões técnicas do *Cancionero*, mas a carta aborda também a falta de tato do catamarquenho ao tratar do trabalho de seus pares.

Segundo Carrizo, o erro ao delimitar a autoria do material analisado, uma constante nas obras de Rojas, acontece devido à falta de conhecimento ou de interesse do intelectual nos inúmeros *Cancioneros* espanhóis já publicados. Esses seriam motivos suficientes para provar

²¹⁹ CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Ricardo Rojas. Buenos Aires, 7 set. 1926. 1 carta.

²²⁰ Idem.

²²¹ Idem.

que o trabalho realizado em Buenos Aires não se sustentava, demonstrando a necessidade de novos esforços para delimitar cientificamente quais as autorias e qual era de fato a herança cultural do folclore argentino.

Seguindo em defesa de seu trabalho, Carrizo também busca evidenciar que a crítica de Rojas referente à falta de originalidade é vazia e não apresenta solidez, visto que as canções populares da Espanha estavam referenciadas em notas. Consultando o material referenciado, também seria possível concluir que a influência da cultura hispânica é maior do que se percebe, estando concentrada principalmente na região dos vales andinos²²².

A partir desses argumentos, Carrizo tenta demonstrar que é incorreto atribuir aos poemas *gauchos* a qualidade de autêntica poesia popular, visto que são criações recentes se comparados historicamente àquelas presentes nas províncias do Noroeste. Além disso, elas não seriam fruto da mestiçagem entre o espanhol e o indígena, mas sim herdeiros de semelhante lírica de origem hispânica. Tudo isso vem acompanhado de uma forte defesa de um rigor científico na pesquisa empregada no estudo dos materiais folclóricos, seguindo a tendência já difundida em outros países.

Todo o exposto parece corroborar com a ideia de que, apesar de o campo dedicado ao folclore se consolidar apenas na década de 1930, este começa a tomar forma na década de 1920, contando com intelectuais que já ocupam posições centrais. Desta maneira, as empreitadas de Carrizo — inicialmente de aproximação e posteriormente de crítica — seriam em um primeiro momento tentativas do catamarquenho de se fazer notar dentro desse campo, e posteriormente buscar ocupar a posição central a partir dos argumentos apresentados contra a tese de Rojas.

Simultaneamente ao debate centrado no folclore, há no país, desde as eleições de 1916, mudanças institucionais, culturais e econômicas que afetam a política nacional como um todo, mas que desagradam principalmente os mesmos conservadores do Noroeste que apadrinham a carreira de Alfonso Carrizo. Como foi demonstrado em tópicos anteriores, esses homens não se preocupavam apenas com a gerência de seus engenhos, dedicavam-se também a atividades políticas, culturais e intelectuais, alcançando feitos de grande relevância como a criação da Universidad de Tucumán.

Os conservadores viram, com a ascensão do Partido Radical e a organização dos trabalhadores em sindicatos e partidos de ideologias socialistas e anarquistas, a mudança de atitude de um Estado que há anos promovia políticas que protegiam e favoreciam a indústria

²²² CARRIZO, Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Ricardo Rojas. Buenos Aires, 7 set. 1926. 1 carta.

açucareira através de reserva de mercado e incentivos fiscais. A organização desses setores populares e médios em partidos e organizações próprias não promoveu somente mudanças econômicas, mas fez com que as instituições criadas pelos industriais conservadores, como a Sociedad Sarmiento, a Biblioteca Alberdi e a própria Universidad de Tucumán, se tornassem espaços de disputa.

Desta forma, uma cultura política que outrora era hegemônica graças ao capital econômico e cultural de seus adeptos, agora sofria com as transformações sociais promovidas por fatores diversos que abriram espaço para que interesses divergentes participassem de um truncado jogo político que se estendia a outras camadas da vida social.

É neste contexto provincial que Carrizo nasce, cresce, se forma e trabalha. Apesar de não fazer parte da elite açucareira, partilha da mesma cultura política e, portanto, de semelhantes valores, ideias e ideologia graças à sua formação cultural, intelectual e religiosa. O que defendemos não é que o catamarquenho tenha sido cooptado ou meramente contratado por estas elites açucareiras para publicar seu *Cancionero*, mas sim que, além de partilharem de ideais parecidos, da mesma forma que um intelectual dedicado ao folclore e conhecedor do repertório já produzido sobre o tema era útil aos industriais, Carrizo também precisava de apoio à sua obra para continuar realizando sua atividade de pesquisa.

Desta forma, o catamarquenho poderia dedicar-se exclusivamente à vida intelectual enquanto as elites tucumanas poderiam contrapor o ideal do que constitui a autêntica cultura nacional estabelecido em Buenos Aires. O folclore é, neste momento, além de um campo intelectual em formação no qual seus membros buscam por consagração social e intelectual, um objeto de disputa política a partir do qual os industriais tucumanos buscam a legitimação simbólica através das representações apresentadas por Carrizo.

3. A DÉCADA DE 1930 E A DISPUTA EM TORNO DO FOLCLORE

3.1. União Cívica Radical e argentinidade: El radicalismo de mañana de Ricardo Rojas

Os anos finais da década de 1920 são bastante conturbados para a Argentina. Apesar da eleição do radical Marcelo T. Alvear, em 1922, ter trazido certa estabilidade graças à sua maior aceitabilidade entre os setores conservadores do país, a ascensão de uma direita nacionalista mostra que nem todos estavam satisfeitos com o presidente, e a União Cívica Radical ainda representava, para alguns, um risco aos interesses da nação²²³. Contudo, os anos em que Alvear se manteve na presidência (1923-1928) demonstraram que, a despeito de sua filiação partidária, nutria uma forte identificação com os presidentes anteriores à Lei Sáenz Peña. Essa proximidade, para além da imagem que o radical cultivava, também pode ser atribuída aos problemas semelhantes que enfrentava e com “o desafio duplo de colocar em pé as nascentes instituições democráticas e conduzir, pelos novos canais de representação e negociação, as demandas de reformas da sociedade que o radicalismo havia assumido de alguma forma²²⁴”. Graças à forte identificação do partido com a liderança de Hipólito Yrigoyen, mesmo com problemas relacionados à falta de unidade interna, a UCR foi capaz de manter-se expressiva em nível nacional, característica pouco presente nos outros partidos. Por esse motivo, boa parte da oposição, durante grande parte da década de 1920, esteve restrita a atuações nas provinciais, como foi o caso do Partido Liberal de Tucumán.

Apesar da grande identificação radical com Yrigoyen, durante os anos em que esteve na presidência, Marcelo Alvear buscou distanciar-se de quaisquer características que estivessem atreladas ao ex-presidente, mantendo apenas um dos ministros do governo anterior. Dentre outros elementos de distinção, o radical limitou a “criação de novos empregos públicos, aceitação de funções de controle que institucionalmente correspondem ao Parlamento, com o qual teve mais cuidado²²⁵”, especialmente por não ter feito intervenções federais através de decretos. Toda esta postura mostrou-se efetiva, visto que Alvear acabou obtendo o apoio daqueles que em momentos anteriores faziam oposição a Yrigoyen. Mesmo sendo de um mesmo partido, os grupos políticos que os apoiavam ou faziam oposição a seus respectivos governos não eram os mesmos, o que indica a falta de continuidade em suas

²²³ ROMERO, Luís Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001, p.43.

²²⁴ Ibidem, p.37, tradução do autor.

²²⁵ Ibidem, p.59, tradução do autor.

administrações. Essa diferença entre lideranças foi capaz de criar uma cisão dentro da UCR, que se dividiu entre *antipersonalistas* e *yrigoyenistas*.

Como pontua Ana Virginia Persello, a falta de unidade radical é uma característica que acompanha os radicais. As divisões do partido ocorriam também nas eleições para o governo das províncias e não apenas no caso do executivo federal, que no ano seguinte à vitória de Yrigoyen já enfrentava várias críticas vindas do próprio partido, culminando em uma divisão em radicais vermelhos e radicais azuis. Na medida em que a UCR se torna vitoriosa nessas localidades, “se agravavam às divisões locais que cobrem quase todas as cores do espectro, ao vermelho e azul se agregavam os brancos, pretos, vermelhos-vermelhos, principistas, reacionários, orgânicos e verdadeiros, que não necessariamente se cruzam nas tendências do partido²²⁶”. Era comum que membros da própria *Unión Cívica Radical* questionassem seus candidatos vitoriosos, e durante os anos em que esteve no governo, a legitimidade de seus candidatos e autoridades eram contestadas por membros do próprio partido.

Os posicionamentos distintos não eram exclusividade do âmbito partidário, extrapolando para a atuação de seus membros na política nacional. As principais tensões experienciadas durante os anos de governo radical aconteciam pela falta da unidade do partido somada à oposição de partidos de esquerda e direita. Era comum que

todos os grupos reivindicassem para si serem os possuidores da verdadeira fé e representar o autêntico radicalismo. As autoridades centrais da organização careciam de mecanismos efetivos para impor disciplina, o que nos coloca frente a um partido descentralizado, fragmentado e precariamente institucionalizado²²⁷.

As tensões que marcam os anos em que o partido esteve no poder do país remetem à sua origem, e aparecem de forma mais evidente na medida em que os seus candidatos precisam tomar decisões em votações e em políticas a serem adotadas. Contudo, essa tendência não era exclusividade daqueles anos e tampouco de um único partido, de forma que demonstram a

persistência de práticas anteriores inscritas na tradição facciosa do século XIX, ainda que agora estejam internalizadas em cada um dos partidos que, identitariamente necessitam apresentar-se como uma unidade e que ao adentrar ao funcionamento do sistema político – marcado por conflito de poder a nível nacional e provincial, abstenções, intervenções, deslocamentos na administração pública – explicaria, em parte, que o novo regime instaurado com a Lei Sáenz Peña havia implicado em avanços no caminho

²²⁶ PERSELLO, Ana Virginia. *El Partido Radical: gobierno y oposición, 1916-1943*. 371 f. Tese (doutorado em história). Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Buenos Aires, 2003, p.66, tradução do autor.

²²⁷ *Ibidem*, p.91, tradução do autor.

da democratização que não tiveram equivalência no terreno da institucionalização²²⁸.

Mesmo com toda a problemática envolvendo as divisões do partido e a incapacidade de determinar pautas comuns a serem defendidas, a *Unión Cívica Radical* cresce politicamente durante toda a década de 1920. Enquanto nas eleições de 1916 consegue a presidência e a vitória para o executivo de três províncias, em 1930 apenas a província de San Luís tem um governo conservador, e todas as outras estão sob governos radicais. No legislativo, 100 dos 158 deputados e 7 dos 30 senadores são da UCR²²⁹. No caso de Tucumán, durante todo este período, apesar do executivo ser sempre radical, o legislativo contava com forte presença de candidatos de direita, o que criava um ponto a mais de disputa na política provincial. Era bastante usual no período em questão a alegação de permanência de vícios anteriores à reforma eleitoral, como fraudes, perseguições, crimes, atentados, proibição de propaganda e de utilizar de votos de pessoas mortas para conseguir a vitória. De forma geral, “sempre há um ‘oficialismo que abusa’ e uma oposição que mantém incontaminada a pureza do sufrágio. Nas campanhas eleitorais predominam as denúncias sobre a ‘compra’ de votos com promessas de empregos, dádivas e prebendas de todo tipo²³⁰”.

A ascensão do radicalismo também trouxe ao debate a questão do sufrágio, que ocupava bastante espaço em editoriais dos grandes diários e em discursos de políticos de oposição. Os setores de direita, de forma geral, apresentavam uma postura de desencanto com a ampliação do número de votantes – não por acaso, a expansão do sufrágio significou para eles perda de poder político. O que se via era uma direita incrédula e incapaz de vencer as eleições sem as práticas fraudulentas que haviam exercido até então, e era comum que intelectuais de vertentes políticas desse quadrante passassem a criticar o princípio de soberania popular. Para eles, a maior parte dos votantes não era apta e racional o suficiente ao ponto de ter o “direito” de escolher os verdadeiramente qualificados para liderar o país. Essas são acusações que persistem com o passar dos anos, e desde a primeira vitória radical até a reeleição de Yrigoyen, a derrota da direita é explicada por seus intelectuais e políticos através da

imaturidade do eleitorado, a manipulação e pressão oficial. Essa caracterização que a oposição partidária exprime para justificar uma solução extrema – passar por cima da constituição – deixa implícito outro argumento: a perda de confiança na capacidade regeneradora dos

²²⁸ PERSELLO, Ana Virginia. *El Partido Radical: gobierno y oposición, 1916-1943*. 371 f. Tese (doutorado em história). Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Buenos Aires, 2003, p.94, tradução do autor.

²²⁹ Ibidem, p.96.

²³⁰ Ibidem, p.104, tradução do autor.

instrumentos legais frente a um governo ‘despótico e arbitrário’, mas popular, isto é, que conta com o apoio eleitoral da maioria²³¹.

Uma crítica conservadora bastante frequente nesse momento era acusar os radicais de serem menos preparados para governar, pois sua formação não era tão boa quanto a encontrada nos candidatos de direita. Incomodava também o fato de o caminho da carreira política radical ser diferente do trilhado por um político tipicamente conservador. Enquanto os primeiros projetavam sua carreira a partir da militância e de sua atuação dentro do partido, os segundos utilizavam de sua origem familiar e do capital social que possuíam para obter sucesso nesse meio. Na perspectiva conservadora, o político que conseguia sua projeção através de um partido era mal visto, assim como aqueles que buscavam fazer da vida política uma carreira. Para tornar-se um indivíduo apto a governar era necessário ter outras formações, outras ocupações, não ter uma visão materialista da política, para posteriormente almejar um cargo no executivo ou legislativo. Por isso

a ampliação do sufrágio e a emergência do radicalismo como um partido de massas é lida pelas classes dirigentes tradicionais como uma crise. Discursivamente, os setores conservadores se propõem como democráticos e aceitam os partidos como as formas legítimas de mediação entre Estado e sociedade. Porém, a aceitação de que todos votem não quer dizer que todos devam governar. Esta é uma função que deveria ser dada apenas aos capazes²³².

Um objeto de disputa e argumento bastante utilizado pelos conservadores do Noroeste é sua preocupação com a educação. Munidos de concepções ideológicas construídas por Alberto Rougès, que enxergava a educação comum como mais uma ofensiva cosmopolita frente à tradição hispanista das províncias do Noroeste, este autor e demais intelectuais de posicionamento semelhante alertavam para o desaparecimento da autêntica cultura argentina graças à ampliação das escolas e de uma educação puramente materialista. O fato é que, durante os anos dos governos radicais houve ampliação do sistema educacional argentino²³³, o que para os conservadores do período significava um forte atentado à tradição.

A ampliação da educação e o conseqüente aumento de gasto com o salário dos professores e funcionários do Estado em geral era visto como uma manobra eleitoral pelos conservadores e pelo jornal *La Nación*, que normalmente defendiam pautas semelhantes. Durante os governos da UCR, de fato, houve um aumento do aparato estatal devido à

²³¹ PERSELLO, Ana Virginia. *El Partido Radical: gobierno y oposición, 1916-1943*. 371 f. Tese (doutorado em história). Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Buenos Aires, 2003, p.131, tradução do autor.

²³² Ibidem, p.187, tradução do autor.

²³³ Ibidem, p.147.

ampliação da educação comum e de órgãos ligados à saúde pública como hospitais e asilos. Isto não quer dizer, contudo, que os empregos não fossem de fato utilizados como um sistema de recompensar lealdades e alinhamentos semelhantes, o que também ajudava nas divisões internas do partido, que “cresceu e se consolidou no governo, ao custo de debilitar as relações entre poderes e reduzir a eficiência do aparato estatal²³⁴”.

O retorno de Yrigoyen ao executivo nacional em 1928 significou para a direita e para a esquerda a volta da adoção de medidas anticonstitucionais. A oposição, composta por partidos de ambos espectros políticos e pelos radicais *antipersonalistas*, passou a defender a diminuição da atuação do executivo nas decisões nacionais. Em 1929, um pedido de *juicio político*²³⁵ apresentado pelo deputado conservador Alberto Viñas demonstra o tamanho da rejeição que Yrigoyen sofria entre os setores da direita, apesar das concessões que fazia em seu governo. Nesse pedido, o deputado bonaerense argumenta a necessidade do *juicio* por conta da “subversão institucional absoluta, o caráter despótico do governo, destruição da autonomia provincial, desconhecimento dos privilégios inalienáveis do congresso, caos administrativo e sucateamento do exército²³⁶”.

Somado a isso, o exército, que durante o primeiro governo de Yrigoyen não possuía relevância na política nacional, havia se fortalecido durante o governo de Alvear. Era comum que intelectuais de direita fomentassem, em suas falas e escritos, a ideia de que as forças armadas deveriam agir junto com a população para retirar Yrigoyen da presidência em seu segundo mandato. Em 1929, a tensão política cresce com a organização de uma oposição cujas demandas eram expressas de maneira violenta.

Contudo, a defesa dos princípios constitucionais aparecia em falas e escritos dos setores da direita apenas como justificativa para depor Yrigoyen. Os principais responsáveis pelo golpe de 1930 compartilhavam de ideais antidemocráticos estabelecidos nos escritos de seus intelectuais e amplamente aceitos nos setores do exército alinhados a José Félix Uriburu, general responsável por liderar o movimento setembrista²³⁷. Apesar dos militares terem utilizado de meios antidemocráticos para retirar o presidente radical de seu mandato, os conservadores se estabeleceram na presidência através de eleições realizadas em novembro de 1931, cujo vitorioso foi o general Agustín P. Justo. Mesmo se apresentando como

²³⁴ PERSELLO, Ana Virginia. *El Partido Radical: gobierno y oposición, 1916-1943*. 371 f. Tese (doutorado em história). Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Buenos Aires, 2003, p.162, tradução do autor.

²³⁵ Processo de impeachment.

²³⁶ Ibidem, p.218, tradução do autor.

²³⁷ O movimento leva este nome por ter culminado no golpe militar de 6 de setembro de 1930, a partir do qual o general José Félix Uriburu assume o governo.

respeitadores das instituições, era comum que setores da direita utilizassem de manobras anticonstitucionais para depor candidatos de outra vertente ideológica. O caso mais emblemático é o do radical Honório Pueyrredón (1876-1945), que venceu a eleição para governador da província de Buenos Aires, mas teve a eleição anulada.

Durante os primeiros anos da década de 1930 as perseguições aos líderes da UCR, aos intelectuais e a exoneração de funcionários públicos alinhados ao radicalismo foram comuns. Com esse mesmo pretexto, outros setores que faziam oposição às pautas de direita também sofreram sanções, sendo frequentes as intervenções em sindicatos e deportações de líderes anarquistas e comunistas. Contudo, a união presente na deposição de Yrigoyen não se manteve durante toda a década de 1930, especialmente no caso dos nacionalistas, que “progressivamente foram se distanciando do governo na medida em que crescia a influência dos que estavam ao lado de Justo e da alternativa institucional²³⁸”. Desta forma, as ideias de Lugones, dos irmãos Irazusta e demais intelectuais que se caracterizavam por sua posição contrária às instituições liberais perderam espaço frente à alternativa institucional representada pelo general Agustín Pedro Justo (1876-1943).

O próprio golpe de 1930 não foi tão efetivo quanto planejado, pois apesar de culminar na presidência de Uriburu, não foi capaz de desorganizar os radicais. Em 1931, Marcelo de Alvear assume a liderança e consegue reunificar o partido, contando com o apoio de Yrigoyen, líder da vertente *personalista*. O grande problema enfrentado pela UCR neste momento era a indecisão: parte do partido desejava participar das eleições novamente, enquanto outros defendiam uma ação armada. A segunda opção deu ao governo a justificativa necessária para a perseguição e deposição dos radicais em cargos importantes e para a recusa da candidatura de Alvear para a disputa presidencial de 1931. É nesse contexto que o partido opta pela tática da abstenção e conspiração, o que deu a Justo a capacidade de construir sua imagem como uma opção razoável entre a ditadura de Uriburu e a subversão radical de Alvear.

A vitória de Justo trouxe a estabilidade política desejada, dando um fim ao golpe de 1932 com uma saída institucional. No Congresso, tanto situação quanto oposição demonstravam-se satisfeitas com o resultado, reconhecendo sua legitimidade. Economicamente, a Argentina assistia aos sinais de recuperação da crise de 1929 justamente no ano seguinte à vitória do general, o que favoreceu a imagem positiva de seu governo que trazia ao país o crescimento industrial e a popularização de intervenções econômicas advindas

²³⁸ ROMERO, Luís Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001, p.69, tradução do autor.

do Estado. A figura de Juan Manuel de Rosas, retomada paulatinamente desde a década de 1920, ganha força na medida em que cresce a ideia de aceitação de um Estado atuante na economia, impondo os interesses nacionais frente aos investidores britânicos que sempre estiveram presentes no país. A retomada desta personagem servia para identificar

os movidos pelo rechaço à influência britânica como aqueles que viam o liberalismo como principal inimigo. Ali confluíram naturalmente o nacionalismo *filofascista* e sobretudo as novas correntes do catolicismo, para quem Rosas representava não o anti-imperialismo, mas a tradição hispânica de uma sociedade autoritária, hierárquica e católica, que contrapunha a contemporânea, corrompida pelo liberalismo, o protestantismo, o judaísmo e o marxismo²³⁹.

É nesse contexto de rechaço ao radicalismo que Ricardo Rojas filia-se à *Unión Cívica Radical* e escreve o livro *Radicalismo de Mañana*. Neste momento, devido à estratégia abstencionista adotada, o partido perde os cargos que geralmente ocupava no executivo e legislativo e, com isso, acaba se tornando incapaz de influenciar decisões dentro do Estado, tornando a situação ainda mais favorável aos setores da direita que se viram livres de sua principal oposição. No livro em questão, Rojas busca, desde o prefácio, demonstrar sob quais condições escrevia o livro, situando o período entre 8 de novembro de 1931 e 20 de fevereiro de 1932. Este livro, dedicado à União Cívica Radical, tem a intenção de ser um convite para pensar o futuro do partido, mas também busca atingir o cidadão não filiado e os opositores para que mudem sua postura frente ao radicalismo e não façam julgamentos incorretos de um partido que, para o autor, representava a evolução política da argentina.

O motivo de filiação do autor à União Cívica Radical é exposto nas primeiras páginas: “me filiei a União Cívica Radical depois do 6 de setembro de 1930²⁴⁰; e quando o fiz não conhecia Don Hipólito Yrigoyen; antes eu não havia atuado em nenhum partido e nem havia recebido dos governos radicais favores de espécie alguma; tais coisas não podem ser ditas por aqueles que hoje combatem o radicalismo²⁴¹”. Dessa forma, a decisão de filiar-se ao partido foi tomada levando em conta estritamente identificações político-ideológicas, acreditando que a partir dessa atitude e com a escrita do livro em questão, demonstraria uma solução para o momento conturbado pelo qual o país passava. Posicionando-se contra o governo de Uriburu, Rojas afirma que

²³⁹ PERSELLO, Ana Virginia. *El Partido Radical: gobierno y oposición, 1916-1943*. 371 f. Tese (doutorado em história). Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Buenos Aires, 2003, p.79, tradução do autor.

²⁴⁰ Ao mencionar esta data o autor faz referência a ação militar que retira Hipólito Yrigoyen da presidência.

²⁴¹ ROJAS, Ricardo. *El Radicalismo de mañana*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946, p.6, tradução do autor.

a ditadura fundada em 1930 e o governo atual, que é seu herdeiro, colocaram a República Argentina em uma encruzilhada que pode ter consequências fatais no futuro, e é dever de todos os cidadãos colaborar com a interpolação deste fenômeno que abre um parêntese sombrio em nossa história²⁴².

A crítica feita pelo autor não é restrita apenas aos nacionalistas, estendendo-se também aos radicais, mas com ressalvas. A ideia que predomina é de que os excessos cometidos durante os governos da UCR deveriam ser resolvidos a partir das leis vigentes, sem a necessidade da supressão de direitos civis para que isso acontecesse. Apesar da postura crítica ao partido, Rojas não mede palavras ao demonstrar o apreço que possuía por ele, mencionando-o como o único partido nacionalista de essência popular da Nação, sendo o mais capacitado para reestabelecer a democracia.

Por se tratar de um livro que busca determinar as diretrizes do partido e dar uma unidade ideológica a um grupo tão heterogêneo, Rojas tenta definir o que significa ser um radical. De forma geral, o “radicalismo tem sua raiz no povo e quer arrancar da raiz das instituições, costumes e ideias nocivas ao povo²⁴³”. Neste caso, povo não se refere a

sociedade com suas classes estáticas, nem à multidão com suas paixões dinâmicas, se não ao que a lei antiga chamava de ‘o comum’: um grupo de seres humanos que precisam viver espiritualmente e corporalmente unidos na biologia e na história pela comunidade do solo e das instituições²⁴⁴.

Esta definição bastante abrangente é relevante, pois diverge diretamente de tudo aquilo que é propagado pelos conservadores de Tucumán. Enquanto na década de 1930 Rojas busca uma definição ampla, este setor da direita ainda apresenta uma proposta bastante excludente de argentinidade, que encontra legitimidade não nas instituições, mas sim em características identitárias presentes quase que unicamente em suas elites.

Adotando a definição de povo e de radicalismo mencionadas, Rojas conclui que o nome *Unión Cívica Radical* foi um grande acerto, visto que adota “‘*Unión Cívica*’ porque a agrupação seria uma irmandade de cidadãos e ‘*Radical*’, porque essa irmandade teria tradição democrática (...)”²⁴⁵. O autor não enxerga a origem do radicalismo em 1891 com a criação do partido, mas sim como um fenômeno que “nasce dos mais profundos mistérios da alma argentina, pois se nutre das raízes do nosso povo e se confunde historicamente com nosso sentimento nacional²⁴⁶”. Desta forma, a argentinidade e o radicalismo caminham lado a lado e estão juntos desde o período colonial, sobrevivendo ao que o autor chama de invasões

²⁴² ROJAS, Ricardo. *El Radicalismo de mañana*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946, p.7, tradução do autor.

²⁴³ Ibidem, p.12, tradução do autor.

²⁴⁴ Idem.

²⁴⁵ Ibidem, p.14, tradução do autor

²⁴⁶ Ibidem, p.15, tradução do autor.

britânicas, estando presente na Revolução de Maio, nas lutas republicanas do século XIX, e “chega aos nossos dias como uma torrente irresistível de nossa vida política, identificando-se com a vontade história do nosso ser nacional²⁴⁷”.

Portanto, na perspectiva deste intelectual, o radicalismo vai além de um simples partido político, sendo algo intrínseco à argentinidade, que durante eventos adversos precisou se provar. Há a tentativa de construir representações que atrelam a identidade nacional argentina à *Unión Cívica Radical* – o ideal que o partido carregava existia no argentino antes mesmo da criação da organização. Coube à UCR representar essa essência.

Nesse sentido, o radicalismo esteve presente desde quando os *criollos* se organizaram contra a oligarquia espanhola durante o período colonial. Como exemplo desse sentimento, Rojas cita o caso de Santa Fé, cidade recém fundada na qual os cargos importantes eram distribuídos aos parentes de Juan Ortiz de Zárate (1515-1576). Descontentes com essa situação, os *criollos* se revoltaram e foram capazes de depor os oligarcas destes cargos, dando o governo a Cristobal Arévalo. Segundo o autor,

aquele episódio de 1580 esboça todos as futuras características da evolução política argentina: a ascensão vital da raça e suas lutas contra o privilégio, até alcançar sua plenitude nas modernidades expressões do radicalismo, que aparece como algo inerente a nossa nacionalidade em nossas origens²⁴⁸.

Assim como neste momento os *criollos* encontraram unidade a partir do sentimento de revolta que emergia quando confrontados com a injustiça e o privilégio desmedido, existiram outras passagens em que este fenômeno se repetiu. Esta tentativa de transformar o radicalismo em um sentimento anterior à criação da União Cívica Radical aparece no próprio nome dado a acontecimentos da história argentina, como o caso da *Revolución Radical de 1812*. Nesse caso, Rojas refere-se à revolta de outubro de 1812 contra o que o autor chama de postura reacionária de alguns vice-reinados que buscavam barrar os ideais de emancipação e democracia.

Apesar de enxergar a independência como legítima, necessária e sinal de avanço dos ideais democráticos e radicais que, desde aquele momento, já estavam presentes no pensamento argentino, Rojas afirma que “o congresso que, em 1816, declarou a independência movimentando-se de Tucumán à Buenos Aires, em 1817, foi tomado por influências dinásticas, centralistas e oligárquicas²⁴⁹”, o que gerou posteriormente o que o autor chama de revolução radical de 1819, na qual o governo nacional foi deposto.

²⁴⁷ ROJAS, Ricardo. *El Radicalismo de mañana*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946, p.15, tradução do autor..

²⁴⁸ Ibidem, p.16.

²⁴⁹ Ibidem, p.29, tradução do autor

Assim, durante vários eventos significativos da história argentina, Rojas tenta buscar o que definiu como os ideais radicais: a luta pela ampliação da democracia e o posicionamento contrário aos privilégios. Para o autor,

O instinto radical das massas não queria reis, nem oligarquia, nem centralização unitária. O povo, que havia derrubado a autoridade do vice-rei opunha-se à existência das estruturas heirarquicas do vice-reinado. A alma argentina, que já havia reivindicado a liberdade no Hino de 1813, pedia liberdade para os indivíduos, as cidades, as regiões, e a nação (...) ²⁵⁰.

Rojas adentra em debates históricos, reivindicando e explicando como a palavra “*caudillo*” foi utilizada pelos espanhóis inicialmente para designar líderes colonos revoltosos, e como posteriormente o termo foi atribuído negativamente àqueles que no contexto dos anos 1820 se estabeleciam como chefes do povo e se recusavam a aceitar pautas unitaristas. Ainda assim, o autor recusa a imagem de Juan Manuel de Rosas como um grande líder, chamando-o de tirano e mencionando que “os argentinos sabem bem a tragédia que foi aquela ditadura, e por isso não podemos admirar nenhuma ressurreição deste sistema que já não pode ter explicação e nem beleza na Argentina atual ²⁵¹”.

Para Rojas, a função do radicalismo é de dar continuidade à aplicação dos ideais expressos na Revolução de Maio de 1810 que ainda não haviam se realizado plenamente. Desta forma, “a definição gramatical e política que damos ao que se chama de radicalismo também é aplicável aos primeiros movimentos libertários de nosso povo em suas origens coloniais e mais ainda na rebelião democrática de 1810 (...) ²⁵²”. O que o autor busca nas páginas desse livro é demonstrar como a origem da Argentina e do radicalismo estão expressos em diversos eventos e temporalidades, mas sempre juntos, tendo em comum o mesmo projeto de nação.

O intelectual tucumano atribui à busca pelo sufrágio livre, pauta radical desde o momento de sua fundação, a demonstração de que este era o partido que melhor representava os valores argentinos. Novamente o autor utiliza exemplos históricos para demonstrar como, desde o início do século XIX, as pautas que posteriormente seriam defendidas pelos radicais já eram expressas pela população da época. Um dos casos citados é o Congresso de 1826, no qual os unitaristas restringiram o voto apenas aos “doutores e ricos, mas o espírito radical da Revolução de 1810, representado então pelo coronel Don Manuel Dorrego, opôs-se à tentativa reacionária, com excelentes razões, ainda que com as palavras toscas de quem não era um

²⁵⁰ ROJAS, Ricardo. *El Radicalismo de mañana*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946, p.30, tradução do autor.

²⁵¹ Ibidem, p.44, tradução do autor.

²⁵² Ibidem, p.34, tradução do autor.

artista, mas sim um simples *caudillo*²⁵³”. Nesse caso em específico, como deputado por Santiago del Estero no Congresso Nacional, Dorrego (1787-1828) defendeu o sufrágio universal, sem distinção quanto a profissões e grau de alfabetização.

Contudo, efetivamente foi apenas a partir da vigência da Lei Saénz Peña que o radicalismo abandonou a abstenção e passou a concorrer nas eleições, obtendo vitórias desde sua primeira participação, o que, para Rojas, era sinal da simpatia popular pelo partido, que se manteve mesmo durante os anos em que não havia concorrido nas eleições. Por essa razão, apesar de seus erros, os governos radicais trouxeram uma série de feitos benéficos para o país. Entre eles: a política internacional pacifista, a resistência ao imperialismo norte-americano, a luta pela igualdade entre as nações, a liberdade de imprensa, o fomento à arte, a ampliação do sistema educacional em todos os níveis, o aumento do número de ferrovias, o estabelecimento do salário mínimo, as leis trabalhistas e a defesa econômica das classes trabalhadoras²⁵⁴.

Rojas interpreta a retirada de Yrigoyen e a permanência de Uriburu no poder como um golpe, pois mesmo com a destituição do presidente radical de seu cargo, ainda havia a possibilidade de sanar o problema através de mecanismos constitucionais, mas o caminho escolhido foi a supressão das instituições democráticas. O autor apresenta uma leitura histórica na qual demonstra como a Constituição de 1853, estabelecida após a queda de Rosas, havia vigorado até o movimento setembrista ser bem-sucedido em sua empreitada. O intelectual também argumentava que as eleições que levaram o general Justo à presidência haviam sido fraudadas, visto que durante o período de sua realização não havia liberdade de imprensa, autonomia nas Universidades, direitos políticos e liberdades individuais garantidas. Também foi um momento em que se restaurou a perseguição partidária, tortura, prisões arbitrárias, espionagem política e a pena de morte. Desta forma, todos os erros cometidos pelos radicais seriam muito menores do que a ameaça que a ditadura de 1930 representava à democracia argentina, e as mobilizações de setembro que destituíram Yrigoyen da presidência constituíam um atentado aos ideais de argentinidade.

Rojas menciona o fato da Constituição 1853, vigente até o momento do golpe, ser um orgulho para o argentino, visto que nações europeias como Portugal e Espanha tiveram as suas abolidas com menos tempo de duração. Também lembra que a Argentina era o único país da América com uma constituição tão duradoura, perdendo apenas para os Estados Unidos graças ao movimento de setembro, responsável pelo início da ditadura. O autor menciona que um dos argumentos utilizados no período é o de que a democracia já não vigorava, estava em

²⁵³ ROJAS, Ricardo. *El Radicalismo de mañana*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946, p.79, tradução do autor.

²⁵⁴ Ibidem, p.91, tradução do autor.

crise no mundo todo, e que por isso a Argentina deveria abandoná-la. Diante disto, retoma novamente o período *rosista* como um exemplo ruim: “A lembrança da ditadura de Rosas deveria bastar aos argentinos para odiar o despotismo, assim como o fracasso dos reacionários na época da independência marcou o rumo liberal de nossa evolução²⁵⁵”.

Posteriormente, Rojas cita as eleições realizadas em 1931 para o cargo executivo da província de Buenos Aires, e destaca que mesmo com Yrigoyen preso e Alvear na Europa, o partido radical ainda foi capaz de obter uma vitória frente aos que ele chamava de reacionários. Isso deveria levá-los a perceber que as eleições não eram fraudadas quando os radicais estavam no poder, mas o que aconteceu na realidade foi o questionamento da lei Sáenz Peña. Sobre isso, Rojas diz que “algo de razão tinham, pois a lei do voto secreto e livre era uma conquista do radicalismo para o povo, para que todos os cidadãos pudessem expressar sua vontade, já que essa, e não os governos, devem eleger os poderes públicos segundo nossa constituição²⁵⁶”.

O tucumano busca paralelos históricos para estabelecer a argentinidade e o radicalismo como semelhantes, estando ambos alinhados ao povo em sua luta contra os oligarcas e privilegiados. Sobre a anulação das eleições de 1931, a cassação da chapa de Alvear para as eleições em novembro do mesmo ano e a decisão radical de abster-se, Rojas afirma que

Quarenta anos depois de fundada a União Cívica Radical, hoje voltam a encontrar-se frente a frente, como na Colônia e na Emancipação, a oligarquia e o povo, a reação regressiva e a evolução criadora, a generosa intuição da argentinidade e o egoísmo sensual de suas minorias alucinadas²⁵⁷.

Ao falar sobre a questão do personalismo na política argentina, Rojas identifica suas raízes no Império Inca, afirmando que este era caracterizado por sua tradição monárquica e conquistadora. O interessante, neste caso, é que o autor considerava não só os incas, como outras etnias indígenas, como parte da nacionalidade, citando-os na construção do caráter *personalista* de sua nação.

Contudo, essa forma de gerir a política não advinha unicamente da herança indígena. Os espanhóis também contribuíram nesse aspecto, uma vez que “o conquistador se define como hierárquico a partir da força, pois ele conquista militarmente a terra e o comando²⁵⁸”. Tudo isso gerou, desde o período colonial, uma sociedade ligada às hierarquias de “caciques e

²⁵⁵ ROJAS, Ricardo. *El Radicalismo de mañana*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946, p.100, tradução do autor.

²⁵⁶ Ibidem, p.103, tradução do autor.

²⁵⁷ Ibidem, p.105, tradução do autor.

²⁵⁸ Ibidem, p.111, tradução do autor.

conquistadores, misturando as formas indígenas e europeias de monarquia²⁵⁹”. Portanto, o autor compreende o indígena como um sujeito ativo na construção da nação, algo que o distingue dos conservadores tucumanos.

Para Rojas, o que explica a continuação desta tendência *personalista* na política argentina não era o governo radical, mas sim uma herança da tirania exercida por Juan Manuel de Rosas que, de certa forma, se manteve presente na Constituição de 1853, na qual criou-se “um tipo de Presidente da Nação a quem se chama de ‘chefe supremo’ dotando-o de poderes importantíssimos²⁶⁰”. Dessa forma, “a tradição do tirano, do *caudillo*, do libertador, do vice-rei, do *adelantado*, do conquistador, do inca e do cacique, se resume neste imenso poder *pessoal* instituído pela lei²⁶¹”. Diante disto, o intelectual tucumano defende a necessidade de reforma da constituição, entendendo que o excesso de poder concentrado no chefe do executivo afasta o povo da política. Também busca demonstrar que os que acusavam Yrigoyen de ser um tirano o faziam injustamente, pois o *personalismo* de seu governo era legitimado não só pela lei, como por toda a tradição argentina, visto que todos os presidentes até aquele momento haviam sido acusados de terem ambição ditatorial, e isto demonstra que “a atual crise provém de um conflito entre o Estado de 1853 e o povo de 1932, entre o princípio teórico da cidadania e os meios para exercê-la²⁶²”.

O que Rojas busca demonstrar durante todo o livro é como a democracia e o radicalismo sempre andaram juntos, pois ambos constituem a argentinidade. Dessa forma, qualquer movimento que busque suprimir a constituição, como o caso dos setembristas, não representa verdadeiramente o povo. A tendência em evitar o autoritarismo a qualquer custo esteve presente inclusive em generais que governaram anteriormente, mas que mesmo em momentos de crise presaram a Constituição. Por isso, o que deveria ser discutido pelos radicais e pelos argentinos de forma geral era uma reforma nos regimentos militares, visto que o fechamento do Congresso em 8 de setembro de 1930 não foi uma ação tomada por um Presidente, mas sim por um general.

Abordando a administração do país e novamente ancorando seus argumentos em exemplos históricos, o intelectual deixa transparecer ideias de cunho federalista, advogando a favor da autonomia das províncias, admitindo inclusive o excesso de intervenções federais praticadas durante os governos de Yrigoyen. Na questão da educação, Rojas propõe que “as escolas de cada província e cada governo devem estar sob vigilância local de suas próprias

²⁵⁹ ROJAS, Ricardo. *El Radicalismo de mañana*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946, p.112, tradução do autor.

²⁶⁰ Ibidem, p.113, tradução do autor.

²⁶¹ Idem.

²⁶² Ibidem, p.121, tradução do autor.

autoridades (...). Ponha a cargo do Conselho em Buenos Aires as escolas primárias da Capital, as escolas normais que formam os preceptores daquelas, e as escolas técnicas populares²⁶³”, isto em um contexto em que todas as escolas do país estão sobre responsabilidade do Conselho Nacional de Educação, que durante os governos radicais sofreu acusações de privilegiar regiões em que os governantes eram favoráveis ao partido.

A terceira parte do livro, intitulada *El Radicalismo y el Hombre Argentino*, traça um paralelo entre ambos, demonstrando como se relacionam durante a história do país. Um evento que aparece como um grande marco nesse sentido é a lei Saénz Peña, pois as garantias lá estabelecidas permitiram que o povo argentino passasse a fazer parte da vida política da nação²⁶⁴.

Rojas classifica a ditadura estabelecida em setembro como uma *reaccion militarista*, isto porque “se o exército não interrompeu materialmente [a democracia], consentiu para que seus generais a interrompessem, subjugando o povo cujo suor custeava as armas para a defesa internacional, não para a coação interna²⁶⁵”. Nesse momento, o autor também apresenta uma leitura um tanto particular de feitos de antigos presidentes argentinos, contestando sua suposta ideologia conservadora:

Urquiza não foi um conservador quando derrubou Rosas para nos dar a Constituição; nem Mitre quando reconduziu à Universidade Nacional o Estado de Buenos Aires, nem Sarmiento quando renovou nossas ideias e costumes, ni Avallenda quando federalizou Buenos Aires, nem Roca quando conquistou o Deserto e laicizou o ensino, nem Juárez Celman quando desencadeou o progresso e adotou o matrimônio civil, nem Pellegrini quando reformou nosso sistema monetário. A essa linhagem de reformadores pertencia Roque Sáenz Peña, não ao destes que hoje se dizem conservadores (...) A nova oligarquia que pretende se instaurar pela força não é capaz de processar as novas criações nacionais²⁶⁶.

O interessante dessa interpretação é demonstrar que essas figuras históricas são objeto de disputa, visto que os conservadores de Tucumán também utilizam de alguns dos nomes citados para fazer referência a um passado no qual o governo estava na mão de homens que se importavam com os valores espirituais.

As vitórias da UCR, possibilitadas pela lei Saénz Peña, deram à Argentina uma terceira fase em sua história: a liberação da democracia²⁶⁷. Isto permitiu que “a consciência individual entrasse em atividade dentro do Estado oligárquico, e como um fogo vulcânico,

²⁶³ ROJAS, Ricardo. *El Radicalismo de mañana*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946, p.159, tradução do autor.

²⁶⁴ Ibidem, p.199, tradução do autor.

²⁶⁵ Ibidem, p.200, tradução do autor.

²⁶⁶ Ibidem, p.201, tradução do autor.

²⁶⁷ As duas primeiras seriam a independência e a organização do Estado a partir da Constituição de 1853.

não tardou em comovê-lo e quebra-lo²⁶⁸”. Apesar dessa menção ao individualismo, o intelectual afirma que as grandes mudanças partem sempre de interesses coletivos, como o caso da busca pela ampliação do sufrágio, que já existia antes de 1890, mas apenas após essa data, graças ao trabalho de gerações anteriores, obteve mais adeptos.

Portanto, frente aos problemas enfrentados, Rojas busca estabelecer que a União Cívica Radical encontra no povo “sua fonte, sua substância, sua atmosfera e por isso deve viver dele, com ele, para ele e necessita oferecer-lhe uma organização popular. Nosso povo alcançou um nível de cultura que torna essa organização possível²⁶⁹”. Contudo, para manter essas características, o autor advoga pela necessidade de um chefe para o partido, tendo em vista a necessidade de um condutor. Era importante que aquele que desempenhasse esta função fosse um *caudillo* democrático, o que indica que este termo também aparece com significados distintos, dependendo de qual grupo o emprega.

Enquanto os conservadores chamam Yrigoyen de *caudillo* demagogo, Rojas afirma que este termo exprime tradição e honra, mas foi empregado de forma pejorativa desde o século XIX, pelos unitários. No caso da UCR, Leandro N. Alem poderia ser descrito como um típico *caudillo*, pois era um soldado que vivia de forma modesta e apaixonada, como um “autêntico filho do povo”. Seu sucessor na condução do partido, Hipólito Yrigoyen, apesar de não partilhar das mesmas características de Alem e de todos os problemas enfrentados durante seus governos, sempre mostrou ser um grande amante do povo, e por isso, também foi um grande líder²⁷⁰. Contudo, para o tucumano, mesmo contando com esses grandes exemplos, o radicalismo precisava de novas lideranças, tendo em vista as novas demandas da sociedade argentina.

Em sua análise, é muito comum que Rojas mencione a UCR como uma criação orgânica, e não meramente burocrática como foram outros partidos argentinos, isto porque “sua carne é o povo, sua alma é a história, sem soluções de continuidade. Por isso o nosso [partido] não se extinguiu com a morte ou a caída de seus chefes. A bandeira de defesa do sufrágio é o que nos deu raízes e persistência²⁷¹”. O partido se constitui forte e consegue persistir mesmo com as situações adversas por ser uma expressão do povo argentino, existindo em duas instâncias: uma enquanto sentimento popular e outra como organização política. O primeiro é sua substância, e o segundo é a forma; o primeiro é o que dá vida ao

²⁶⁸ ROJAS, Ricardo. *El Radicalismo de mañana*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946, p.202, tradução do autor.

²⁶⁹ Ibidem, p.207, tradução do autor

²⁷⁰ Idem.

²⁷¹ Ibidem, p.221, tradução do autor.

segundo, “assim não devemos confundir o sistema arterial com o sangue que nele corre, nem a parte visível de uma árvore com as raízes ocultas que o sustentam²⁷²”.

Na seguinte passagem, toda a fundamentação do intelectual sobre a identidade argentina e sua relação com o radicalismo aparece de forma bastante incisiva:

O radicalismo argentino, por sua tradição histórica, por sua extensão geográfica e por seu sentimento democrático é um resumo do povo argentino, com todos seus vícios e suas virtudes. Criação do povo, o povo o sustenta com sua fé. O que o patriotismo aconselha a ele não é vilipendia-lo, mas corrigi-lo, não é humilha-lo, mas servi-lo. O radicalismo é uma entelêquia política da argentinidade²⁷³.

E desta forma, Rojas argumenta que tanto a direita quanto a esquerda não são capazes de representar o nacional. A primeira por ser anacrônica, heterogênea e ocasional e a segunda por ser exótica, gremial e apenas metropolitana. Para o autor, o que falta à UCR para realizar-se plenamente como representante da argentinidade é adequar-se aos problemas pelos quais passa a nação. Contudo, ainda assim, a União Cívica Radical era superior aos demais partidos, e expressava a verdadeira identidade argentina, pois já existia há quarenta anos e possuía: apreço popular, número considerável de eleitores em todas as províncias do país, membros de todas as classes sociais e integrantes de nacionalidades distintas. Por conta de todas essas características, o radicalismo não poderia ser suprimido pelos setembristas, pois as ações ditatoriais só fizeram com que a UCR se reorganizasse.

Tendo dedicado todas as páginas até então a criticar e demonstrar no que os radicais diferem dos setores ligados à direita política, Rojas também sente a necessidade de demonstrar o que os difere dos partidos de esquerda com alguma expressão política do período. A principal de suas discordâncias é sobre os símbolos nacionais, muitas vezes menosprezados pelos socialistas argentinos, e que compõe parte importantíssima do radicalismo. Tal atitude, segundo o autor, não era encontrada nos socialistas russos, que sabiam da importância da nacionalidade e de sua cultura, e este problema de falta de identificação dos socialistas argentinos com o país acontece não pela doutrina em si, mas sim pelo fato deste estar restrito à Buenos Aires, não tendo contato com as demais regiões do país, o que os leva a falar da política argentina como se fossem estrangeiros. Contudo, o intelectual dá o devido crédito aos socialistas por terem dado atenção às reivindicações dos trabalhadores, atitude que deveria ser intensificada a partir de então.

Enquanto o socialismo mantinha-se concentrado na capital, o radicalismo espalhava-se por todo o país, ambos com seus quase quarenta anos de atuação na política nacional, o que

²⁷² ROJAS, Ricardo. *El Radicalismo de mañana*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946, p.222, tradução do autor

²⁷³ Ibidem, p.223, tradução do autor.

provava que o primeiro era um mero transplante do marxismo germânico e o segundo atentava-se e tinha seus ideais fundados na Revolução de Maio de 1910.

Rojas demonstra também o desejo por uma emancipação plena de seu país, chegando a afirmar que naquele momento a Argentina havia deixado de ser colônia da Espanha para ser colônia do capitalismo internacional, que se fazia visível no capital europeu e dos Estados Unidos investidos no país, assim como em sua dependência científica, comercial, filosófica e industrial. Para lidar com essa situação, seria necessário um programa de emancipação econômica, sendo a principal missão do radicalismo melhorar a vida de seus trabalhadores com terras, cultura, segurança e habitação,

É neste sentido que Rojas apresenta sua proposta capaz de alinhar a nacionalidade argentina com alguns dos preceitos socialistas: a democracia social, também chamada de socialismo nativo. O partido socialista não poderia ser responsável pela revolução social por adentrar o legalismo burguês, além de ter como característica uma doutrina materialista e internacionalista, que não estão ligadas à argentinidade. Essa função estaria delegada ao partido radical, desde que se atentasse às necessidades dos trabalhadores.

Um ponto de confluência entre Rojas e os conservadores é o sentimento de insatisfação frente à educação nacional. Segundo o autor, as escolas primárias, o Colégio Nacional, a Universidade e as escolas especiais desempenham seus respectivos papéis com má qualidade. Nessa categoria estariam ainda a imprensa, o teatro, os livros, o cinema e o rádio, que em vez de trabalhar para a educação, se transformaram em empresas “anarquizadas pelo interesse privado ou desvirtuadas por seus repertórios internacionais²⁷⁴”. De forma geral, todas estas esferas, que na opinião do autor compõe o sistema educacional, não atuavam a favor da nacionalidade argentina, o que reflete na carência de consciência histórica e sentido na vida da população. Desta maneira, “a crise do Estado Argentino, é também, infelizmente, uma crise da educação nacional²⁷⁵”, e seria trabalho dos radicais, em um futuro próximo, promover as reformas necessárias para tornar eficientes as instituições educacionais.

Ao abordar a arte, Rojas destaca a importância de suas diversas esferas na construção da nacionalidade, citando obras de outros países que cumprem essa função, como a Catedral de Notre-Dame e a *Ilíada*, entre outros. Na perspectiva do autor, a Argentina havia apenas começado a esboçar obras de tamanho prestígio, concentradas principalmente na literatura *gauchesca*, cujo maior expoente seria *El Gaucho Martín Fierro*, de José Hernández, livro no qual estão expostos os “abusos da autoridade contra o *gaucho*, personificação do povo

²⁷⁴ ROJAS, Ricardo. *El Radicalismo de mañana*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946, p.275, tradução do autor.

²⁷⁵ Ibidem, p.276, tradução do autor.

argentino, mostrando o que são capazes de fazer contra a liberdade, a honra e a justiça o juiz de paz e o comissário, o comandante militar e o cuidador das fronteiras²⁷⁶”. Desta maneira, nos escritos de Rojas, o *gaucho* permanece um representante do povo argentino cujas reivindicações foram atendidas pelos radicais. É pelo fato da arte ter papel tão importante na expressão e construção da nacionalidade que um governo democrático não poderia ignorar seus artistas, devendo ficar atento às suas reivindicações.

Sobre o momento político nacional, o qual, segundo o autor, foi construído graças à importação de ideias europeias ligadas ao fascismo, Rojas destaca que a crítica à democracia é extremamente grave do ponto de vista da argentinidade, pois como foi repetidamente afirmado durante o livro, a tradição argentina está ligada à democracia. Essa adoção de ideias que pouco se relacionam com a tradição do país também aparece na suposta necessidade de um rei, que pode encontrar sentido em países europeus devido à sua história, mas que não é justificada na Argentina, visto que o país teve apenas vice-reis não argentinos, o que implicava na não existência de uma aristocracia nacional. A democracia surge não como opção ou uma criação filosófica, mas como uma necessidade e, por isso, qualquer tentativa de estabelecer privilégios para determinado grupo era influenciada por preceitos externos, e não verdadeiramente nacionais.

Sobre sua filiação à União Cívica Radical, Rojas busca evidenciar que durante os trinta anos em que publicou seus escritos, apesar de não ter atuado junto de nenhum partido, sempre foi um entusiasta das questões políticas de seu país, algo que todo argentino deveria fazer. O que o motivou a tomar a decisão de alinhar-se ao partido foi justamente o que o autor chama de crise de 1930, referindo-se à retirada de Hipólito Yrigoyen do cargo de presidente e a posterior destruição das instituições constitucionais estabelecidas há aproximadamente oito décadas.

Retomando algumas considerações sobre Rosas, o tucumano ainda compreende que, mesmo que tenha instaurado uma ditadura, ainda sim possuía apreço popular e o fazia através de uma “delegação legislativa”, e não por “usurpação militar”. E diante da tortura e perseguição de argentinos que viviam sob um governo que ignorava completamente os ideais nos quais se fundava a argentinidade, Rojas optou por se unir ao radicalismo, pois é onde “mais aparece a carne argentina e nossos ideais²⁷⁷”.

Dessa maneira, arrisco afirmar que a tomada de poder por parte dos militares foi fundamental na decisão de Rojas de unir-se aos radicais. Nesse livro, o autor busca atrelar a

²⁷⁶ ROJAS, Ricardo. *El Radicalismo de mañana*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946, p.279, tradução do autor.

²⁷⁷ Ibidem, p.304, tradução do autor.

argentinidade ao radicalismo, citando exemplos históricos que julga serem capazes de demonstrar esta relação. Portanto, é evidente como nos anos iniciais da década de 1930 o ideal de argentinidade do intelectual está fortemente vinculado às questões políticas pelas quais seu país passava e, em suas representações da nacionalidade, a identidade nacional e o radicalismo encontram-se atados na busca por uma realização plena da democracia argentina.

3.2. Alfonso Carrizo e os *Cancioneros* da década de 1930.

Se, na década de 1920, Alfonso Carrizo inicia sua carreira marcada pelas discordâncias com Rojas, essas só se intensificam nos anos seguintes. A partir do momento em que Rojas filia-se à UCR e enxerga o radicalismo como peça fundamental na formação da Argentina, os conservadores de Tucumán apontam justamente o contrário: os anos de governo desse partido foram marcadamente caracterizados por uma preocupação exclusivamente materialista, o que levou o argentino a distanciar-se de aspectos que constituem sua nacionalidade que, na ocasião, existia apenas nos antigos moradores das regiões interioranas das províncias do Noroeste.

A fundamentação construída por Carrizo em seus *Cancioneros*²⁷⁸, na década de 1930, não são tão diferentes daquela apresentada no *Cancionero de Catamarca* (1926). A crença no passado hispânico e católico das províncias do Noroeste permanece, e a perspectiva desse autor alinha-se de forma mais incisiva aos ideais de Alberto Rougès, com quem trocava correspondências. A partir dessa troca, os intelectuais discutiam o que deveria ser considerado parte da cultura popular e quais canções deveriam ou não aparecer nos livros do catamarquenho. Carrizo também demonstra apreço pelos escritos de Rougès, chegando a pedir um exemplar do livro no qual o tucumano trata sobre a teoria das estruturas²⁷⁹ devido à demora de consegui-lo na biblioteca da Universidade de Buenos Aires²⁸⁰.

Ernesto Padilla, por outro lado, mobilizava sua rede de relações em busca da obtenção de recursos e notoriedade para a obra de Carrizo. Em 1933, o tucumano entrou em contato com o presidente do Consejo de Educación para falar sobre o *Cancionero Popular de Salta* (1933) e sua importância para a valorização da vida espiritual argentina. Na missiva pede, tanto ao presidente como aos seus colegas, apoio ao catamarquenho, pois a intenção era que

²⁷⁸ Durante os anos em questão foram publicados: *Cancionero Popular de Salta* (1933), *Cancionero Popular de Jujuy* (1935), *Cancionero Popular de Tucumán* (1937), *Cantares Tradicionales del Tucumán* (1939).

²⁷⁹ Não há referência ao nome da obra, apenas ao tema.

²⁸⁰ CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires, 20 jun. 1934, 1 carta.

Carrizo continuasse seu trabalho por todas as cinco províncias que compõem o Norte do país²⁸¹.

Apesar da abstenção radical e a mudança para um presidente mais alinhado com os setores de direita, isso pouco influencia o *Cancionero Popular de Salta*. Mantendo a ideia de pesquisar a poesia popular das províncias do Noroeste - o que para os conservadores de Tucumán significava as canções advindas do Século de Ouro²⁸² espanhol -, o início do livro conta com um breve discurso preliminar no qual o autor aborda a história da província, mencionando também sua geografia e aspectos econômicos. O autor destaca a proximidade de Salta com o Peru, o que fazia “os costumes da sociedade saltenha serem similares aos de Lima²⁸³”. Os cantos populares também são testemunhos desta relação, visto que comumente faziam referência às cidades e povos do país vizinho.

Neste *Cancionero*, Carrizo reafirma sua posição sobre a contribuição indígena na formação do repertório dos cantos populares: “Nesta região não há cantos indígenas, pois o aborígene desapareceu por completo; no entanto, sempre é possível encontrar uma música *quíchua*, trazida por bolivianos que se instalam na cidade e aldeias vizinhas²⁸⁴”. O desaparecimento destes cantos, segundo o autor era causado devido à modernidade portenha:

O uso de grafones e vitrolas que trazem novas melodias e letras ao gosto de Buenos Aires está fazendo desaparecer no Vale de Lerma e especialmente na cidade de Salta as antigas canções populares que enriqueceram o patrimônio tradicional. Hoje é difícil encontrar guitarristas que cantem as *glosas* e *décimas* desta antologia²⁸⁵.

Essa posição aparece novamente ao falar sobre a região de La Frontera²⁸⁶, que no século XVI estava povoada por indígenas “da raça *tonocoté*, mais ou menos mansos (...) e “*lules* belicosos e bárbaros²⁸⁷”. Contudo, o idioma desses povos, não havia influenciado os *fronterizos*, que falavam o *castellano*, e com raríssimas exceções, todos seus cantos eram em espanhol. Assim como seus respectivos idiomas, os indígenas que habitavam a região haviam desaparecido e, naquele momento ela estava povoada quase que exclusivamente por homens de ascendência espanhola. Nessa localidade, apesar de extinta em outras partes do país, permanecia viva a tradição *payadoresca* dos *gauchos*.

²⁸¹ PADILLA, Ernesto. [Correspondência]. Destinatário: Octávio S. Pico. Buenos Aires. 13 dez.1933. 1 carta

²⁸² Período de grande produção artística espanhola que ocorreu entre 1550 e 1650.

²⁸³ CARRIZO, Juan Alfonso. *Cancionero Popular de Salta*. Buenos Aires: A. Baiocco y cia., 1933, p.10, tradução do autor.

²⁸⁴ Ibidem, p.13, tradução do autor.

²⁸⁵ Idem.

²⁸⁶ Segundo o autor, a região leva este nome por dividir o território saltenho em duas partes.

²⁸⁷ Ibidem, p.23, tradução do autor.

Segundo o autor, mesmo que inicialmente a região fosse marcada pelas canções indígenas, como apontam relatos do século XVI, não era possível definir precisamente quais dessas obras permaneceram existindo, visto que os demais idiomas desapareceram com a hispanização “da raça nativa²⁸⁸” através do processo de evangelização. No seu modo de entender, mesmo os cantos em *quíchua* não são expressões indígenas, mas versos saltenhos, pois não era possível provar que fossem de origem pré-colombiana, especialmente considerando-se os temas abordados. Segundo o catamarquenho: “as canções de amor compostas em *quíchua* que encontrei em Calchaquí são, em seu fundo e forma no estilo dos encontrados na língua espanhola; não se descobre neles, além da fala, nenhuma indicação que nos transporta para os tempos pré-históricos²⁸⁹”.

Contudo, a atenção à temática e a delimitação exata da criação de determinado canto ou poesia não acontece quando o autor fala sobre a origem hispânica, como é perceptível no seguinte trecho:

A grande maioria das canções de Salta revelam a influência espanhola na forma externa, no léxico, na fraseologia e nas questões que abordam, mas origem hispânica genuína encontrei apenas 260, ou seja, cinco por cento. Esse número de 260, que resulta da soma de: baladas, romancillos, dísticos e *glosas* encontrados em Salta e que aparecem em cancioneros espanhóis, provavelmente não representa o número total de canções populares espanholas em Salta porque não é possível cortejar as trovas de Salta com os hispânicos, desde o descobrimento da América até nossos dias, porque na Pátria não existem compilações de canções populares de séculos XVI, XVII e XVIII, além disso, não é possível determinar com precisão a filiação hispânica das canções de Saltenos porque na Espanha as trovas não foram coletadas nas diferentes regiões em que se divide a península.²⁹⁰

Analisando todos os materiais recolhidos em idiomas que não sejam o espanhol, Carrizo não considera esse um fator determinante para provar que sua origem seja indígena, visto que para isso seria necessário que estas canções abordassem aspectos de uma vida anterior à chegada dos espanhóis. Segundo o autor, o único aspecto cultural indígena que havia se mantido foi o culto a *Pacha Mama*, de origem incaica, o que poderia ser uma demonstração de que o aspecto religioso é a última coisa que um povo perde.

Diferente de outras localidades, Salta, que foi palco de batalhas entre *criollos* e espanhóis, se destaca graças às poesias anônimas que fazem menção à luta pela independência. Toda esta movimentação nas batalhas levou Salta a ser “a primeira cidade que

²⁸⁸ CARRIZO, Juan Alfonso. *Cancionero Popular de Salta*. Buenos Aires: A. Baiocco y cia., 1933, p.40, tradução do autor.

²⁸⁹ Ibidem, p.45, tradução do autor.

²⁹⁰ Ibidem, p.49, tradução do autor.

cantou a pátria nascente²⁹¹”, como ilustra uma *copla* anônima proferida no contexto de chegada de Juan José Castelli, membro da Junta de Maio, acompanhado do que Carrizo chamava de exército libertador. No trabalho de campo realizado nessa província, Carrizo agradece aos *estancieros* da região por deixarem que falasse com “seus peões²⁹²”. Contudo, apesar da grande quantidade de material coletado na província, especialmente de *coplas*, o catamarquenho demonstra preocupação com a tradição oral, pois observa a “decadência de sua velha poesia popular; dentro de anos não restarão senão os rastros do que eu tive sorte de recolher da tradição oral²⁹³”.

Desta forma, o que o intelectual demonstra no *Cancionero Popular de Salta* é a fundamentação utilizada para considerar a poesia do Noroeste argentino como tipicamente hispânica: qualquer canção, mesmo que em idiomas que não fossem o espanhol, que abordasse aspectos da vida colonial, era considerada hispânica. Dessa forma, uma criação indígena só poderia ser reconhecida como tal se fizesse referência a aspectos da vida pré-colombiana.

Durante as escritas dos *Cancioneros*, era comum que Carrizo entrasse em contato com Rougès e Padilla. Normalmente, o primeiro era responsável por fornecer conselhos intelectuais, enquanto o segundo era encarregado de cobrar resultados e guiar o catamarquenho por regiões da província, estabelecendo contato com mais frequência. Padilla também envia, através de correspondências, *glosas* que conseguiu recolher para Carrizo. Mantém contato com a gráfica responsável pela impressão dos *Cancioneros*, sendo informado da situação dos pagamentos efetuados pelo catamarquenho²⁹⁴. Na documentação investigada sobre o material que irá compor o *Cancionero de Tucumán*, é notável como Padilla atua através de orientações fornecidas pelas correspondências como um guia que seleciona com quem Carrizo deve falar, alguns deles sendo inclusive seus amigos²⁹⁵.

Durante a pesquisa do catamarquenho na província em questão, Padilla afirma: “Para a parte central da província, de Tucumán a Rio Chico, inclusive o primeiro distrito de Tafi, lhe darei um itinerário, caso queira, quando se aproxime sua viagem²⁹⁶”, em outros casos pede para que Carrizo entre em contato com um velho amigo para que sirva de guia na localização de pessoas – especialmente *payadores* – que poderiam servir como fonte para a coleta do

²⁹¹ CARRIZO, Juan Alfonso. *Cancionero Popular de Salta*. Buenos Aires: A. Baiocco y cia., 1933, p.13, tradução do autor.

²⁹² Ibidem, p.53, tradução do autor.

²⁹³ Ibidem, p.54, tradução do autor.

²⁹⁴ BAIOTTO. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto Padilla. Buenos Aires, 3 jan. 1934. 1 carta

²⁹⁵ PADILLA, Ernesto. [Correspondência]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. São Miguel de Tucumán, 10 abril 1935. 1 carta.

²⁹⁶ Idem, tradução do autor.

material folclórico. Ainda sobre localidades a serem percorridas, Padilla menciona saber que Carrizo havia passado por Escaba, região interessante, mas de pouca população, através de uma carta escrita por um amigo que estava na região.

Ou seja, além das informações que obtinha do próprio Carrizo sobre o andamento da pesquisa, outras pessoas também lhe informavam sobre o trabalho do catamarquenho. Padilla também expressa seu descontentamento quando o autor dos *Cancioneros* deixa de seguir o roteiro estipulado, como é notório no trecho a seguir: “Minha desconfiança começa quando o vejo sair das linhas territoriais da zona que deve investigar²⁹⁷.”

Na mesma carta, Padilla menciona Sanchez Sorondo, que seria capaz de interferir na *Comisión de Cultura* para que Carrizo receba \$3.000 pesos para a continuação de sua pesquisa. Em 1938, o tucumano também atua frente à *Comisión de Subsídios* para conseguir recursos para que Carrizo continue seu trabalho. Fazendo referência a este acontecimento, Padilla informa ao catamarquenho, via correspondência, que já era possível receber “a quarta parte do subsídio, ou seja, \$2.000 que correspondem ao primeiro trimestre²⁹⁸”.

Ainda sobre o processo de publicação do *Cancionero de Tucumán*, há o agradecimento de Carrizo ao Chefe de editoriais do jornal *La Nación*, Alfonso de Laferrère (1893-1978), ao qual envia um plano de trabalho e investigação que demonstra a necessidade da ajuda do Consejo Nacional de Educación. O catamarquenho pede a ajuda do receptor da carta para que interceda ao seu favor nessa instituição²⁹⁹.

Nas correspondências escritas a Padilla, era comum que Carrizo informasse seu paradeiro e de quem estava acompanhado. Os pedidos de recursos para sobrevivência ou para auxiliar a pesquisa também eram feitos diretamente ao tucumano. O caso mais emblemático é o de um carro, pedido no momento em que o autor realizava o trabalho de campo em La Rioja. Após um breve debate³⁰⁰ sobre a necessidade da utilidade do automóvel, Padilla informa a Carrizo estar tratando do pedido com o Senador González Iramain (1885-1964)³⁰¹.

Há registro também de casos em que Rougès contribui com Carrizo em seu trabalho, entrando em contato com conhecidos próximos e recolhendo ou complementando certos materiais, como em uma correspondência de 1936 na qual Carrizo agradece uma *glosa*

²⁹⁷ PADILLA, Ernesto. [Correspondência]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Buenos Aires, 7 abril 1938. 1 carta, tradução do autor.

²⁹⁸ PADILLA, Ernesto. [Correspondência]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Buenos Aires, 28 maio. 1938. 1 carta, tradução do autor.

²⁹⁹ CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Alfonso de Baferrère. São Miguel de Tucumán, 13 dez. 1935. 1 carta.

³⁰⁰ CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto Padilla. La Rioja, 19 abr. 1938. 1 carta.

³⁰¹ PADILLA, Ernesto. [Correspondência]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Buenos Aires, 28 maio. 1938. 1 carta.

recolhida por Rougès. Na mesma carta, o tucumano afirma: “havia decidido ir a Tucumán este mês, mas agora seria melhor esperar o término do prólogo para submetê-lo às suas considerações quando estiver pronto³⁰²”, o que indica que Rougès era o responsável por analisar os aspectos intelectuais da obra.

Essas correspondências revelam também como eram recolhidos fundos para a carreira de Carrizo, assim como para a publicação de seus *Cancioneros*. Em uma carta enviada a Rougès em 1937, o catamarquenho revela que Ernesto Padilla conseguiu a quantia de 6.000 pesos³⁰³, o que demonstra o quanto Padilla estava disposto a mobilizar o capital social que possuía para que a publicação dos *Cancioneros* fosse possível. Também é válido destacar a origem do financiamento, o Centro Açucareiro, do qual outros membros da elite econômica de Tucumán faziam parte.

Outra passagem bastante reveladora da rede intelectual da qual os conservadores de Tucumán e Carrizo fazem parte diz respeito aos primeiros seis exemplares do *Cancionero de Tucumán*. Nela, o tucumano instrui seu padrinho³⁰⁴ a distribuir os exemplares recebidos da seguinte maneira: um para ele, um para Padilla, um para o Dr. León Rougès, um para Marcos Rougès, outro para o engenheiro José Padilla e o último para Carmen Barber, filha de Don Apoilar Barber³⁰⁵. Em resposta sobre o *Cancionero*, Rougès dá o veredicto:

o trabalho que você pressupõe é considerável. A poesia tradicional deixa de ser um mistério para explicar-se por seu ilustre passado. O campo tucumano tem grande significado cultural nas letras nacionais. Nossos políticos já não poderão mais falar de nossa falta de cultura. Terão que aprender conosco, ou melhor, com nossos digníssimos velhos camponeses³⁰⁶.

Era interessante para os intelectuais conservadores que políticos de mesma ideologia estivessem no poder, pois poderiam, através deles, obter recursos que auxiliassem suas carreiras. A carreira de Carrizo contou com a contribuição do poder público que comprou 500 unidades de seu *Cancionero de Tucumán*, publicado em 1937. O *Cancionero* é considerado por Padilla e Rougès como a obra capaz de dar a Carrizo o prestígio necessário frente a seus pares, graças à quantidade de material recolhido. Da mesma forma, o discurso preliminar do livro é o maior de todos da coleção e é onde as posições de Carrizo sobre o folclore argentino

³⁰² CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires, 16 out. 1936. 1 carta.

³⁰³ CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires, 28 maio. 1937. 1 carta

³⁰⁴ Maneira como se refere a Alberto Rougès nas correspondências.

³⁰⁵ CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires, 22 out. 1937. 1 carta

³⁰⁶ ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto Padilla. Tucumán, 3 nov. 1937. 1 carta, tradução do autor.

aparecem de forma mais incisiva. Assim como nos demais, o início é dedicado aos aspectos geográficos da província, abordando a paisagem, vegetação, clima, população e sua distribuição, bem como a história de ocupação do território. O que esse *Cancionero* tem de particular é uma descrição dos hábitos e características dos povos indígenas – descritos como pré-históricos – que ocupavam a região.

Retomando os estudos do padre Larrouy, Carrizo afirma que em nenhum dos documentos de testemunhos espanhóis os indígenas da região falavam *quíchua*, e esse idioma havia sido introduzido após a presença hispânica na região. A partir disto, o autor conclui que

O *quíchua* não foi um idioma autóctone dos indígenas de Tucumán, mas já era falado nos finais do século XVI, temos, portanto, que afirmar que ele foi trazido pelos mesmos conquistadores e divulgado por eles, e em especial, pelos missionários, que estavam em mais contato com o nativo³⁰⁷.

Esta disseminação do *quíchua* teria começado com o primeiro contato entre espanhóis e indígenas da região de Tucumán, iniciado em 1550 a partir da fundação de El Barco e ganhando rápida adesão, visto que, já em 1594, eram numerosos os indígenas que falavam tal idioma. Neste caso, Carrizo não faz maiores questionamentos sobre a possibilidade de ser um idioma conhecido antes da presença dos espanhóis, atribuindo a eles a responsabilidade de fazer a língua falada pelo império Inca ser conhecida naquela localidade. Assim, cantos encontrados no idioma também eram creditados à Espanha, visto que, na perspectiva do autor, o fato dos espanhóis terem espalhado a língua para além da região ocupada pelos Incas era o suficiente para que manifestações culturais em *quíchua* fossem consideradas de autoria hispânica.

Carrizo considera o aspecto religioso algo central nos cantos recolhidos nesta província, dedicando um capítulo do discurso preliminar a explorar o processo de “evangelização” de Tucumán. Segundo o autor, esse processo teria se iniciado junto da primeira expedição que adentrou a localidade, sob liderança do capelão Francisco Galán, em 1543, mas passou por inúmeras dificuldades até consolidar-se plenamente. Junto da intensificação desse processo com ações do governador Juan Ramírez de Velasco (1539-1597), “iniciou-se também a substituição da incipiente cultura indígena pela europeia: seus ídolos foram destruídos e no lugar foram postas cruzes; onde antes estava *el muchadero*, o sacerdote e o soldado levantam a capela onde se venera a Deus³⁰⁸”. E este foi “o grande veículo da introdução dos cantos tradicionais, tanto religiosos quanto profanos. Os jesuítas

³⁰⁷ CARRIZO, Juan Alfonso. *Cancionero Popular de Tucumán*. Buenos Aires: A. Baiocco y cia, 1937, p.74, tradução do autor.

³⁰⁸ Ibidem, p.255, tradução do autor

aproveitaram a boa disposição dos indígenas para a músicas e lhes ensinaram os cantares espanhóis³⁰⁹”. Neste sentido, os missionários dedicados a espalhar o cristianismo pela região de Tucumán foram os responsáveis por levarem aos indígenas a “cultura espiritual da Espanha desses anos, que presenteava o mundo com o esplendor de sua fé cristalina, suas letras e suas conquistas³¹⁰”.

Nessas passagens, a presença de questões ligadas ao espírito demonstra como a perspectiva desse autor alinha-se à de Alberto Rougès, que enxergava no folclore das províncias do Noroeste a resistência de uma cultura de virtudes espirituais frente ao materialismo das grandes cidades. Através das conclusões apresentadas nos *Cancioneros*, Carrizo reafirma o que os conservadores pensam desde *Ariel* de José Rodó: a modernidade deu forças ao materialismo, o que afastou o uruguaio, no caso de Rodó, e o argentino, no caso de Rougès, e demais intelectuais tucumanos de sua cultura tradicional. Os *Cancioneros* dão lastro a este pensamento ao resgatarem cantos caracterizados pelo seu aspecto religioso e espiritual. Além disso, o fato da população jovem e adulta das províncias já não conhecerem estes cantos era utilizado como argumento para fortalecer a ideia de que o materialismo cosmopolita já tomava conta da região, e seria necessária uma reação frente a este avanço.

Por fim, Carrizo determina que se um dia a literatura tradicional indígena existiu, nunca fez parte da Argentina, uma vez que desde 22 de novembro de 1562, data do incêndio de Córdoba de Calchaquí, “os espanhóis não pensaram outra coisa além de dominar os indígenas e lutaram contra eles durante um século, até que aniquilaram todas suas parcialidades, e não satisfeitos com isso, extinguiram os poucos que restaram entre 1659 e 1666³¹¹”. Na perspectiva do catamarquenho, “não cabe nenhuma dúvida de que a influência espanhola anulou por completo toda a tradição poética *lule* e *tonocoté*³¹², supondo que um dia estas tenham existido³¹³”. Carrizo ainda comenta que de todas as províncias que compõem o país, apenas quatro conservaram seus nomes indígenas: Catamarca, Salta, Jujuy e Tucumán. Contudo, para o intelectual, isso era uma espécie de contradição, pois apesar das províncias terem mantido esses nomes, também são “as poucas províncias argentinas que melhor conservaram a literatura tradicional espanhola e, dessas províncias tradicionalistas, onde mais

³⁰⁹ CARRIZO, Juan Alfonso. *Cancionero Popular de Tucumán*. Buenos Aires: A. Baiocco y cia, 1937, p.255, tradução do autor.

³¹⁰ Ibidem, p.270, tradução do autor.

³¹¹ Ibidem, p.276, tradução do autor.

³¹² Etnias que viviam na região de Tucumán.

³¹³ Ibidem, p.277, tradução do autor.

está acentuada a filiação hispânica no modo de pensar e de sentir de seu povo é, sem dúvida, Tucumán³¹⁴”.

Considerando tudo isto, Carrizo conclui que “em Tucumán não há cantares de origem pré-histórica³¹⁵, de modo que, quando falamos de cantos americanos e tucumanos, nos referimos unicamente àqueles feitos na América ou em Tucumán no período histórico colonial ou independente³¹⁶”. Os cantos encontrados em *quíchua*, segundo o autor, possuem rimas de *coplas* espanholas, o que lhes confere grau de hispanismo suficiente para caracterizá-los como espanhóis, e não indígenas.

Ao final do discurso preliminar, Carrizo presta seus agradecimentos ao Consejo Nacional de Educación, pois a instituição, durante a presidência de Octavio S. Pico (1867-1943), havia contribuído com a publicação dos últimos três *Cancioneros*. Estende seus agradecimentos ao Governo de Tucumán, assim como aos industriais da região. Dentre eles destaca Juan Simón Padrós (1891-1987); José Maria Paz, presidente do Centro Açucareiro; Ernesto Padilla e León Marcos Rougès, que ajudaram com estadia e, especialmente, Alberto Rougès que, “com sua clarividência, mostrou-me as projeções imensas da cultura clássica espanhola em América³¹⁷”.

Em carta escrita para Rougès em novembro de 1938, momento em que Carrizo recolhia o material para o *Cancionero de la Rioja* (1942), o catamarquenho deixa evidente o quanto Padilla o ajudara contatando pessoas influentes na sociedade argentina que favoreceram o recebimento de verbas para prosseguir com seu trabalho: “O Dr. Padilla me escreveu de Buenos Aires e me disse que o novo presidente, Dr. Pedro M. Ledesma, é seu amigo. Hoje perguntou para ele se seria possível cobrir minha viagem de ida e os gastos relacionados com o transporte (...), caso consiga, eu já iria para o oeste da província e as buscas estariam terminadas por abril ou maio³¹⁸”. Na mesma carta, Carrizo também menciona a ajuda de seu sobrinho e um auxílio financeiro pedido à Universidade de Tucumán em abril, que não havia sido fornecido até o momento. Há ainda preocupações para que Rougès interviesse junto a deputados para que o projeto de lei que possibilitaria a província a comprar os exemplares do *Cancionero de Tucumán* fosse adiante, o que demonstra novamente a relação destes intelectuais com o poder público. Em resposta às questões levantadas nesta

³¹⁴ CARRIZO, Juan Alfonso. *Cancionero Popular de Tucumán*. Buenos Aires: A. Baiocco y cia, 1937, p.279, tradução do autor.

³¹⁵ Com esta expressão Carrizo refere-se à cantos pré-colombianos.

³¹⁶ Ibidem, p.280, tradução do autor.

³¹⁷ Ibidem, p.341, tradução do autor.

³¹⁸ CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. La Rioja, 3 nov. 1938. 1 carta

carta, Rougès afirma que o fato de Ledesma ser um amigo de Padilla facilitaria a introdução da *Antologia*³¹⁹ nas escolas.

Finalizada a obra *Cantares Tradicionales del Tucumán* (1939), na qual Carrizo compila cantos tradicionais da região Noroeste argentina, Rougès elogia o catamarquenho, destacando que

a grande cultura popular hispano-americana aparece ali evidente, palpável, impressionante. Quem agora pode negar sua existência? Quem pode agora não reconhecer a glória de Espanha a nos dá-la? Como se pode seguir falando de sermos bastardos, de que nós fomos gerados em cobiça e concupiscência, que não havia pássaros nem flores em nosso berço, que nosso nascimento não foi enobrecido por nenhum sonho que voou para o céu? Agora sabemos do que se trata! Que em nosso nascimento estava presente a alegria celestial do espírito, que havia ofertas imateriais, que havia mirra e incenso, que havia canções de Natal, que também tivemos Anjos da Guarda³²⁰.

Nessa passagem, destaca-se a menção de Rougès ao “espírito” e às “ofertas imateriais”, termos que dialogam com a obra *Ariel*. Desde o início do século XX, o tucumano mostrou-se um entusiasta da obra de José Enrique Rodó, com quem trocou correspondências. O uruguaio, por sua vez, também demonstrou apreço por Rougès, elogiando sua tese de doutorado em carta escrita em 1905³²¹. Há ainda o registro de um agradecimento por parte do intelectual tucumano por ter recebido como presente o livro *El Mirador de Próspero* (1913), o que evidencia a continuidade do contato entre ambos. O excerto em questão ilustra a influência das ideias apresentadas em *Ariel* na formação intelectual de Rougès, mesmo após mais de trinta anos da publicação da obra.

No livro *Cantares Tradicionales del Tucumán*, ao qual Rougès se refere na correspondência citada, estão presentes 15.000 peças de composição popular, enquanto que trabalho semelhante feito em território espanhol por Don Francisco Rodriguez Marín conta com apenas 8.000, o que para o catamarquenho, era um sinal da grandiosidade de seu trabalho e da importância cultural da região.

No discurso preliminar deste *Cancionero*, Carrizo afirma que

o conhecimento do nosso acervo poético tradicional é necessário neste momento em que o país inteiro está perdendo irremissivelmente sua fisionomia espiritual, porque é evidente que nesta tradição encontramos nossa alma nacional, que, diferente do que pensaram e continuam pensando

³¹⁹ Refere-se ao livro *Cantares tradicionales del Tucumán (Antología)*, cuja publicação estava planejada para o ano seguinte.

³²⁰ ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Tucumán, 19 fev.1939. 1 carta, tradução do autor.

³²¹ RODÓ, José Enrique. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Montevideo, 25 abril 1905. 1 carta.

alguns de nossos escritores, muito pouco deve às culturas indígenas, como mostram amplamente as quinze mil peças recolhidas por mim até agora³²².

Apesar de apresentar afirmação tão forte e assertiva, poucas linhas depois o autor expõe que muitas das peças recolhidas

publicadas tanto nos *Cancioneros de Tucumán* como nesta *Antología*, devem ser espanholas, sem que possamos afirmar com precisão, porque são escassos os trabalhos de compilação dos cantos tradicionais em Espanha, e os poucos que existem são da segunda metade do século passado ou deste século³²³.

Assim, os critérios criados pelo autor para classificar determinada peça como de origem indígena mostram-se muito mais delimitados do que aqueles estabelecidos para determinar sua origem hispânica. No primeiro caso, é necessário que tratem exclusivamente de temas que Carrizo acredita serem característicos do período pré-colombiano, não considerando, portanto, a possibilidade de que os indígenas tenham alguma criação cultural posterior a este período, atribuindo até mesmo os cantos de idioma *quíchua* à herança hispânica das províncias. A partir dessa concepção, o autor desconsidera inclusive as *mesclas* culturais.

Quando se trata de caracterizar um canto como originalmente espanhol, o autor não vê problema em não ser capaz de apontar precisamente sua origem, julgando que a mera aproximação temática é suficiente para classificá-lo como hispânico. Nesse sentido, as informações apresentadas corroboram com a hipótese de que os *Cancioneros* de Carrizo, para além de um trabalho de um intelectual que busca adentrar no campo dedicado ao folclore, também respondem às demandas políticas dos grupos conservadores do Noroeste que buscam na origem hispânica e católica construir uma representação identitária que apresenta o passado de suas famílias e sua cultura como a única verdadeiramente argentina.

Essa questão é ainda mais pertinente considerando a perspectiva de Rougès de que os *Cancioneros* deveriam estar presentes na educação comum, e os cantos, romances, *glosas* e demais materiais compilados por Carrizo deveriam ser ensinados aos argentinos desde a infância. O ideal conservador de uma Argentina unicamente hispânica e católica permeia as páginas das obras do catamarquenho, e a ideia de inseri-las em escolas demonstra como esse tema transborda as dimensões intelectuais, sendo útil também a diferentes projetos políticos.

³²² CARRIZO, Juan Alfonso. *Cantares Tradicionales del Tucuman: (Antologia) de los cancioneros de Catamarca, Salta, Jujuy, Tucumán y La Rioja*. Universidade Nacional de Tucumán, 1974, p.22, tradução do autor.

³²³ Idem.

Cabe aqui mencionar a relação de patronato³²⁴ estabelecida entre Padilla, Rougès e Carrizo. A partir dessa associação, Juan Alfonso Carrizo, um professor da província de Catamarca, utiliza da relação de mecenato para galgar reconhecimento social e intelectual, conseguindo, entre outras posições de prestígio, a de diretor do Instituto Nacional de la Tradición, em 1943. Da mesma forma, as concepções ideológicas presentes em suas obras buscam legitimar a posição das elites conservadoras de Tucumán frente às mudanças estabelecidas com o avanço do radicalismo, da modernidade e do cosmopolitismo portenho. Essa questão torna-se mais evidente ao se considerar que a perspectiva *arielística* de Alberto Rougès não está presente no *Cancionero de Catamarca*, de 1926, mas aparece bastante evidente nos livros publicados por Carrizo na década de 1930, a medida em que o mecenato é estabelecido e a relação entre estes intelectuais torna-se mais intensa.

3.3. Educación y Tradición: a cultura hispânica em Tucumán e a crise na educação.

Como já abordado anteriormente, Alberto Rougès e Ernesto Padilla atuaram ativamente durante a década de 1930 para auxiliar Carrizo em seus trabalhos. Além de se comunicarem com o catamarquenho, os tucumanos, a partir de 1933, também trocaram cartas entre si nas quais Carrizo e seu trabalho era assunto. Na primeira dessas, Rougès conta a Padilla sobre a visita do autor dos *Cancioneros* ao engenho de Santa Rosa, do qual é proprietário. Na localidade, Rougès afirma ter “apresentado Carrizo a um filho de Gabino Núñez, cantor que Carrizo já conhecia de nome³²⁵”. Além da ajuda financeira e da rede de contatos, não era incomum que os conservadores tucumanos atuassem ainda como mediadores, selecionando previamente pessoas que serviriam de fonte para o trabalho de investigação do catamarquenho.

O tratamento formal e fraternal que demonstram nas cartas trocadas com Carrizo não aparece nas correspondências que os tucumanos trocam entre si. Com certa frequência ambos fazem alusão ao excesso de peso do autor dos *Cancioneros*. Em carta de 1933, Padilla afirma que “o gordo Carrizo cobre com sua massa esta carta e quase esmaga o Instituto Lillo³²⁶”. Contudo, ainda que zombando do autor em correspondências privadas, Rougès não poupava

³²⁴ Dentro das categorias descritas por Raymond Williams [1992, p.41], é possível determinar esse vínculo como de proteção e manutenção, no qual os mecenas proporcionam reconhecimento social ao catamarquenho.

³²⁵ ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto E. Padilla. Tucumán, 29 jul.1933. 1 carta, tradução do autor.

³²⁶ PADILLA, Ernesto. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 22 set.1933. 1 carta, tradução do autor.

esforços em mobilizar seus contatos para que a obra de Carrizo fosse reconhecida. Em 1934, o tucumano sugere a Padilla que, tendo em vista a aproximação do Congresso Eucarístico que seria realizado na província, o catamarquenho deveria publicar parte das poesias com aspirações cristãs que havia reunido para que fosse conhecido entre os participantes e recebesse o apoio necessário para a finalização de sua obra. É notório na correspondência o grau de interferência de Rougès no trabalho de Carrizo, ao mencionar o que deveria constar na publicação, seguindo evidentemente suas convicções políticas:

Há duas *glosas* que protestam contra o aluvião que sepultou quase por completo a velha cultura espanhola que vivia em nosso povo. Abrirá os olhos dos dirigentes que verão a necessidade de reagir o quanto antes contra a barbárie técnica e bem trajada que chamamos com orgulho de progresso (...) Entre as *glosas* estará uma espanhola do século XVII que se transformou entre nós, enriquecendo-se em ideias e formas³²⁷

Em carta enviada a Juan Mantovani (1898 – 1961), professor na Facultad de Filosofía y Letras da Universidad de Buenos Aires, para tratar sobre planos de estudos nos colégios secundaristas, Rougès exprime seu desejo de realizar mudanças na educação, de forma que as virtudes da vida dedicada à espiritualidade voltassem a vigorar entre os jovens. Por compartilharem de concepções semelhantes, o tucumano sugere que uma das maneiras para orientar a educação pública para a cultura deveria passar pela inserção das poesias e cantos populares na educação comum. Tudo isto seria possível graças ao trabalho de Carrizo, que estava compilando e classificando este material³²⁸.

Essa sua preocupação aparece novamente em carta enviada a Padilla em 1935, na qual argumenta que seria bastante importante que o Conselho de Educação aderisse à sugestão de ensino do folclore nas instituições de educação pública, pois isto possibilitaria demandar fundos diretamente ao Conselho por se tratar de um projeto de Instrução Pública. Também deixa transparecer o interesse conservador tucumano com este projeto, visto que as poesias populares retomavam uma tradição vinculada ao Século de Ouro da Espanha. Assim, também poderiam colocar “uma cerca no tango e no foxtrot, invasores que já atingiram os pontos mais distantes da região³²⁹”. Portanto, a inserção do folclore na educação, além de lhes conceder capital, reavivaria a tradição hispânica e católica, impedindo a expansão cultura cosmopolita que já havia chegado à província. Nesse momento, Padilla e Rougès também buscam conferir

³²⁷ ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto E. Padilla. Tucumán, 18 jul.1934. 1 carta, tradução do autor.

³²⁸ ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Juan Mantovani. Tucumán, 28 fev.1935. 1 carta.

³²⁹ ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto Padilla. Tucumán, 15 abril 1935. 1 carta, tradução do autor.

prestígio à obra de Carrizo frente a seus pares, tentando conseguir para ele espaços de maior notoriedade no campo do folclore:

O depósito de poesia de ilustre ancestralidade encontrado por Carrizo, que até as grandes publicações poéticas nacionais têm ignorado, certamente merece a atenção da Academia. A designação do Carrizo como sócio correspondente é, sem dúvida, um primeiro passo dado para a consagração do trabalho feito³³⁰

Além disso, Rougès esperava que a Academia também voltasse sua atenção a esse tipo de estudo, que entrasse em contato com as populações campesinas e documentasse as manifestações culturais que ainda resistiam ao avanço cultura materialista. Para Rougès, a maneira mais eficiente de inserir a poesia tradicional nas escolas seria a partir de uma leitura habitual, em sala de aula, das peças cuja fonte fosse o Século de Ouro Espanhol. A partir de então, conhecendo o folclore, os estudantes formariam um “bom gosto” e passariam, por conta própria, a selecionar os próximos materiais a serem lidos. É interessante notar como esta passagem reitera novamente o critério de seleção de um tipo específico de poesia e exclusão de todos os outros³³¹.

Toda essa movimentação em relação ao poder público e suas instituições, a fim de conseguir financiamentos e angariar o prestígio necessário para que Carrizo continuasse com seu trabalho, dá frutos em julho de 1935. Nesse ano, a partir de uma lei sancionada pelo governador Miguel Mario Campero (1880-1962), é formada a Junta Conservadora del Archivo Histórico de la Provincia, da qual faziam parte Manuel Lizondo Borda³³² (1889-1966), Ernesto Padilla, Alberto Rougès, Emilio Catalán e Juan Alfonso Carrizo. Entre suas atribuições estava a de receber transcrições – que anteriormente era função da Universidade Nacional de Tucumán – e publicá-las anualmente, estando na sua órbita de ação a seleção dos documentos³³³.

Em carta enviada à Rougès, Padilla demonstra manter contato com Carlos Ibarguren (1877-1956), intelectual da direita de vertente nacionalista que passou a nutrir “opiniões muito favoráveis sobre a obra de Carrizo³³⁴” após assistir a uma conferência na qual o

³³⁰ ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto Padilla. Tucumán, 15 abril 1935. 1 carta, tradução do autor.

³³¹ ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto Padilla. Tucumán, 20 maio 1935. 1 carta

³³² Intelectual tucumano que ocupou cargo de deputado provincial durante a década de 1910.

³³³ ARGENTINA. Decreto-Lei nº 946, de 8 de julho de 1935. Aprova a criação da Junta Conservadora del Archivo Histórico de la Provincia. In: *Alberto Rouges – Correspondência (1905-1945)*. San Miguel de Tucumán: Centro Cultural Alberto Rougès, 1999.

³³⁴ PADILLA, Ernesto. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 06 set.1935. 1 carta, tradução do autor.

catamarquenho faz referência a Juan Manuel de Rosas. Sobre isso, Padilla informa a Rougès que:

Com o tom jocoso com o qual estou acostumado, disse-lhe que tinha feito uma boa referência a Rosas na Conferência do Instituto Popular para lisonjear o grande [Carlos] Ibarguren. Mas, falando sério, achei um absurdo concluir que Rosas era bem visto em uma província interiorana pelo fato de encontrar seu nome em um único dístico. Assim como eu, você poderia dizer a ele que, em Tucumán, Rosas não era conhecido, não havendo oportunidade para o sentimento popular designá-lo como um caudilho. Nossos povo o considerou um tirano devido aos assassinatos de [Manuel] Oribe e [Vicente] Maza, e a denominação de *mazorquero* o acompanhou até o ano de 1852. Estes casos eram bastante populares, e Carrizo recolheu algumas canções que se referiam a pessoas da família Gutiérrez que são testemunhos irrefutáveis do desprezo popular por Rosas³³⁵.

Este caso serve para exemplificar o apreço que o catamarquenho nutria pelas considerações de Alberto Rougès, visto que Padilla recorre à autoridade do segundo para mudar a opinião de Carrizo sobre a popularidade de Juan Manuel de Rosas. Também é válido mencionar o interesse de Padilla na publicação de canções que mencionam Rosas de forma negativa.

Em outra carta de Padilla enviada a Rougès, fica evidente como o primeiro é o responsável por guiar Carrizo pela província, bem como por manter contatos mais frequentes com o autor, escrevendo ao tucumano para informá-lo sobre a situação do catamarquenho e de sua pesquisa. Nessa carta, Padilla afirma que pediu para Carrizo não deixar de “andar pela nascente de Monteagudo, Chicligasta, El Tobar, Rio Hondito e Santo Antonio de Quisca, depois de passar pela Ciudadita e Ichupuca (...)”³³⁶, confirmando mais uma vez a interferência dos conservadores tucumanos sobre os rumos da investigação de Carrizo.

Nestas correspondências, também tratam da publicação do *Cancionero de Tucumán* (1937). Considerando a quantidade massivas de *glosas* encontradas por Carrizo, Rougès sugere a divisão do *Cancionero* em dois tomos: um que contasse com as *glosas* devidamente divididas em categorias apropriadas e um segundo que abarcaria as demais composições. Posteriormente, Padilla comunica ter feito contato com o catamarquenho por telefone e o encontrado pessoalmente, pedindo para que a publicação das *glosas* fosse feita separadamente, como queria Rougès, sugerindo também a manutenção da mesma

³³⁵ PADILLA, Ernesto. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 06 set.1935. 1 carta, tradução do autor.

³³⁶ PADILLA, Ernesto. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 12 nov.1935. 1 carta, tradução do autor.

classificação apresentada nos outros *cancioneiros* e a implementação de “um índice especial das *glosas* que aparecem distribuídas nos diferentes capítulos³³⁷”.

Todo o esforço empreendido por Carrizo, Padilla e Rougès parece surtir resultado quando, em 1935 o catamarquenho recebe o reconhecimento de seus pares ao ser convidado pelo Secretário do Colegio Libre de Estudios Superiores para ministrar um curso de oito conferências sobre folclore³³⁸. O trabalho de Carrizo também ganha reconhecimento nacional. Em informações obtidas em carta de Padilla a Rougès, é comunicado que Sánchez Sorondo, Presidente da Comissão Nacional de Cultura, possuía grande simpatia pelo catamarquenho e tentaria atribuir a ele uma bolsa de 400 pesos mensais³³⁹.

Finalizado o trabalho, Padilla informa a Rougès ter conseguido o dinheiro necessário para contratar os serviços iniciais de impressão com a empresa *Baiocco*³⁴⁰, sendo necessário também que se pedisse fundos ao governo, instituições públicas e à Universidade de Tucumán para cobrir o restante dos gastos. Segundo Padilla, “Simón Padrós foi muito eficaz para obter ajuda dos industriais, e me satisfaz muito que esta obra de cultura em nossa Província conte com a ajuda de nossos homens de trabalho³⁴¹”. Ou seja, para além do dinheiro público, o interesse de financiar a obra de Carrizo não vinha unicamente dos autores das correspondências analisadas, mas também de demais industriais da região.

Após a publicação do *Cancionero de Tucumán* começam a chegar para Rougès cartas que abordam o livro. Uma delas é de Juan B. Terán (1880-1938), então Ministro da Corte Suprema de Justicia de la Nación Argentina, que recebeu a obra de forma muito elogiosa³⁴². Rougès também é informado por Bruno Jacovela sobre o caso de Ramón S. Castillo³⁴³ (1873-1944), cujo interesse pela obra era tamanho que pediu para Carrizo um plano para a criação de um instituto e uma escola de folclore para fortalecer a formação de futuros investigadores³⁴⁴. Nesse caso, a proposta do futuro vice-presidente aparece como prova da notoriedade que o autor dos *Cancioneros* ostentava no final da década de 1930.

Portanto, são perspectíveis as atuações de Alberto Rougès e Ernesto Padilla em prol desse projeto. Além de oferecerem estadia, orientações intelectuais, geográficas e

³³⁷ PADILLA, Ernesto. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 30 março 1936. 1 carta, tradução do autor.

³³⁸ MANTOVANI, Juan. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 9 dez. 1935. 1 carta.

³³⁹ PADILLA, Ernesto. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 23 maio 1936. 1 carta.

³⁴⁰ PADILLA, Ernesto. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 14 ago.1937. 1 carta.

³⁴¹ PADILLA, Ernesto. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 14 ago.1937.

³⁴² TERÁN, Juan Benjamín. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 2 dez. 1937. 1 carta.

³⁴³ Político catamarquenho que no ano seguinte é eleito vice-presidente, assumindo o cargo de presidente em 1942.

³⁴⁴ JACOVELLA, Bruno. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 18 dez. 1937. 1 carta.

viabilizarem recursos financeiros, também mobilizam seu capital social para trazer reconhecimento ao intelectual em questão. Todo este esforço coletivo tem uma mesma orientação político-ideológica: as reflexões de José Enrique Rodó em sua obra *Ariel* (1900). Nutrindo apreço pelo escritor uruguaio desde o início do século XX, Rougès possui a percepção de que o presente está em decadência devido à popularidade de uma cultura materialista em expansão, e enxerga a identidade argentina na herança católica e hispânica de Tucumán. Todos esses pensamentos ganham materialidade no prólogo escrito para o *Cancionero de Tucumán*, também publicado como um folhetim denominado *Educación y Tradición* (1937). Com tudo isso, Rougès busca mais do que apenas replicar as ideias de Rodó, mas ampliar suas reflexões com elementos do contexto social, econômico e político argentino.

O autor inicia seus escritos perguntando-se como foi possível que o catamarquenho recolhesse tantos materiais de poesias tradicionais em regiões industriais onde a vida espiritual parecia não existir mais. Questiona-se como foi possível a sobrevivência desses materiais e também os atrela diretamente ao Século de Ouro espanhol. Tudo isto serve de base para que o autor comece suas críticas à educação pública materialista fomentada durante os governos radicais. Enquanto os formados pelas escolas estavam imbuídos de uma cultura cosmopolita,

o grande tesouro foi encontrando entre os velhos lavradores que cultivam com suas mãos o solo herdado. E não foi encontrado na parte exterior da personalidade destes, como estão na nossa, essas coisas que uma educação possuída pelo fetichismo da quantidade obriga a levar até as provas e que depois não tardam a desaparecer. Foi encontrado no fundo da alma daqueles que a carregam. Porque essa poesia não foi preservada em livros ou em outro gênero de publicações, senão na memória daqueles lavradores, antigos cantores e em manuscritos amarelados de velhice que a ninguém interessava³⁴⁵.

Continuando seu raciocínio, Rougès determina que a cultura não está presente em livros ou bibliotecas, mas sim naqueles que a criam, que apreciam a criação e a guardam em sua própria alma. Para esse intelectual, de nada vale um estudante conhecer os conteúdos de um exame, decorar os nomes de escritores, seus manuscritos, mas não conseguir apreciar uma obra de arte,

amá-la, levá-la em seu coração como o melhor de si mesmo, como levam esses anciãos camponeses a poesia tradicional. Que podem ser para a cultura os filhos e os netos destes, formados pela educação pública do país, que deixariam morrer, se não fosse salvo, esse fogo sagrado que arde nas

³⁴⁵ ROUGÈS, Alberto. *Educación y Tradición*. Buenos Aires: Comisión Argentina de Publicaciones e Intercambio, 1937, p.4, tradução do autor.

campanhas do Norte, este vestígio magnífico do Século de Ouro espanhol, essa importante tradição poética várias vezes secular? De que importa o tanto que tinham aprendido, o que importa que tenham levado em memória alguns dias, talvez alguns meses, um catálogo ou uma biblioteca? (...) Nada valem para a cultura os numerosos que hoje vivem dela, que por cobiçar dinheiro ou renome, desempenham funções diretivas em institutos cuja finalidade declarada é a cultura, nada vale para esta a maioria de nossos catedráticos que ensinam um saber de cultura que possuem nada mais do que um afã de lucro, que não colocam fervor em seu saber, que carecem de valores culturais, como sua vida evidencia. Sacerdotes sem fé, a quem transmitirão o que não tem?³⁴⁶

Em seus escritos, Rougès busca argumentar que estes anciãos, mesmo sem ter aceso à educação formal, são mais cultos do que os alunos que passaram por ela, pois se interessam por “coisas da cultura³⁴⁷”. Junto a isto, o intelectual tucumano também critica a sociedade em que vive, caracterizando-a como uma sociedade de vida fácil, que se orgulha da riqueza e do poder material, mas que abandonou a cultura. E diante disto, questiona-se:

será que nossa educação pública é importante para enfrentar a tendência excessivamente materialista de nosso ambiente social, sua orientação quase exclusivamente voltada para finalidades puramente econômicas? Ou será que a concepção de vida humana que busca realizar nossa educação pública é essencialmente materialista?³⁴⁸

Para Rougès, o abandono dos valores tradicionais se deve pela expansão de uma educação comum que não preza pela cultura e nem pela religiosidade. Este problema vai além, pois é preciso considerar que aqueles que se formam nos ensinos médio e superior do país possuem “papel dirigente³⁴⁹”, ou seja, são dotados de prestígio e são modelos para os demais, tendo a função de orientar a sociedade. Esta passagem revela a percepção que o autor tem não só do outro como de si, afinal se um intelectual graduado possui tal função, ele, como doutor em direito, também é apto a exercê-la.

Dessa forma, “os beneficiados pela educação pública estão obrigados a não se deixarem absorver pela atividade econômica e por valores materiais. Devem ser guiados por valores espirituais, devem estar a serviço de uma vida espiritual. Porque a vida econômica é incapaz de regular a si mesma³⁵⁰”. Na perspectiva de Rougès, quanto mais bens materiais as pessoas possuem, mais os querem, o que configura a vida econômica como barbárie³⁵¹, pois faz com que o homem perca sua essência, a elevação moral e a capacidade de contemplação

³⁴⁶ ROUGÈS, Alberto. *Educación y Tradición*. Buenos Aires: Comisión Argentina de Publicaciones e Intercambio, 1937, p.6, tradução do autor.

³⁴⁷ Idem.

³⁴⁸ Ibidem p.8, tradução do autor.

³⁴⁹ Ibidem, p.9, tradução do autor.

³⁵⁰ Idem.

³⁵¹ Ibidem, p.10.

estética, o que leva a sociedade à ruína. Segundo o autor, naqueles formados pelo ensino público não seria encontrado “conhecimento puro, desinteressado, a capacidade de estimar valores de cultura e menos ainda um fervor por estes. Não busquemos neles o fogo sagrado da vida espiritual³⁵²”.

Todos estes valores, essencialmente materialistas, levam o autor a concordar com a tese estabelecida no início do século XX de que os imigrantes eram os grandes responsáveis por propagar a preocupação com a vida material, deixando de lado atividades relacionadas ao espírito. Desta forma, tanto a educação quanto o meio social formaram indivíduos com a mesma tendência de afastamento da vida espiritual e religiosa, que passavam a fazer parte da vida do argentino apenas no momento da morte e do matrimônio. Por isso a necessidade de estudos e compilados como o de Carrizo pois, a partir deles seria possível visualizar quais valores de fato integram a cultura nacional.

A todo momento Rougès faz menções elogiosas à obra de Carrizo e sua importância para a preservação dessas obras populares que corriam o risco de serem esquecidas permanentemente. Partindo deste princípio, justifica que é dever dos dirigentes não deixarem que tamanha preciosidade se perca, sendo sua função impedir seu desaparecimento e entregá-la às próximas gerações. Para que esta cultura campesina e popular não desapareça e volte a ser tão vigorosa quanto foi no passado, é necessário que ela faça parte da vida escolar.

Para que deixasse de fracassar, a educação pública deveria formar criadores de cultura e um público que a aprecie, e não meros reprodutores do conteúdo decorado em sala. Para isso, era necessário que adotasse o ensino da “arte tradicional, excluída até agora quase por completamente da educação, por pedantaria ou incompreensão dos profissionais³⁵³”. Todo o ensino dos valores tradicionais e espirituais seriam responsáveis por solidificar valores morais que, por sua vez, estão relacionados também à uma formação religiosa, visto que “um povo nunca possuiu moral sem religião. Quando essa desaparece, aquela se debilita e morre, como uma planta da qual se arrancou a raiz³⁵⁴”. Logo, a melhor forma de formar crianças com valores morais, espirituais e religiosos seria recorrer à tradição.

A crítica de Rougès então estende-se ao que ele chama de países da civilização ocidental, que abandonaram a formação religiosa e moral e que passaram a se importar apenas com conhecimentos relacionados ao mundo físico. Contudo, mesmo que abandonada, “a

³⁵² ROUGÈS, Alberto. *Educación y Tradición*. Buenos Aires: Comisión Argentina de Publicaciones e Intercambio, 1937, p.12, tradução do autor.

³⁵³ Ibidem, p.19, tradução do autor.

³⁵⁴ Ibidem, p.21, tradução do autor.

tradição segue vivendo nos humildes de coração e, por isso, como no evangelho, a verdade e a vida estão nesses e não entre os sábios e presunçosos seculares³⁵⁵.

Considerando toda a construção argumentativa de Rougès exposta no prólogo desse trabalho, a influência que suas concepções sofrem dos escritos de Rodó são nítidas. Contudo, o contexto social e político pelo qual a Argentina passava também deixa suas marcas. Nessa perspectiva, o tucumano apropria-se³⁵⁶ da obra *Ariel* em um momento em que a ameaça à “cultura espiritual” da nação não vinha dos Estados Unidos, mas sim do avanço das pautas defendidas e propostas pelos radicais, vistas pelo autor como elementos não pertencentes a seu país. Portanto, a cultura utilitarista que aparece em Rodó como uma ameaça estadunidense, é retomada por Rougès como o materialismo que se expandiu com as vitórias e conquistas radicais, sendo necessária uma retomada da tradição para combater um elemento externo à nação. O trabalho de Juan Alfonso Carrizo tem justamente o propósito de resgatar os elementos tradicionais da sociedade argentina que, naquele período, eram encontrados apenas nas antigas gerações que habitavam o interior das províncias do Noroeste e não haviam sido contaminadas pela cultura materialista que se expandia a partir de Buenos Aires com a educação comum.

Desse modo, os *Cancioneros* de Carrizo estão ideologicamente alinhados com as concepções filosóficas apresentadas por Rougès. Apesar de em *Antiguos Cantos Populares Argentinos* (1926) essas aproximações ideológicas já serem visíveis, é apenas nas publicações da década de 1930, após a relação de mecenato estar estabelecida, que o catamarquenho passa a fazer frequentes menções a valores espirituais e combate ao materialismo. Assim, estabelecer a cultura hispânica e católica como representante da identidade argentina também funciona como um instrumento de legitimação simbólica para o grupo conservador de Tucumán frente ao radicalismo, seu principal adversário político durante as últimas décadas, e outros partidos. Esse projeto de identidade seria divulgado, caso o planejado pelos tucumanos fosse posto em prática, através da educação comum, o que torna ainda mais evidente o caráter político do estudo do folclore. Portanto, os *Cancioneros* de Carrizo cumprem o propósito de documentar as manifestações populares das províncias do Noroeste, excluindo o que era visto como indesejado por estes intelectuais, servindo como prova material das afirmações que faziam a respeito da identidade da nação. Ao mesmo tempo, os livros do catamarquenho

³⁵⁵ ROUGÈS, Alberto. *Educación y Tradición*. Buenos Aires: Comisión Argentina de Publicaciones e Intercambio, 1937, p.23, tradução do autor.

³⁵⁶ Retoma-se o conceito de Chartier [2002, p.68], que entende a apropriação como o processo de uma nova construção de sentido sobre um determinado material.

também constroem representações de uma argentinidade da qual apenas os conservadores das províncias do Noroeste argentino, principalmente de Tucumán, são portadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta dissertação, buscamos demonstrar como o interesse pelo folclore e a identidade nacional argentina das primeiras décadas do século XX revelam mais do que discussões de um campo intelectual em processo de consolidação, sendo também objeto de disputas políticas, a partir dos quais grupos distintos criaram representações de uma argentinidade que estava relacionada às características que partilhavam. Dessa forma, buscamos fontes cuja análise fosse capaz de responder questões que de alguma forma estivessem relacionadas a esse tema, tendo como foco as representações de folclore e identidade nacional construídas por Ricardo Rojas e Alfonso Carrizo, explorando também os eventos que marcaram o período delimitado (1917-1939).

É evidente que, na Argentina, a atenção dos setores intelectuais pelo folclore esteve intimamente relacionada às consequências de processos iniciados pela modernidade. No começo do século XX, os estudiosos foram motivados pelos efeitos da imigração e urbanização, que transformavam os cenários do país e pareciam sufocar a cultura tradicional. Posteriormente, nas iniciativas de Carrizo, o interesse pelo tema esteve relacionado a uma resposta conservadora às demandas de grupos constituintes de uma política de massas que, na perspectiva desse autor, afastavam o argentino de sua cultura tradicionalmente hispânica e católica, colocando-o em busca unicamente de realizações materiais.

É interessante notar como o contexto do golpe militar de 1930 aparece como fator determinante para o posicionamento político-ideológico de Rojas. Se nos anos anteriores esse autor não demonstrava suas posições de forma tão incisiva, em *El Radicalismo de Mañana*, toda a ideia da consolidação de uma democracia verdadeiramente argentina passa pelo governo radical. Nesse livro, buscando atrelar a argentinidade ao radicalismo, o autor tenta demonstrar como a independência, a consolidação das instituições liberais e a ampliação do sufrágio foram lutas radicais, mesmo que o partido ainda não existisse de fato durante alguns desses eventos. Vale destacar o apreço pelo nacional presente na obra, sendo essa, aliás, a principal crítica que o autor dirige aos socialistas argentinos: apesar de justos em suas reivindicações em busca de melhorias para os trabalhadores, ignoravam completamente quaisquer elementos ligados à argentinidade³⁵⁷.

Com o avanço da análise das fontes selecionadas, novas questões foram incorporadas, assim como novas relações e filiações político-ideológicas apareceram. Dentre estas,

³⁵⁷ ROJAS, Ricardo. *El Radicalismo de mañana*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946, p.231.

destacam-se os frequentes contatos entre José Enrique Rodó e Alberto Rougès, ambos intelectuais que, partilhando de origem semelhante, também tinha preocupações similares. A partir desse diálogo, para além das ideias partilhadas via correspondências, Rougès também realizou uma apropriação bastante particular da obra *Ariel*, a partir da qual criou uma categoria semelhante à de utilitarismo, para traçar um equivalente na Argentina. Com uma perspectiva alinhada à do intelectual uruguaio, Rougès apresenta a ideia de que seu país, na década de 1930, está tomado por uma cultura materialista, que havia se espalhado, principalmente, através da educação comum.

Essa chave de leitura é bastante interessante, pois o principal opositor dos industriais tucumanos foi o responsável pela expansão da educação pública e pela melhoria das condições materiais dos trabalhadores provinciais. Enquanto no período da Ordem Conservadora as jornadas de trabalho excediam 12 horas diárias e o trabalho de mulheres e crianças não possuía qualquer regulamentação, durante os anos de governo radicais, os esforços para aprovar as leis trabalhistas reverteram esse cenário.

De certa forma, esse era um ataque direto ao capital econômico dos conservadores tucumanos, que perdiam também posições dentro do sistema político. As preocupações materiais aparecem como causa de uma suposta decadência da cultura argentina, mas apenas quando essas preocupações são expressas nas políticas da União Cívica Radical. O industrial, capaz de expor seus interesses politicamente e com isso conseguir protecionismo ao açúcar de sua província, não era considerado uma ameaça à argentinidade, mas sim o seu maior representante por possuir contato com a cultura hispânica e católica presente unicamente no interior do país. As formulações sobre o nacional de Carrizo, que estão amparadas na apropriação de Rodó feita por Rougès, buscam conciliar duas posições contraditórias: tornar aceitável toda a acumulação de capital econômico, cultural e social das elites industriais, ao mesmo tempo em que aponta para as preocupações materialistas da UCR como maléficas para o país.

Contudo, o intelectual catamarquenho nem sempre partilhou desses ideais. No livro *Antiguos Cantos Populares Argentinos* (1926), o primeiro de seus *Cancioneros*, Carrizo não faz menção a uma suposta degeneração da cultura argentina frente ao avanço de um materialismo que se expandia a partir de Buenos Aires, tampouco valoriza a cultura de sua província a partir de valores relacionados à espiritualidade. Claramente, é apenas após o estreitamento de suas relações com os industriais tucumanos que tais referências passam a estar presentes em sua obra.

Diante disso, o conceito de rede de sociabilidade de Jean-François Sirinelli foi bastante útil à nossa análise. Considerando toda a trajetória de Carrizo como escritor, essa ferramenta nos ajudou a delimitar como um professor da província de Catamarca, ao mudar-se para Buenos Aires, foi capaz de se inserir em um campo intelectual cujos atores centrais possuíam em comum a origem em famílias tradicionalmente ricas e influentes na vida política da nação. Ao se aproximar de Padilla, Carrizo passou a fazer parte de redes de sociabilidades que integravam figuras notáveis da intelectualidade e vida política da Argentina, galgando prestígio e reconhecimento no campo intelectual que se dedicava ao folclore.

É evidente que nem toda a trajetória desse autor se deve aos industriais tucumanos, tendo em vista sua capacidade de negociar com setores distintos do espectro da direita argentina, como ilustrado nas menções que faz à Juan Manuel de Rosas em uma palestra na qual Carlos Ibarguren estava presente.

O afastamento de Carrizo em relação às províncias do interior, que deixa de visitá-las após concluir sua pesquisa e obtido o cargo de diretor do Instituto Nacional de la Tradición em Buenos Aires suscita novas questões a serem exploradas: o alinhamento ideológico de Carrizo com os tucumanos manteve-se nos anos seguintes? Os industriais tucumanos ainda o viam como um aliado, ou a partir do momento em que ele passa a viver em Buenos Aires a relação é rompida? A atuação de Carrizo frente ao instituto mantém alinhamentos político-ideológicos à perspectiva de Rougès? Quais eram suas responsabilidades frente ao instituto em questão? A relação de Carrizo com Rojas continua conflituosa, tendo em vista os posicionamentos de ambos durante os anos de governo de Juan Domingo Perón (1895-1974)?

Embora menos estudados do que outros intelectuais que se dedicam às formulações em torno da identidade nacional argentina, como o próprio Ricardo Rojas, a trajetória de Alfonso Carrizo lança luz sobre o papel das elites interioranas na construção de representações sobre folclore, cultura popular e argentinidade. Contrapondo-se às políticas da União Cívica Radical e aos intelectuais estabelecidos em Buenos Aires, as concepções de Carrizo, das quais os conservadores do Noroeste partilhavam, evidenciam as disputas pelo poder em um momento de grandes mudanças.

REFERÊNCIAS

Fontes

BAIOCCO. [Correspondência]. Destinatário: Ernesta Padilla. Buenos Aires, 3 jan. 1934. 1 carta.

CARRIZO, Juan Alfonso. *Antiguos Cantos Populares Argentinos (Cancionero de Catamarca)*. Buenos Aires: Silla Hermanos, 1926.

CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires, 20 jun. 1934, 1 carta.

CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires, 16 out. 1936. 1 carta.

CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires, 28 maio. 1937. 1 carta.

CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires, 22 out. 1937. 1 carta.

CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires, 20 nov. 1937. 1 carta.

CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. La Rioja, 3 nov. 1938, 1 carta.

CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Ricardo Rojas. Buenos Aires, 7 set. 1926. 1 carta. In: JACOVELLA, Bruno. *Juan Alfonso Carrizo*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1963.

CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Alfonso de Baferrère. São Miguel de Tucumán, 13 dez. 1935. 1 carta.

CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto Padilla. La Rioja, 19 abr. 1938. 1 carta.

CARRIZO, Juan Alfonso. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto Padilla. Tucumán, 14 dez. 1935. 1 carta.

CARRIZO, Juan Alfonso. *Cancionero Popular de Salta*. Buenos Aires: A. Baiocco y cia., 1933

CARRIZO, Juan Alfonso. *Cancionero Popular de Tucumán*. Buenos Aires: A. Baiocco y cia, 1937.

CARRIZO, Juan Alfonso. *Cantares Tradicionales del Tucuman: (Antologia) de los cancioneros de Catamarca, Salta, Jujuy, Tucumán y La Rioja*. San Miguel de Tucumán: Universidade Nacional de Tucumán, 1974.

JACOVELLA, Bruno. [*Correspondência*]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 18 dez. 1937. 1 carta.

MANTOVANI, Juan. [*Correspondência*]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 9 dez. 1935. 1 carta.

PADILLA, Ernesto. [*Correspondência*]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 22 set.1933. 1 carta.

PADILLA, Ernesto. [*Correspondência*]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 06 set.1935. 1 carta.

PADILLA, Ernesto. [*Correspondência*]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 12 nov.1935. 1 carta.

PADILLA, Ernesto. [*Correspondência*]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 30 março 1936. 1 carta.

PADILLA, Ernesto. [*Correspondência*]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 23 maio 1936. 1 carta.

PADILLA, Ernesto. [*Correspondência*]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 13 dez.1935. 1 carta.

PADILLA, Ernesto. [*Correspondência*]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 14 ago.1937. 1 carta.

PADILLA, Ernesto. [*Correspondência*]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 14 ago.1937. 1 carta.

PADILLA, Ernesto. [*Correspondência*]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. São Miguel de Tucumán, 10 abril 1935. 1 carta.

PADILLA, Ernesto. [*Correspondência*]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Buenos Aires, 26 ago. 1935. 1 carta.

PADILLA, Ernesto. [*Correspondência*]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Buenos Aires, 7 abril 1938. 1 carta.

PADILLA, Ernesto. [*Correspondência*]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Buenos Aires, 28 maio. 1938. 1 carta.

PADILLA, Ernesto. [*Correspondência*]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Buenos Aires, 28 maio. 1938. 1 carta.

PADILLA, Ernesto. [*Correspondência*]. Destinatário: Octávio S. Pico. Buenos Aires. 13 dez. 1933, 1 carta.

PADILLA, Ernesto. *Prólogo*. In: Carrizo, Juan Alfonso. *Antiguos Cantos Populares Argentinos (Cancionero de Catamarca)*. Buenos Aires: Silla Hermanos, 1926.

RODÓ, José Enrique. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Montevideo, 25 abril 1905. 1 carta.

ROJAS, Ricardo. [Correspondência]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Buenos Aires, Set. 1926. 1 carta. In: JACOVELLA, Bruno. *Juan Alfonso Carrizo*. Buenos Aires: Ediciones Culturales Argentinas, 1963.

ROJAS, Ricardo. *El Radicalismo de mañana*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1946.

ROJAS, Ricardo. *Historia de la Literatura Argentina: los gauchescos*. Cidade: Coni Hermanos, 1917.

ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto E. Padilla. Tucumán, 29 jul.1933. 1 carta.

ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto E. Padilla. Tucumán, 18 jul.1934. 1 carta.

ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto E. Padilla. Tucumán, 15 abril 1935. 1 carta.

ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto E. Padilla. Tucumán, 20 maio 1935. 1 carta.

ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto E. Padilla. Tucumán, 1 jun.1936. 1 carta.

ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto E. Padilla. Tucumán, 3 nov.1937. 1 carta.

ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Ernesto E. Padilla. San Miguel de Tucumán. 12 jan. 1936. 1 carta.

ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: José Enrique Rodó. Tucuman, 20 dez. 1913. 1 carta.

ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Tucumán, 7 nov.1938. 1 carta.

ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Juan Alfonso Carrizo. Tucumán, 19 fev.1939. 1 carta.

ROUGÈS, Alberto. [Correspondência]. Destinatário: Juan Mantovani. Tucumán, 28 fev.1935. 1 carta.

ROUGÈS, Alberto. *Educación y Tradición*. Buenos Aires: Comisión Argentina de Publicaciones e Intercambio, 1937.

TERÁN, Juan Benjamín. [Correspondência]. Destinatário: Alberto Rougès. Buenos Aires. 2 dez. 1937. 1 carta.

Bibliografia

- ALONSO, Paula. *Jardines secretos, legitimaciones públicas. El Partido Autonomista Nacional y la política argentina de fines del siglo XIX*. Buenos Aires: Edhasa, 2010.
- ARGENTINA. *Decreto-Lei nº 946, de 8 de julho de 1935*. Aprova a criação da Junta Conservadora del Archivo Histórico de la Provincia. In: *Alberto Rouges – Correspondência (1905-1945)*. San Miguel de Tucumán: Centro Cultural Alberto Rougès, 1999.
- BEIRED, José Luís Bendicho. *Toqueville, Sarmiento e Alberdi: três visões sobre a democracia nas Américas*. In: **História** (São Paulo) v.22 nº 2, 2003.
- BERSTEIN, Serge. *A cultura política*. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean François. *Por uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.
- BLACHE, Marta. *Folklore y Nacionalismo em la Argentina: su vinculación de origen y su desvinculación actual*. In: **Runa: arquivo para las ciências del hombre**. v.20, nº.1, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *O capital social – notas provisórias*. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de uma teoria da prática*. In: Ortiz, Renato (org.). *Coleção Grandes Cientistas Sociais*. São Paulo: Ática, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRAVO, Maria Cecilia. *Agrarismo y Conflicto Social em Tucumán en la década de 20*. In: **Anuario del Centro de Estudios Históricos “Prof. Carlos S. A. Segretia”** vol. 8, 2008.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2003.
- CHAMOSA, Oscar. *Breve História del Folklore Argentino 1920-1970: identidade, política y nación*. Buenos Aires: Edhasa, 2012.
- CHAMOSA, Oscar. *The Argentine Folklore Movement: sugar elites, workers, and the politics of cultural nationalism, 1900-1955*. Tucson: The University of Arizona Press, 2010.
- CHARTIER, Roger. *“Cultura Popular”: revisando um conceito historiográfico*. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.8, nº16, 1995.
- CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Rio Branco: UFRGS, 2002.
- CHEIN, Diego José. *Escritores y estado en el centenario: apogeo y dispersion de la literatura nativista argentina*. In: **Revista Chilena de Literatura** Ñuñua, nº. 77, 2010.

CHEIN, Diego José. *Provincianos y porteños: la trayectoria de Juan Alfonso Carrizo en el período de emergencia y consolidación del campo nacional de la folklorología (1935-1955)*. In: ORQUERA, Fabiola (org). *Ese ardiente jardín de la república. Formación y desarticulación de un “campo” cultural: Tucumán, 1880-1975*. Córdoba: Alción Editora, 2010.

FERRÁS, Graciela. *Ricardo Rojas: nacionalismo, inmigración y democracia*. Buenos Aires: UEDEBA, 2017.

FREDRIGO, Fabiana de Souza. *História e Memória no Epistolário de Simón Bolívar (1799-1830)*. 2005. 273 f. **Tese** (Doutorado) –Faculdade Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Franca, 2005.

FUNES, Patricia. *Leer versos con los ojos de la historia. Literatura y nación en Ricardo Rojas y Jorge Luis Borges*. In: **História** [online], vol.22, nº2, 2003, p. 109. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010190742003000200006&script=sci_abstract&tlng=e s Acesso em: 10/09/2022.

FUNES, Patrícia. *Salvar la Nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires, Prometeo Libros Editorail, 2006.

GARCIA, Tânia da Costa. *Do Folclore à Militância: a canção latino-americana no Século XX*. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

GOTTHELF, René. *La filosofía de Alberto Rougès*. In: **Revista Cuyo** v.3, nº1, 1967.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HERRERA, Claudia Elina. *Elites e Poder en Argentina y España en la segunda mitad del siglo XIX*. 251 f. **Tese** (Doutorado em História). Universidade Complutense de Madrid em Madrid, 2003.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HORA, Roy. *Autonomistas, radicales y mitristas: el orden oligárquico en la provincia de Buenos Aires (1880-1912)*. In: **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana “Dr. Emilio Ravignani”**, v.23, nº 3, 2001.

JACOVELLA, Bruno. *Juan Alfonso Carrizo*. Buenos Aires: Leonardo Impresora, 1963.

KALIMAN, Ricardo. *Alhajita es tu canto: el capital simbólico de Atahualpa Yupanqui*. Córdoba: Comunic-arte Editorial, 2004.

LICHTMAJER, Leandro Ary. *El Precio de la Democratización. El rol de los empresarios azucareros en el financiamiento del Partido Liberal (Tucumán, 1917-1930)*. In: **Quinto Sol**. v.24, nº2, 2020.

MAILHE, Alejandra. *Ricardo Rojas: viaje al interior, la cultura popular y el inconsciente*. In: **Anclajes**, v. 21, n°1, 2017.

MINELLI, Ivía. *La Tradición se Apea: Revistas Criollas e Intelectualidade Criollista na Argentina (Final do século XIX – Início do XX)*. 2018. 208 f. **Tese** (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2018.

NEIA, Vitor Hugo. *A Encuesta Nacional del Folklore de 1921: cultura popular e nacionalismo argentino*. 2016. 235 f. **Dissertação** (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

ORTIZ, Renato. *Românticos e Folcloristas: cultura popular*. São Paulo. Ed. Olho d'água, 1993.

PELLEGRINO, Gabriela Soares. *Monteiro Lobato, Juan P. Ramos e o papel dos inquéritos folclóricos na formação cultural e política da nação*. In: **Varia Historia**, v. 31, n.56, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=3844/384441899006>. Acesso em 20/02/2021.

PERSELLO, Ana Virginia. *El Partido Radical: gobierno y oposición, 1916-1943*. 371 f. **Tese** (doutorado em história). Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Buenos Aires, 2003.

PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina do século XIX: tramas telas e textos*. São Paulo: EDUSP, 2004.

PRIETO, Adolfo. *El Discurso Criollista em la Formación de la Argentina Moderna*. Tucumán: Siglo Veintiuno Editores, 2006.

ROCK, David. *El Radicalismo Argentino: 1890-1930*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1997.

ROMERO, Luís Alberto. *Breve historia contemporánea de la Argentina*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001.

ROZOTTO, David. *El criollismo em la América de habla hispana: revisita y reflexiones sobre el patrimonio de una literatura centenaria*. In: **Literatura: teoría, historia, crítica**, v. 21, n. 1, 2019.

SANTAMARIA, Daniel. *Azucar y sociedade en el Noroeste Argentino*. Buenos Aires: Ediciones del Ides, 1986.

SANTIAGO, Javier Sanchez. *El aporte del “criollismo” a la forja de la identidad nacional argentina*. In: **Tinkuy**, n.12, 2010.

SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

SMITH, Anthony. *Comemorando a los muertos, inspirando a los vivos: mapas, recuerdos y moralejas en la recreación de las identidades*. In: **Revista Mexicana de Sociología**, v. 60, n.1, 1998

VIGNOLI, Marcela; ZJWAIN, Gloria; ZUCCARDI, Soledad Martinez. *Institucionalización de la cultura: expresiones, nuevos actores, sociedade y estado, 1870-1916*. In: VIGNOLI, Marcela (Org). *La Cultura en Tucumán: artistas, instituciones, prácticas*. Buenos Aires: Imagino Mundi, 2007.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZUCCARDI, Soledad Martinez. *Imaginando el Tucuman cultural: la elaboración de discursos acerca de la provincia a comienzos del siglo XX*. In: VIGNOLI, Marcela (Org). *La Cultura en Tucumán: artistas, instituciones, prácticas*. Buenos Aires: Imagino Mundi, 2007.

ZUCCARDI, Soledad Martinez. *Una publicación cultural fundacional: la Revista de Letras y Ciencias Sociales*. In: VIGNOLI, Marcela (Org). *La Cultura en Tucumán: artistas, instituciones, prácticas*. Buenos Aires: Imagino Mundi, 2007.